







# O QUE PODE O GASÔMETRO?

devir e experimentação na  
Zona Portuária do Rio de Janeiro

BRUNO AMADEI MACHADO

ORIENTAÇÃO: FERNANDA SÁNCHEZ

SUPERVISÃO: DINAH GUIMARAENS

EAU - UFF. TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO. 2013/1





*O que resta de centelha humana, de criatividade possível, em um ser privado do sono às seis horas a cada manhã, que se equilibra nos trens suburbanos, ensurdecido pelo ruído das máquinas, lixiviado, cozido a vapor pelas cadências, os gestos privados de sentido, o controle estatístico, e jogado ao fim do dia nos saguões das estações, catedrais de partida para o inferno das semanas e o ínfimo paraíso dos finais de semana, onde a multidão comunga a fadiga e o embrutecimento?*

Raoul Vaneigem





## **AGRADECIMENTOS**

Um obrigado especial à professora Fernanda Sánchez, pela sensibilidade e comprometimento excepcional durante todos estes meses. Por ter orientado, apoiado e, acima de tudo, respeitado os rumos deste TFG.

Nem início nem fim, este trabalho privilegiou o processo: agradeço imensamente aos arquitetos externos que participaram da pré-banca, Pedro de Novais e Adriana Caúla, pela avaliação sincera e construtiva. Nos espaços da internet, um muito obrigado aos demais graduandos e companheiros virtuais, por sempre terem acompanhado e contribuído para a discussão.

Aos funcionários dos acervos consultados: Centro Cultural Light, Biblioteca Nacional, IHGB e Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, pela boa vontade que torna qualquer trabalho mais prazeroso. À CEG Rio e à Sra. Daniela Pontes, pela autorização concedida e atenção durante a visita ao Gasômetro.

Aos professores da EAU, em especial à Sonia Ferraz, Cristina Nacif e Juarez Duayer, que no cotidiano me fizeram acreditar na potência da universidade pública, gratuita e de qualidade. À Ju e à Fabi, pelos dias agradáveis no laboratório de pesquisa Arquitetura da Violência. À professora Sonia Ferraz, mais uma vez, por tudo.

Agradeço pelos outros espaços de aprendizagem, do outro lado da Baía e mais além. Aos arquitetos e paisagistas da Embyá - Paisagens & Ecossistemas. Aos arquitetos e militantes do NAPP - Núcleo de Assessoria Planejamento e Pesquisa. Aos arquitetos e artistas da Karch - Royal Danish Academy of Fine Arts, School of Architecture.

Agradeço aos amigos que estiveram presentes. Aos quase cariocas, quase macaenses, quase dinamarqueses. Aos que têm me acompanhado desde o início e aos que, por muita ou por nenhuma razão, se afastaram antes deste agradecimento.

Dedico este trabalho ao Clovis, às Marias e ao Roberto. Pelo amor, presença e confiança sem fim. Ao Luigi, pela família que aos poucos vai crescendo.

Por fim, aos lugares por onde passei. Ao Rio e aos que ainda passarão.





# SUMÁRIO

1. <b>PREFÁCIO</b> .....	9
1911: GASÔMETRO E MODERNIDADE	
2. <b>APONTAMENTOS INICIAIS</b> .....	15
1915: O MAIOR GASÔMETRO DO MUNDO	
○ 3. <b>O PENSAMENTO RIZOMÁTICO</b> .....	25
1970-2013: DA NAFTA AO GÁS NATURAL	
1970-2013: DO GÁS NATURAL AO ABANDONO	
4. <b>O GASÔMETRO NO CONTEXTO OLÍMPICO E MARAVILHOSO</b> .....	37
1068: O CASO PÁRA-SAR	
1901-2011: MEMÓRIA REINVENTADA	
○ 5.1 <b>DEVIR, HISTÓRIA, EXPERIMENTAÇÃO</b> .....	51
1911-1971: TRABALHO E MODERNIDADE	
○ 5.2 <b>O LISO E O ESTRIADO</b> .....	57
2001-2012: DO GÁS À PROMESSA HABITACIONAL	
○ 6.1 <b>BERNARD TSCHUMI E O PARC DE LA VILLETTE: LIMITE, INSTABILIDADE E DISJUNÇÃO</b> .....	65
○ 6.2 <b>REFERÊNCIAS DE INTERVENÇÕES EM PAISAGENS PÓS-INDUSTRIAIS</b> .....	79
7. <b>APROXIMAÇÃO DA ÁREA</b> .....	85
8. <b>O QUE PODE O GASÔMETRO?</b> .....	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
CITAÇÕES TRADUZIDAS	
CRÉDITO DAS IMAGENS	

FRAGMENTOS HISTÓRICOS

○ CONTRIBUIÇÃO AO PROCESSO

○ CONTRIBUIÇÃO AO PROJETO





# 1

## PREFÁCIO

Este trabalho trata do Complexo do Gasômetro de São Cristóvão, situado na Região Portuária do Rio de Janeiro. De antemão, o desejo consiste em experimentar novas possibilidades para o terreno e, ao mesmo tempo, explorar um processo de trabalho que em si não se esgote em um projeto, no sentido convencional do termo. Para tanto, recorro a referências teóricas da dupla Gilles Deleuze e Félix Guattari (por vezes faço uso da abreviação “D&G” para referir-me aos autores), além do arquiteto Bernard Tschumi, que ora se encerram em contribuições ao projeto, ora em contribuições ao processo e ao método experimentado.

Buscando uma ordem que facilite a leitura, este caderno está estruturado em capítulos e sub-capítulos, embora sua elaboração tenha ocorrido, na maior parte do tempo, de forma simultânea e correlata. Assim, o percurso aqui proposto deve ser compreendido como um convite aberto, uma sugestão de leitura que assumidamente não é a única.

No **segundo capítulo**, faço um voo rasante pelas inquietações que moveram o trabalho. Estabeleço um diálogo inicial entre os autores, introduzindo o Gasômetro à problemática e traçando intenções que guiaram o processo.

No **terceiro capítulo**, apresento o *pensamento rizomático*, conceito desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari, que desempenha papel crucial na estrutura e conseqüente leitura deste trabalho final de graduação.

No **capítulo quatro**, me desloco para a história recente do Gasômetro, relacionando as transformações que o terreno vem passando à atual conjuntura de grandes eventos internacionais e intervenções urbanísticas. Na exposição do conceito de “cidade empresa” e suas implicações sociais e culturais, um esforço é feito no sentido de desvelar o papel que o mercado vem desempenhando na imposição de novos rumos para a área.

No **quinto capítulo**, retomo algumas idéias desenvolvidas por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Os conceitos de *devenir*, *liso e estriado* são relacionados aos atributos do Gasômetro, buscando estabelecer uma leitura mais subjetiva dos fenômenos históricos e espaciais.

Ao final de cada capítulo, até o capítulo seis, apresento **fragmentos históricos** que contam a trajetória do Gasômetro e do seu entorno, de 1901 a 2013. Ao combinar, através de textos e imagens, períodos distintos em um mesmo segmento de análise, avisto a oportunidade de desfazer a história empreendida linearmente e contrapor a ela uma outra leitura, mais condizente com o método rizomático proposto.

No **capítulo 6**, trago referências do campo da arquitetura, úteis para se pensar novas possibilidades para o terreno. Em um primeiro momento, apresento a obra do arquiteto Bernard Tschumi, com atenção especial ao projeto para o Parc de La Villette. Na segunda parte, percorro exemplos de intervenções em paisagens pós-industriais que propoem outras aproximações da herança industrial.

O **capítulo 7** reúne elementos de reconhecimento da área, fotografias, análises cartográficas e experimentação gráfica ancorada na observação, desenvolvidos ao longo do processo.

No **capítulo 8**, esboço uma proposta para o terreno que, tensionando a concretude do Porto Maravilha à experimentação, não comprova a viabilidade, mas a possibilidade de se produzir outros acontecimentos no presente do Gasômetro. Este capítulo não é entendido como um resultado ou síntese dos temas abordados nos capítulos anteriores; ao invés, as propostas devem ser

encaradas como mais um desdobramento - ora subjetivo, impossível e projetual - do Trabalho Final de Graduação.

Somado a este caderno, nos últimos meses busquei alimentar continuamente uma página virtual, com trechos gráficos e textuais do exercício. No “durante”, a iniciativa foi potência própria e se constituiu em um canal permanente de troca com outros indivíduos também interessados no tema. Finalizado o exercício, a página agora serve como registro, sendo possível acessá-la no seguinte endereço: <http://gasometro-rio.tumblr.com/>

Para finalizar, vale pontuar o intenso uso que faço da experimentação gráfica, em praticamente todas as fases do trabalho e principalmente no último capítulo, na apresentação de um produto “projetual” que se aproxima de uma proposta utópica. O instrumental gráfico - mas também teórico - aqui adotado foi desenvolvido, sobretudo, graças ao acúmulo de experiências profissionais e acadêmicas que permearam os anos da graduação. Sem este acúmulo de experiências, a experimentação gráfica e aventura teórica neste momento jamais se viabilizariam.

## 1911: GASÔMETRO E MODERNIDADE



Quando em 1911, o grupo belga Société Anonyme du Gaz inaugura a fábrica de gás de São Cristóvão, outras já se encontravam em funcionamento na cidade: os gas metros do Aterrado (construído em lote não distante, situado na atual Avenida Presidente Vargas), de Vila Isabel e de Botafogo funcionavam desde 1854, 1889 e 1890, respectivamente. Contudo, o Gasômetro de São Cristóvão chamou atenção por seu tamanho e capacidade. A notícia publicada às vésperas da sua inauguração no jornal Correio do Amanhã, em 24 de Junho de 1911, ilustra o fascínio que a fábrica gerou:

*“As novas installa  es para o fabrico do gaz representam um empreendimento gigantesco. Impressiona agradavelmente entrar naquella colmeia de trabalho, onde se pode dizer ser quasi tudo feito automaticamente e com grande asseio e ordem. Quem vê exteriormente essas grandes installa  es, de cujo seio se erguem as mais altas chaminés do Rio de Janeiro, não p de ter uma vaga id a da energia, da grande actividade que lá dentro se desenvolve.”*

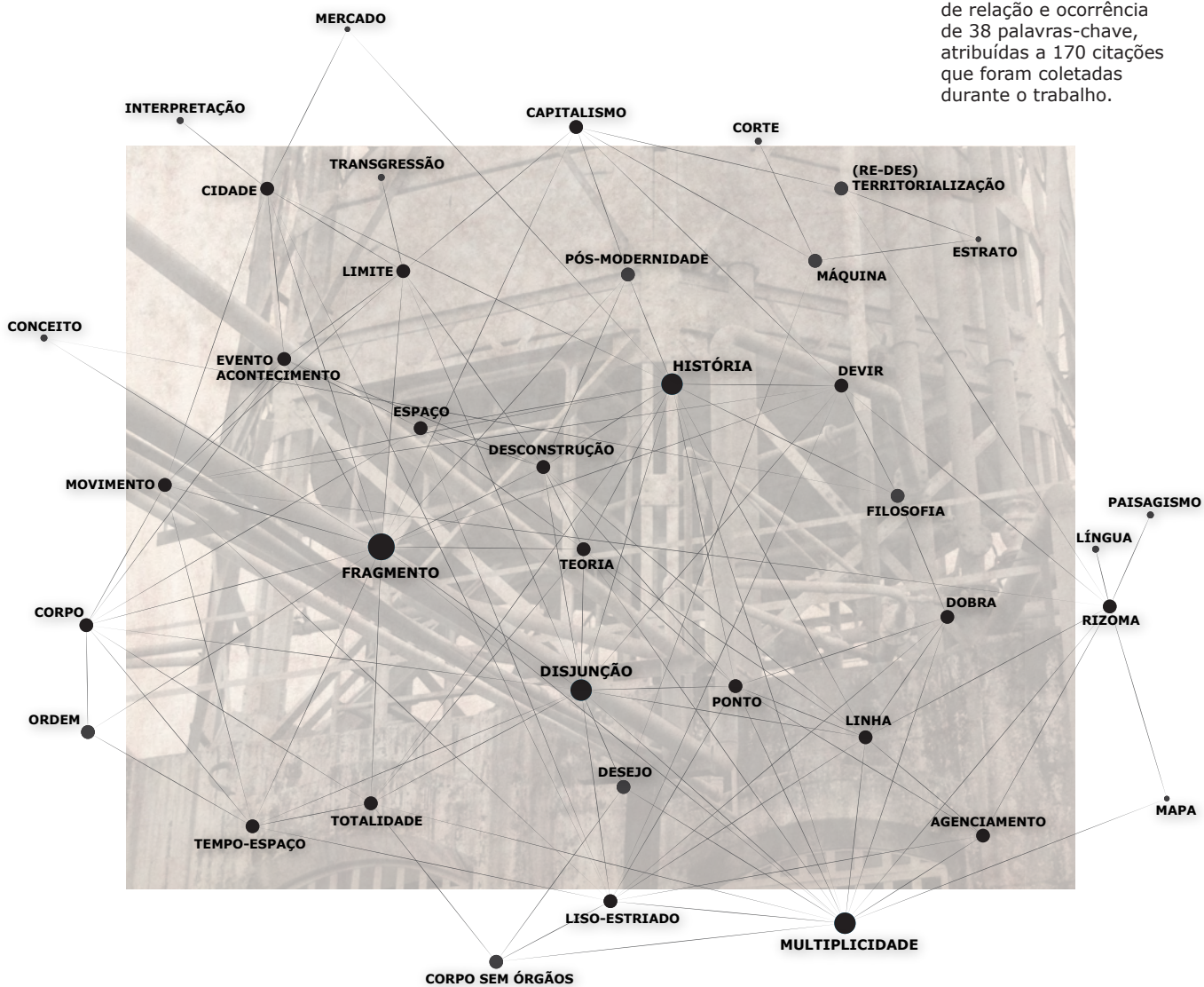
**FIG.2: Panorâmica das obras de construção do Gasômetro, 1911.**



**FIG.3: Fábrica de manuseio do carvão, Gasômetro, 1911.** À direita, retortas de destilação, unidas por um caminho suspenso para descarga do carvão. O caminho continuava por uma ponte, que conectava o Canal do Mangue à fábrica. A ponte foi demolida na década de 1970, para a construção do Elevado do Gasômetro.







- **Diagrama de rede** gerado a partir dos graus de relação e ocorrência de 38 palavras-chave, atribuídas a 170 citações que foram coletadas durante o trabalho.

## 2

### APONTAMENTOS INICIAIS

Do aporte conceitual para este trabalho, mergulho na obra de três autores, pertencentes a dois grupos que não se alinham teoricamente, embora interajam em determinados aspectos. Do primeiro grupo, o filósofo Gilles Deleuze e o psiquiatra Félix Guattari, pós-estruturalistas que a partir da década de 1970 colaboram juntos escrevendo uma série de livros, dentre os quais “O anti-Édipo” e “Mil Platôs”. Do segundo grupo, o arquiteto suíço Bernard Tschumi, adepto da teoria da desconstrução defendida por Jacques Derrida. Em paralelo à sua atuação no ensino de arquitetura, Tschumi mantém desde a década de 1980 escritório próprio. O arquiteto alia teoria e prática ao assinar diversas publicações e projetos construídos, englobando desde edifícios comerciais a equipamentos públicos de grande escala, a exemplo do Parc de la Villette, em Paris. Concomitantemente, exploro a produção de demais autores que, de alguma forma ou em determinado momento, trazem reflexões pertinentes ao objeto de estudo, o Complexo do Gasômetro.

Desconstruindo a estrutura em Tschumi ou indo além dela, no caso de Deleuze & Guattari, como conciliar as diferenças presentes nos autores?<sup>1</sup> Partindo de fragmentos conceituais, ora superficiais, ora profundos, este trabalho se inclina ao diálogo. Deleuze & Guattari dão uma pista inicial, ao afirmarem que:

*“(...) todo conceito tem um contorno irregular, definido pela cifra de seus componentes. É por isso que, de Platão a Bergson, encontramos a idéia de que o conceito é questão de articulação, corte e superposição. É um todo, porque totaliza seus componentes, mas um todo fragmentário.”*<sup>2</sup>

Da dupla Deleuze & Guattari, o pensamento rizomático influencia de forma decisiva o processo. O exercício de reconhecer o modelo arborescente de pensamento e construir uma alternativa a ele se coloca como um enorme desafio, que considero de grande potencial. Sem abrir mão do rigor desejado pela academia, minha intenção é estruturar este exercício apreendendo as possibilidades do rizoma e da multiplicidade na produção de novos enunciados<sup>3</sup>.

Corpos e espaços em movimento, movimentos de desterritorialização e reterritorialização: do rizoma absorvo também a atenção dada à ação. A intenção é fazer com que as diversas *linhas* que surgem ao longo deste trabalho se apresentem aqui de forma a respeitar a ausência de limites “início-fim” bem definidos. Se apreendido através de um pensamento arborescente, este exercício se mostrará incompleto, inacabado; contudo, se considerarmos o desejo expresso em sua estrutura rizomática, seu produto estará em movimento, transbordando do meio, pelo meio. “*Partir do meio, pelo meio, entrar e sair, não começar nem terminar.*”<sup>4</sup>

Busco compreender o conceito de liso e estriado, defendido por Deleuze e Guattari, e suas possibilidades na concepção de espaços de resistência. O estriado no tecido forma uma trama homogênea, por onde se entrecruzam fixos e variáveis, organizando linhas horizontais e verticais. O liso, fazendo alusão ao feltro, constitui-se por um espaço heterogêneo de fios, dispostos de forma enredada sem seguir direção ou limite. Segundo os autores, os espaços estriados estão em constante alisamento e vice-versa, mas é no liso que se ocupam os acontecimentos e as intensidades. É possível traçar um paralelo com o espaço urbano? Se a resposta for afirmativa, é possível estriar o liso, alisar o estriado da cidade?

Para Bernard Tschumi, o “evento” (*événement*) é o ponto de inflexão (*turning point*) da arquitetura, o lugar do choque e, ademais, por definição o lugar onde se combinam as diferenças. O autor vai além, ressaltando a potência do evento na definição dos novos rumos da arquitetura. Segundo ele:

1. Em apresentação oral intitulada “Pensamentos rebeldes e heranças cruzadas”, a historiadora e psicanalista Elisabeth Roudinesco defende que aquilo que une Foucault, Deleuze e Derrida é mais forte que aquilo que os separa. Disponível em: < <http://vimeo.com/52149298> >. Data de acesso: 19-07-2013

2. DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 27

3. DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 29

4. idem, p. 37

5. TSCHUMI, 1996, p. 256

*"The event here is seen as a turning point - not an origin or an end - as opposed to such propositions as form follows function. I would like to propose that the future of architecture lies in the construction of such events."*<sup>5</sup>

O evento do qual Tschumi nos fala se configura como referência para o exercício, pois apreendo a dimensão temporal como uma possível rota de fuga à rigidez inerente na materialização da arquitetura, ainda fixada no binômio forma-função. Através do evento, investigo maneiras de explorar a fluidez do espaço que me possibilite criar distintas programações, na esperança de ver florescer algo outro, em outras acelerações.

Jacques Derrida reflete acerca do acontecimento ao questionar, na filosofia, a *im-possibilidade* do acontecimento enquanto tal, relacionando-no à experiência do possível:

*"A história da filosofia é a história de uma reflexão em torno do que quer dizer possível, do que quer dizer ser e ser possível. Esta grande tradição da dynamis, da potencialidade, de Aristóteles a Bergson, essa reflexão na filosofia transcendental sobre as condições de possibilidade, se encontra afetada pela experiência do acontecimento enquanto ela incomoda a distinção entre o possível e o impossível, a oposição entre o possível e o impossível. É preciso falar aqui do acontecimento im-possível. Um im-possível que não é somente impossível, que não é somente o contrário do possível, que é também a condição ou a chance do possível. Um im-possível que é a própria experiência do possível."*<sup>6</sup>

6. DERRIDA, 2012

Assim, ao trazer à tona as tensões entre o possível e o impossível, minha intenção é reforçar o caráter especulativo proposto para este trabalho, que busca através da criação uma possibilidade *ainda que impossível* dos acontecimentos.

Procuro entender a forma como os três autores encaram a potência da falha, em seus respectivos campos. Ao desenvolverem certos conceitos, Deleuze & Guattari mencionam frequentemente as irregularidades e disjunções. Em referência ao conceito de máquina desejanse, os autores afirmam:

*"Tudo funciona ao mesmo tempo nas máquinas desejanse, mas nos hiatos e rupturas, nas avarias e falhas, nas intermitências e curtos-circuitos, nas distâncias e fragmentações, numa soma que nunca reúne suas partes num todo. (...) Estamos na idade dos objetos parciais, dos tijolos e dos restos. Já não acreditamos nesses falsos fragmentos que, como os pedaços de uma estátua antiga, esperam ser completados e reagrupados para comporem uma unidade que é, também, a unidade de origem. Já não acreditamos numa totalidade original nem sequer*

*numa totalidade de destinação. Já não acreditamos na grisalha de uma insípida dialética evolutiva, que pretende pacificar os pedaços arredondando suas arestas. Só acreditamos em totalidades ao lado. E se encontramos uma totalidade ao lado das partes, ela é um todo dessas partes, mas que não as totaliza, uma unidade de todas essas partes, mas que não as unifica, e que se junta a elas como uma nova parte composta à parte.”*

7. DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 61-62

Na obra de Tschumi, a disjunção ganha outros contornos. O autor reforça a idéia de que a atualidade é marcada pela disjunção e, considerando o fato de que a arquitetura só existe em relação ao mundo no qual se situa, acredita que a arquitetura deve inevitavelmente refletir traços deste fenômeno geral.<sup>8</sup> Para Tschumi, a condição atual sugere ao arquiteto a possibilidade de “reagrupar” estes pedaços deslocados de arquitetura em novos conjuntos espaciais, através de operações transformatórias, tais como a combinação, transferência, superimposição, repetição e contaminação.

8. TSCHUMI, 1996, p. 176

Na arquitetura, conceber a estrutura considerando seu inverso, suas disjunções e variações inesperadas, me permite ir além e explorar a potência daquilo que é renegado ao arquiteto: o erro. Na visão de Pasqualino Magnavita, conceitos hegemônicos - tais como unidade, identidade, razão, beleza e ordem - subordinam outros conceitos - por exemplo, diferença, multiplicidade e erro - na constituição histórica de discursos sobre a arquitetura, preservando-a como “coisa em si” e ignorando “a multiplicidade incomensurável de conexões entre componentes de natureza heterogênea.”<sup>9</sup>

9. MAGNAVITA, 2008

Explorar o erro em projeto não significa almejá-lo, mas tê-lo como parte fundamental na composição de uma proposta de arquitetura que não se reconhece enquanto totalidade. Assim, a experimentação ocupa posição privilegiada tanto no processo de diagnóstico como de projeto. Considerando que nenhuma criação existe sem experiência<sup>10</sup>, é na experimentação que valorizo e mantenho inseparável o duplo movimento de erro-acerto, possível-impossível.

10. DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 166

A escolha da área se deu por distintas razões. Soaria ingênuo afirmar que o contexto<sup>11</sup> fez surgir este trabalho, pois o estudo já se iniciou com um pré-conceito, um esboço a ser desenvolvido, o que implicou em identificar áreas da cidade que apresentassem condições favoráveis a este exercício. Ao definir como prioridade a identificação de áreas situadas no município do Rio de Janeiro, o processo pelo qual a Zona Portuária e seu entorno têm sofrido vieram ao encontro com os objetivos deste trabalho. Singular por sua posição central na geografia carioca, a região ganha destaque no chamado “*Momento Rio*”, em um contexto de rápidas transformações urbanas impulsionadas pelo horizonte

11. Tschumi contribui para a reflexão na forma como concilia em projeto o Conceito e o Contexto, entre os limites da *tabula rasa* e do *genius loci*. O autor acredita que um termo não precede o outro e, ao invés disso, ambos se afetam em três possíveis tipos de relações: Indiferença, Reciprocidade e Conflito.



de megaeventos que se desenha com vistas a Copa do Mundo da FIFA de 2014 e Olimpíadas de 2016.

Em um primeiro momento, a intenção é questionar não apenas o exíguo modelo de intervenção em tecidos pós-industriais que está sendo posto em prática na Zona Portuária através do projeto Porto Maravilha, mas também o modelo de cidade-empresa que se realiza por meio da maior parceria público-privada do país,<sup>12</sup> de CEPACS e demais instrumentos urbanísticos, em sua estreita correspondência com as forças do mercado.<sup>13</sup> Cabe, ainda que rapidamente, identificar outras referências de intervenções em paisagens afetadas por operações industriais.

12. Disponível em: < <http://portomaravilha.com.br/web/esq/imprensa/pdf/05.pdf> >. Data de acesso: 01-08-2013.

13. "No capitalismo só uma coisa é universal, o mercado." (DELEUZE, 1992, p. 213)

O recorte proposto ao projeto se volta para o Complexo do Gasômetro, na interseção dos bairros Caju, Santo Cristo e São Cristóvão. Ainda hoje, funciona no local a sede da Ceg Gas Natural Fenosa, empresa que surge após a privatização da Companhia Estadual de Gás do Rio de Janeiro em 1997. Até recentemente, o terreno serviu à cadeia de distribuição do gás manufaturado da cidade, embora tal vocação industrial de mais de cem anos agora esteja prestes a mudar. A nova legislação urbanística do Porto Maravilha, aprovada a toque de caixa pela Câmara de Vereadores em 2009, dá coro às expectativas do mercado imobiliário em relação ao local. Compreendido na "Área de Especial Interesse Urbanístico (AEIU) Porto Olímpico", o terreno do Gasômetro consta entre aqueles com o maior potencial construtivo da região, onde se permitirão edifícios de até 50 pavimentos (150m). A despeito das incertezas, enquanto os planos não se concretizam a área do complexo é mantida subutilizada.

A superfície de 12 hectares do Gasômetro é testemunha de uma modernidade exausta, onde se acumulam estratos físicos e históricos, arrastados pelo capitalismo por processos concomitantes de desterritorialização e reterritorialização. Contudo, vale pontuar que tais estratos históricos não constituíram base tão rígida e única para este exercício, uma vez que o entendimento do *devenir* esteve no centro do processo.

Na visão de Deleuze e Guattari o *devenir* não é história, pois essa designa apenas o conjunto de condições que nos fazem desviar para um *devenir*<sup>14</sup>, de modo que esta proposta para o Gasômetro ainda recai na história industrial da área, riquíssima justamente por ter sido renegada ao esquecimento, mas escapa dela ao sugerir o *devenir*. Para Tschumi, a arquitetura apenas sobrevive ao negar a forma que a sociedade espera dela, ao transgredir os limites que a história impõe.<sup>15</sup> Em outras palavras, não me intriga tanto aquilo que o Gasômetro é, mas aquilo de novo que ele pode vir a ser, para além de uma torre de 50 pavimentos.

14. DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 125

15. TSCHUMI, 1996, p. 64

Na fronteira do perímetro do Porto Maravilha e do bairro de São Cristóvão, uma intervenção na área do Gasômetro (também conhecido como Gasômetro de São Cristóvão) busca trazer a tona o *limite*. A condição de limite atribuída à área é explorada não pelo significado negativo aferido à palavra, mas por suas possibilidades enquanto transição, interseção de realidades, de diferença. Para Paola Jacques:

*“A questão principal não está mais nem de um lado nem do outro, mas no entre, entre dois espaços distintos (...). Estar entre não significa, aqui, estar isolado de um lado e de outro, mas sim estar ao mesmo tempo nos dois lados, na interseção. Ou seja, significa uma possibilidade de abertura, uma ponta, um espaço de passagem tanto para um lado quanto para o outro.”*<sup>16</sup>

16. JACQUES, 2001, p. 154-155

Cabe frisar que este exercício almeja produzir, antes de um espaço concreto, um espaço possível.<sup>17</sup> Para tanto, tenho como auxílio a produção gráfica, que resulta em mapas e diagramas como instrumentos para torná-lo possível. Tendo como suporte a experimentação, opero leituras alternativas que fogem dos saberes constituídos, da estrita análise pragmática dos processos espaciais. Na tentativa de analisar a área por meio de um conjunto de métodos singulares, faço uso de técnicas de cinema, cronofotografia, edição digital e sequências de quadros, aludindo ao aspecto cinemático presente na obra de Bernard Tschumi. Deleuze e Guattari ressaltam a potência da produção de mapas e sua relação com o rizoma, em oposição ao decalque:

*“Fazer o mapa, não o decalque. (...) Se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real. O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. (...) O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação.”*<sup>18</sup>

17. “Estes universos não são nem virtuais, nem atuais, são possíveis, o possível como categoria estética (...), a existência do possível, enquanto que os acontecimentos são a realidade do virtual, formas de um pensamento-Natureza que sobrevoam todos os universos possíveis.” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 230)

18. DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 22

O *pensamento por figuras*<sup>19</sup> do qual Deleuze e Guattari nos falam consiste em base para a apreensão dos conceitos aqui trabalhados. Pois o mapa, por exemplo, é uma noção desenvolvida pelos autores que se refere antes ao pensamento rizomático do que à simples representação da superfície terrestre. Contudo, tal fato não exclui a opção de assumir para si e relacionar o mapa de D&G à representação gráfica, uma vez que a potência dos conceitos dos autores se dá justamente na possibilidade de se criar *encontros*, entre distintos sujeitos e campos de estudo. O diálogo que Deleuze promove, por exemplo, ao falar da

19. DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 118

20. Em depoimento gravado, Deleuze cita cartas endereçadas a ele, dentre elas a dos surfistas que afirmam habitar a dobra das ondas. O vídeo encontra-se disponível em: < <http://vimeo.com/10192065> >. Data de acesso: 01-08-2013

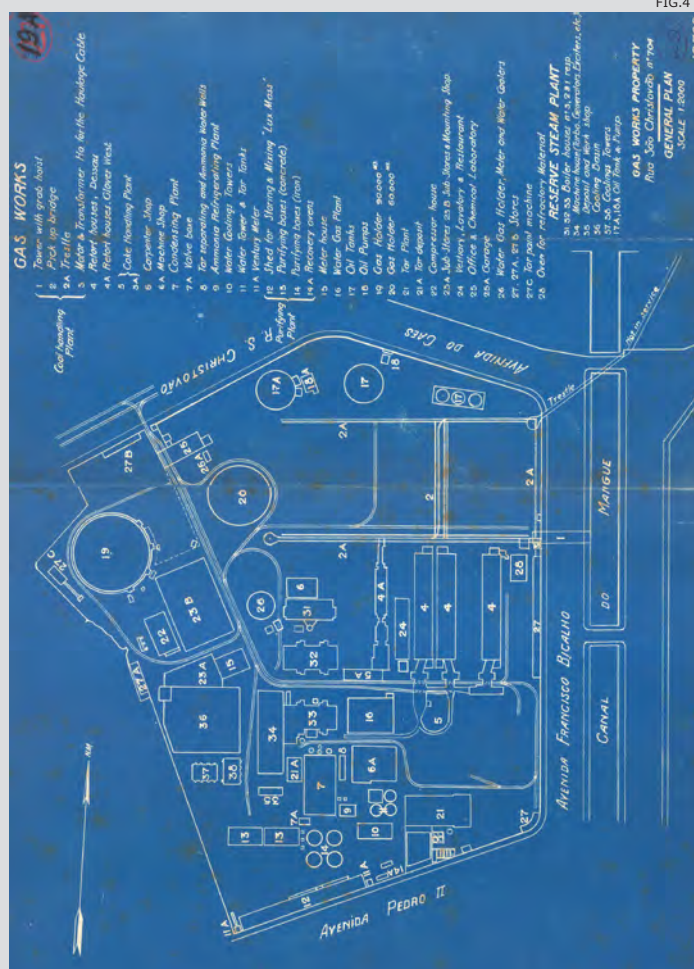
dobra do barroco e tocar os dobradores de papéis e os surfistas<sup>20</sup>, é o mesmo que busco entre os conceitos da filosofia e o exercício da arquitetura. E justamente, nesta busca pela multiplicidade que me auxilie a entender os processos dinâmicos da *urbe*, acabo por transformar os *pontos* fora da arquitetura em *linhas*, estabelecendo uma conexão com o exterior e me direcionando para fora da arquitetura. Parafraseando Deleuze, *saio da arquitetura pela arquitetura*, permanecendo sempre dentro dela.

21. NESBITT, 2008, p. 181

O exercício da arquitetura no papel e na maquete, que se concretiza em superfícies que fogem da escala real de 1:1, é um exercício de se criar realidades em outros planos que considero não menos importantes, expandindo as fronteiras das construções socialmente justificáveis.<sup>21</sup> Se para Deleuze, criar não é comunicar, mas resistir, para Tschumi, a natureza da arquitetura nem sempre se encontra na construção. Como Trabalho Final de Graduação, essa é a minha contribuição de visão de mundo às vozes dissonantes, aos sujeitos e pensamentos outros que não operam por consenso.

## 1915: O MAIOR GASÔMETRO DO MUNDO

FIG.4



A inauguração do Gasômetro de São Cristóvão ocorre em um período marcado pelo avanço da utilização do gás nos domicílios cariocas, ao mesmo tempo antecipando seu desuso na iluminação pública. Em 1912, o sistema atinge seu ponto máximo, com 22.300 combustores a gás em uso na iluminação de vias da cidade. Já em 1915, a abertura de um novo tanque de 90 mil metros cúbicos eleva a capacidade de produção do gasômetro para 180.000 m<sup>3</sup> de gás por dia, fazendo dele naquele momento o maior do mundo. (FILHO, 2005).

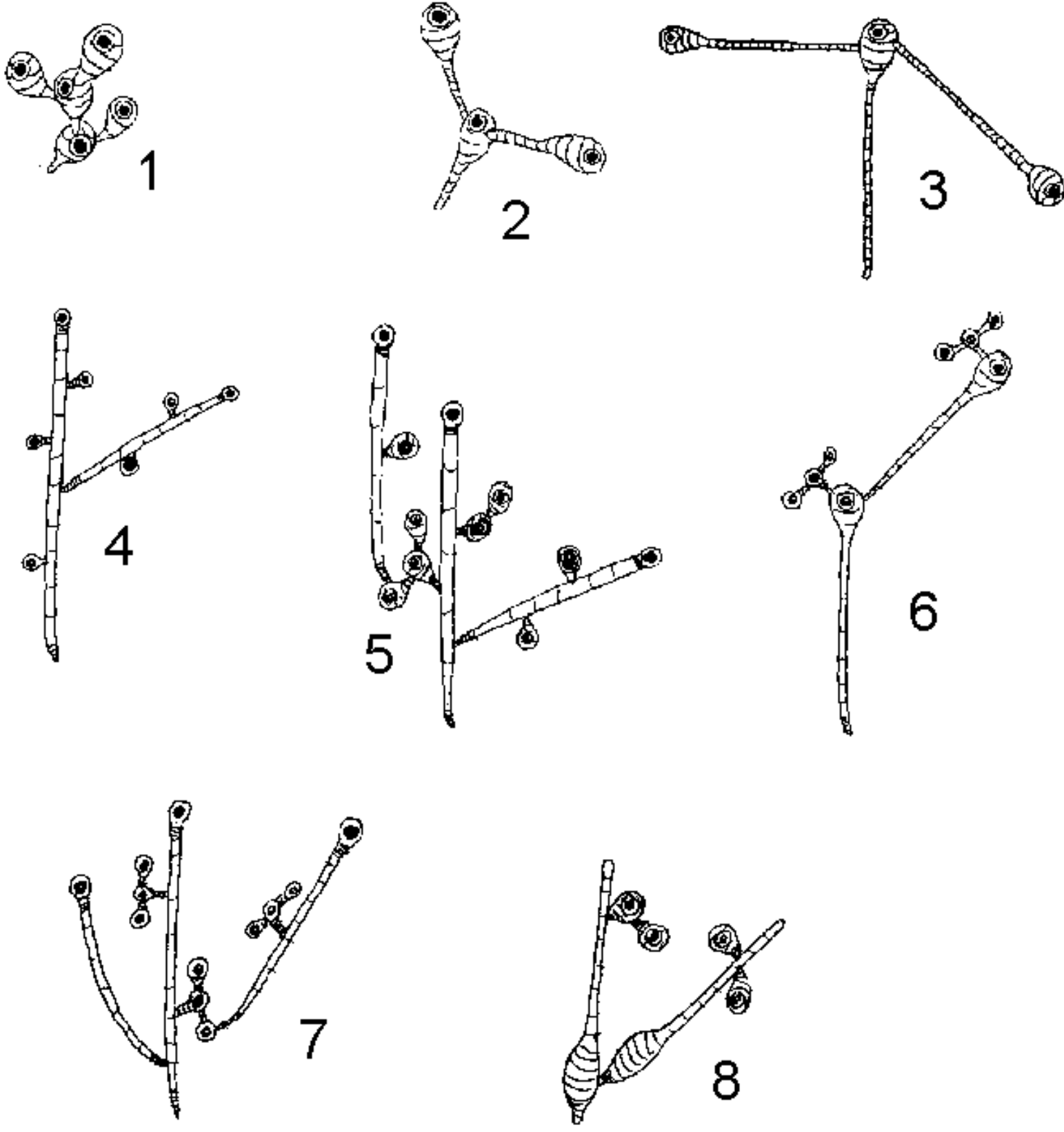
Embora sem data, estima-se que o mapa acima corresponde às primeiras décadas de funcionamento do complexo.

**FIG.5:** Obras de construção do Gasômetro, 1911.





FIG.6: Tipos de rizoma encontrados no bambu.



# 3

## O PENSAMENTO RIZOMÁTICO

Em “Mil Platôs”, segundo volume da série “Capitalismo e Esquizofrenia”, Gilles Deleuze e Félix Guattari aprofundam a discussão em torno do pensamento rizomático, que surge pela primeira vez na obra “Kafka: por uma literatura menor”. Tomando da botânica a figura da raiz, da raiz fasciculada (sistema-radícula) e do rizoma, os autores introduzem um novo modelo epistemológico.

Em muitas espécies vegetais, a raiz se desenvolve geralmente em torno de um eixo principal, se ramificando e estabelecendo relações secundárias, terciárias e assim sucessivamente. Tomemos como exemplo o sistema radicular pivotante, muito comum na estrutura das árvores:

*“A primeira raiz da planta se origina no embrião e é chamada comumente de raiz primária. Nas gimnospermas e dicotiledôneas esta raiz torna-se pivotante; ela cresce diretamente para baixo, dando*

*origem a ramificações, ou raízes laterais, ao longo do seu trajeto. As raízes laterais mais velhas são encontradas mais próximo à base da raiz (onde raiz e caule se encontram), e as mais novas, mais próximo ao ápice.”<sup>22</sup>*

22. RAVEN, EVERT e EICH-HORN, 1996, p. 436

Nessa definição, o sistema radicular identifica e conserva um centro de origem, se desenvolve a partir de um eixo vertical de crescimento e estabelece conexões hierárquicas com as partes mais novas. É possível afirmar que sua estrutura, ainda que por vezes pareça ser complexa, segue uma lógica interna fechada em si mesma, onde as partes compõem um todo facilmente reconhecível.

Na segunda figura, a radícula, raiz “primeira” da planta, embora possa apresentar dispersão fasciculada onde já não se identifica uma raiz principal, ainda conserva um pivô, um eixo embrionário pelo qual esta se desenvolve: “(...) sua unidade subsiste ainda como passada ou por vir, como possível.”<sup>23</sup> Da estrutura da raiz e da radícula, expressos na árvore-raiz, Deleuze e Guattari extraem o modelo do pensamento arborescente, afirmando:

23. DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 14

*“Estamos cansados da árvore. Não devemos mais acreditar em árvores, em raízes ou radículas, já sofremos muito. Toda a cultura arborescente é fundada sobre elas, da biologia à linguística. Ao contrário, nada é belo, nada é amoroso, nada é político a não ser que sejam arbustos subterrâneos e as raízes aéreas, o adventício e o rizoma.”<sup>24</sup>*

24. idem, p. 25

Assim, em distinção à raiz e à radícula, surge a terceira figura. O rizoma é uma espécie de tronco alterado, usualmente subterrâneo, que percorre horizontalmente o solo, liberando raízes de seus nódulos. Está presente em espécies vegetais que apresentam touceiras e se reproduzem de maneira vegetativa, tais como a família das gramíneas, bambus, bananeiras e ervas daninhas.

Deleuze e Guattari elencam ao rizoma seis princípios que lhe são característicos. Passaremos rapidamente por cada um deles, expondo algumas idéias que nos ajudam a definir o pensamento rizomático.

O primeiro e segundo conceitos são o de **conexão** e de **heterogeneidade**. Neles, Deleuze e Guattari afirmam que “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo.”<sup>25</sup> Os autores desenvolvem esses conceitos evocando a questão da linguística, defendendo seu caráter essencialmente heterogêneo que foge a qualquer universalidade. Assim, afirmam que não existe uma língua em si, mas uma série de “patoás, gírias, línguas especiais”. Segundo eles, “uma língua não se fecha sobre si mesma senão em uma função de impotência”<sup>26</sup>, da mesma forma que um rizoma não se fecha sobre si mesmo, em

25. idem, p. 15

26. idem, p. 16

um contínuo movimento de conexão com outros corpos externos. Ao invés, o rizoma não cessa de promover alianças em diferentes categorias, de naturezas diferentes: “cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais.” O rizoma estabelece relações que não seguem caminho fixo. Em detrimento do “ou”, instaura-se o “e.. e... e...”, onde cada conexão permite novas possibilidades de expansão.

O terceiro conceito, o princípio da **multiplicidade**. A multiplicidade, noção tão importante em “Mil Platôs”, é rizomática. Os autores afirmam que uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que se mude de natureza.

As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização, pelas quais as multiplicidades mudam de natureza ao se conectarem a outras delas. O rizoma se projeta ao exterior, alimenta o desejo que, em sua potência, já não se desenvolve dentro de uma estrutura fechada em si mesma.

Se no rizoma qualquer apelo a uma hierarquia ou organização parece borrar-se, seu desenvolvimento é caracteristicamente horizontal, em rede, se expandindo e se conectando a estruturas exteriores à sua. Além disso, as multiplicidades se relacionam ao movimento, pois em uma estrutura superficial que não se desenvolve através de um eixo ou centro, sem hierarquia e ordem, aquilo que importa é movimentar-se. Sem estar enraizado, sem se preocupar com as origens, o rizoma se centra na instabilidade. Os autores ressaltam:

*“Não se trata de tal ou qual lugar sobre a terra, nem de tal momento na história, ainda menos de tal ou qual categoria no espírito. Trata-se do modelo que não pára de se erigir e de se estranhar, e do processo que não pára de se alongar, de romper-se e de retomar.”<sup>27</sup>*

27. idem, p. 32

No quarto conceito, princípio da **ruptura a-significante**:

*“Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas.”<sup>28</sup>*

28. idem, p. 18

O rizoma opera por meio de linhas de segmentaridade ora estratificado, organizado, significado (em referência ao conceito de conexão), mas também por meio de linhas de fuga, ora se desterritorializando, rompendo com o segmento e se conectando a outros novos. O princípio da ruptura não está inserido em um dualismo ou dicotomia, pois no rizoma todo corte está sujeito a reestratificações: “o bom e o mau são somente o produto de uma seleção ativa e temporária a ser recomeçada.”<sup>29</sup>

29. ibidem

Deleuze & Guattari questionam a concepção dominante dos sistemas evolutivos segundo modelos de descendência arborescentes. O vírus, por exemplo, em seu legítimo estado de devir, é capaz de alterar o código genético de determinada espécie, ao se conectar em sua heterogeneidade a uma cadeia já formada, rompendo com o princípio genealógico que se impõe como único processo evolutivo na Terra. Segundo os autores, *“os esquemas de evolução não se fariam mais somente segundo modelos de descendência arborescente, indo do menos diferenciado ao mais diferenciado, mas segundo um rizoma que opera imediatamente no heterogêneo e salta de uma linha já diferenciada a uma outra.”*<sup>30</sup> Dessa forma, afirma-se que o rizoma é antigenealógico, pois não é objeto de reprodução.

30. idem, p. 19

Por último, o quinto e sexto conceitos: princípio da **cartografia** e da **decalcomania**. Os autores relacionam a lógica da árvore ao decalque, à reprodução gerada por uma estrutura redundante, que retorna sempre ao mesmo. Para eles, *“o decalque já não reproduz senão ele mesmo quando crê reproduzir outra coisa.”*<sup>31</sup> Em diferença, relaciona-se o rizoma ao mapa. O mapa é produzido ancorado na experimentação, é aberto: pode ser revertido a qualquer momento, permite infinitas entradas. Se a árvore seria a imagem do mundo, seu sistema de raiz seria então a imagem-mundo. O rizoma, ao invés, seria lugar próprio do devir. O mapa, por sua vez, é devir em estado puro.

31. idem, p. 23

Contudo, rompendo com qualquer dualismo que possa se estabelecer entre o decalque e o mapa, assim como se faz entre linhas de fuga e de segmentaridade, os autores caracterizam a relação entre ambas as figuras como inversa, porém não simétrica. Para eles, é preciso projetar o decalque sobre o mapa: uma vez que o mapa se ancora na experimentação, mesmo se nele se apliquem decalques, o resultado nunca é igual. Ou seja, o rizoma não é incompatível com a árvore. Ao invés, há lugar para a raiz no rizoma: *“há nós de arborescência nos rizomas, empuxos rizomáticos nas raízes.”*<sup>32</sup>

32. DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 31



## ESPACIALIZAR O RIZOMA NA CIDADE? NO GASÔMETRO?

No livro “Estética da Ginga”, Paola Berenstein Jacques estabelece uma analogia conceitual entre a ordem da “cidade-árvore” projetada e a aparente complexidade rizomática observada na informalidade dos aglomerados “subnormais”:

*“As favelas são ainda mais complexas que as cidades ditas naturais (...), uma vez que as favelas estão em constante formação, nunca terminam seu desenvolvimento, não cessam de crescer e, sobretudo, não são tão fixas como as cidades ditas formais, artificiais ou naturais, planejadas ou não. À complexidade espacial das favelas se mescla a de sua temporalidade. Trata-se de uma diferença de enraizamento. A cidade projetada - a cidade-árvore, como a árvore e o pensamento em árvore - está fortemente enraizada num sistema-raiz, imagem da ordem; a cidade não completamente projetada, a cidade arbusto, funciona como um sistema-radícula mais complexo; e a favela, cidade sem projeto, a cidade-mato, segue o sistema-rizoma (...).”<sup>33</sup>*

33. JACQUES, 2001, p. 107

Seria possível ir além, espacializando a forma do rizoma na cidade e na arquitetura? A questão exige cautela, pois como a autora pontua:

*“Faz-se necessária, no entanto, uma advertência. A “aplicação” de noções teóricas à arquitetura é quase sempre problemática, pois os conceitos, em geral, se fazem operatórios por analogias estritamente formais (...), e é preciso evitar essa armadilha formalista.”<sup>34</sup>*

34. idem, p. 15

Complementarmente, Pasqualino Magnavita chama atenção para a distinção entre “forma de expressão” e “forma de conteúdo”. Em referência ao pensamento rizomático, o autor afirma que:

*“(...) não se deve confundir essa nova forma de pensar [rizoma], no plano conceitual do discurso (o que se pensa e o que se diz), com as práticas construtivas (o que se faz, o que se constrói), imaginando que ao se pensar rizomaticamente se produzirá uma arquitetura rizomática.”<sup>35</sup>*

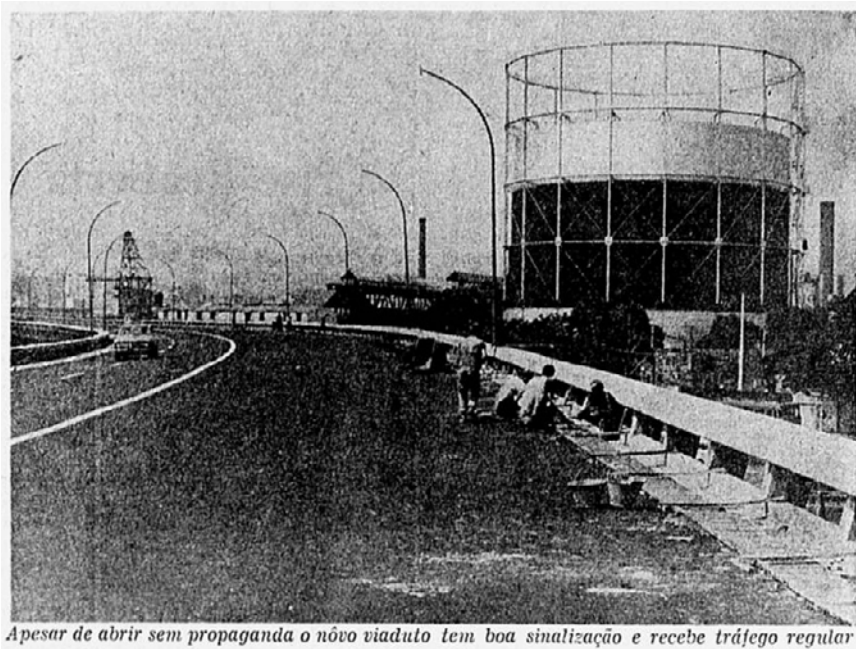
35. MAGNAVITA, 2008, p. 66

Seguindo esta perspectiva, é importante ressaltar que o rizoma não ganha forma no projeto proposto para o Gasômetro, pois a intenção não é espacializá-lo em uma arquitetura, em novas estruturas urbanas. Ao invés, reconhecendo a falta de correspondência entre a forma de expressão (o que se faz) e a forma de conteúdo (o que se diz), a aplicabilidade do pensamento rizomático se situa no *entre*, no exercício do trabalho, nas conexões e temas priorizados ao longo do processo. Deleuze e Guattari afirmam:

*“O rizoma diz ao mesmo tempo: nada de ponto de origem ou de princípio primordial comandando todo o pensamento; portanto, nada de avanço significativo que não se faça por bifurcação, encontro imprevisível, reavaliação do conjunto a partir de um ângulo inédito (...); tampouco princípio de ordem ou de entrada privilegiada no percurso de uma multiplicidade (...).”<sup>36</sup>*

36. DELEUZE e GUATTARI  
apud ZOURABICHVILI,  
2004, p. 52

Desta forma, se o rizoma é aquele que na visão dos autores produz o inconsciente e o desejo, o esforço em estruturar o exercício através do pensamento rizomático é feito no sentido de buscar novos enunciados, que possam contribuir para se pensar outras possibilidades ao terreno do Gasômetro.



*Apesar de abrir sem propaganda o novo viaduto tem boa sinalização e recebe tráfego regular*

**FIG.7: Construção do Viaduto do Gasômetro.**  
Jornal do Brasil, 24/3/1971.

## 1970-2013: DA NAFTA AO GÁS NATURAL

Em 1970, inicia-se a substituição da hulha de carvão mineral pelo craqueamento catalítico de nafta na produção de gás na cidade. No entanto, já em 1970, uma publicação da Companhia Estadual de Gás previa aquilo que se realizaria 12 anos depois: *“(...) possivelmente, o programa mundial de construção de grandes navios metaneiros pelo transporte de gás natural líquido (...) certamente, modificará, em médio prazo, a configuração atual do problema, tornando economicamente viável a utilização de gás natural no mercado brasileiro.”* (PONDÉ, 1971, p. 87)

E assim, em 1982, a CEG dá início à substituição do uso da nafta pelo gás natural, método que dispensa sua estocagem em “balões”. Neste processo, o gás permanece constantemente armazenado, sob pressão, nos dutos de distribuição urbana. Na primeira imagem ao lado, fotografia da recém-inaugurada usina de craqueamento de nafta, no Gasômetro, na década de 1970. Na segunda imagem, a mesma usina em 2013. A numeração auxilia a identificar a posição em que as duas fotografias foram tomadas.

FIG.8

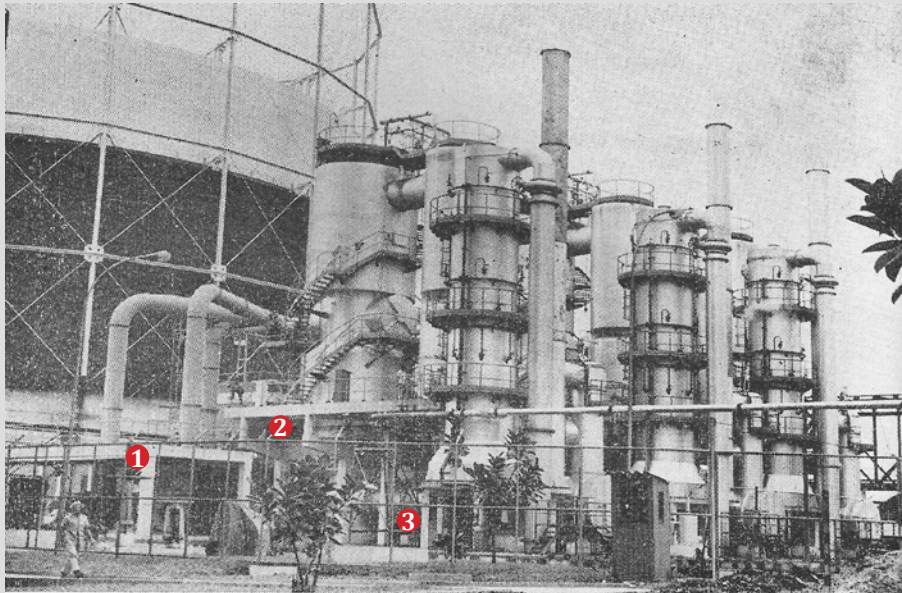


Figura 18 — Usinas de craqueamento de gás de nafta inauguradas em 29 de maio de 1970 no terreno da antiga “Fábrica Nova de Gás”, situada entre a avenida do Mangue e as ruas Pedro Ivo e Souza e Melo. Capacidade de produção: 600.000 metros cúbicos de gás diários. À direita da fotografia, vê-se um dos antigos gasômetros. V. fig. 17.



## 1951-2013: DO GÁS NATURAL AO ABANDONO

Em 1969, o Estado da Guanabara assume a operação do serviço de gás canalizado, constituindo a Companhia Estadual de Gás da Guanabara (PONDÉ, 1971), que em 1974 passa a se chamar Companhia Estadual de Gás do Rio de Janeiro (CEG), em virtude da fusão dos Estados da Guanabara e do Rio de Janeiro. Em 1997, a empresa é privatizada, passando a ter como operador técnico o grupo espanhol Gas Natural Fenosa.

Em 2007, como previsto no contrato de concessão de 1997, a conversão total do gás manufaturado para gás natural se dá por terminada. Conforme notícia vinculada no jornal O Globo,<sup>30</sup> a partir do fim de 2006 se inicia o desmonte das máquinas que antes serviam à cadeia de armazenamento do gás, incluindo os três tanques que até pouco mantinham-se inflados na paisagem da Zona Portuária. Atualmente, resta apenas o “esqueleto” em estrutura metálica, que suportava um destes tanques. Segundo matéria deste mesmo jornal, datada de 27/10/2010, a CEG *“ainda mantém [no local] uma unidade operacional que controla o ramal de distribuição de gás do Centro e da Zona Sul.”*

Na imagem ao lado, altero o anúncio publicitário da SAG, vinculado pela imprensa em 1951. No lugar da ilustração original que exibia altas estruturas do gás vencendo o céu carioca, a nova fotografia revela a mesma área, abandonada, 62 anos depois.

37. O GLOBO. Começa o desmonte de tanques do Gasômetro. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/comeca-desmonte-de-tanques-do-gasometro-4545605>>. Data de acesso 26-05-2013





### MAIS UM GRANDE GASÔMETRO PARA O RIO DE JANEIRO

AUMENTADA DE 85.000 METROS CÚBICOS A  
CAPACIDADE DE ARMAZENAMENTO DA  
FÁBRICA DE GÁS.

**A**companhando sempre o desenvolvimento do Rio de Janeiro, a Société Anonyme du Gaz acaba de inaugurar mais um grande gasômetro cujo custo total foi de 19 milhões de cruzeiros. Sua construção exigiu um trabalho árduo de montagem de parte dos técnicos e operários da Companhia desde agosto de 1948.

O material para essa construção teve de ser importado. O peso total das chapas, vigas e outros materiais foi de 1600 toneladas. Esse grande gasômetro, totalmente soldado a solda elétrica, tem cerca de 55 metros de altura, ou seja a altura de um arranha-céu

de 14 andares, e comporta 85 mil metros cúbicos de gás. A capacidade da fábrica de gás foi também aumentada com a construção de uma moderna bateria de fornos, com a capacidade diária de 60 mil metros cúbicos de gás.

Dentro dêsse programa de serviço, já iniciou a Société a montagem de mais uma unidade produtora de gás, que terá uma capacidade diária de cerca de 140 mil metros cúbicos de gás. Ampliando as suas instalações, a Société Anonyme du Gaz não poupa esforços para atender aos seus milhares de consumidores com toda a eficiência possível.



**SOCIÉTÉ ANONYME DU GAZ DE RIO DE JANEIRO**

- **Registro fotográfico da Zona Portuária, maio de 2010.**





## 4

### O GASÔMETRO NO CONTEXTO OLÍMPICO E MARAVILHOSO

Por acaso ou por ironia do destino, a conversão total do sistema para o gás natural e a decorrente subutilização do terreno do Gasômetro precedem em curto espaço de tempo a consolidação daquilo que viria a ser chamado de “momento Rio”, marcado pela aposta da cidade em receber megaeventos internacionais e executar grandes projetos urbanos. A seguir, uma breve cronologia dos acontecimentos recentes é traçada, com o objetivo de melhor entender o contexto no qual o Gasômetro se insere na atualidade.

Em julho de 2007, o Rio de Janeiro recebe os XV Jogos Pan-Americanos. Em setembro daquele mesmo ano, a cidade anuncia sua candidatura para sediar os Jogos Olímpicos de Verão de 2016. Um mês depois, é a vez da FIFA ratificar o país como sede da Copa do Mundo de Futebol de 2014. E finalmente, em outubro de 2009, a cidade é eleita vencedora pelo Comitê Olímpico Internacional para receber as Olimpíadas, fazendo com que o então Presidente da República chorasse de emoção, posteriormente afirmando em seu discurso que havia



chegado a hora de “*acender a pira olímpica em um país tropical, na mais linda e maravilhosa cidade: o Rio de Janeiro*”.<sup>38</sup>

E “*na mais linda e maravilhosa cidade*”, naquele mesmo ano, a Lei Municipal 101/2009 cria a “Operação Urbana Porto Maravilha”. Se apoiando na promessa de que a inserção definitiva do Rio de Janeiro no circuito de megaeventos serviria de alavanca para transformações urbanas, a nova legislação instaurou a maior Operação Urbana Consorciada do país<sup>39</sup>, dando início a um amplo projeto de reestruturação da Zona Portuária.

De antemão, quem melhor para expôr as intenções do projeto atual, senão os próprios agentes do mercado? O trecho abaixo, extraído da divulgação publicitária de um empreendimento imobiliário lançado recentemente na região, dá o tom da proposta do Porto Maravilha:

*“(…) para buscar **novas alternativas, a cidade está mexendo em seu próprio mapa e vai mudar seu eixo demográfico atual. A revitalização da Zona portuaria é a principal ação que irá revolucionar o fluxo de pessoas e investimentos na cidade. Este é o maior projeto de reurbanização em andamento no país. Seu objetivo é transformar uma área degradada num polo de turismo, entretenimento e negócios, seguindo o exemplo do sucesso de Baltimore, Londres, Rotterdam, Buenos Aires e Barcelona.**”*<sup>40</sup>

Antes de prosseguir, vale pontuar que a reestruturação em questão não surge ao acaso. O discurso que na atualidade defende uma intervenção radical, ou “revitalização”, ganha força haja vista o abandono promovido pelo Poder Público, pela ausência de investimentos na área durante décadas ininterruptas. Se o local hoje é problematizado como “degradado” e passível de ser “resgatado”, a explicação para o fenômeno não se resume à dinâmica capitalista que rearranja as atividades portuárias e industriais a partir da segunda metade do século XX. Mais além, o fenômeno está atrelado às consecutivas gestões que não interviram a médio e longo prazo, na definição de novos rumos para a área.

O projeto Porto Maravilha consiste em uma parceria público-privada (PPP) regulamentada pelo Estatuto da Cidade (lei 10.257/2001) e gerida por uma “empresa de economia mista”, a Companhia Municipal de Desenvolvimento Urbano (Cdurp). Dentre as atribuições desta empresa, está a contratação de um consórcio formado por empresas privadas, o “Porto Novo S/A”.

Integram o consórcio Porto Novo três das maiores construtoras do país: OAS, Odebrecht e Carioca Engenharia. Juntas, estas empresas têm a concessão para executar as obras e manter os serviços urbanos da região, tais como iluminação pública, coleta de lixo e conservação de ruas, pelo período de 15 anos. Contudo,

38. Discurso Lula - COI - Olimpíadas Rio 2016. Disponível em: < youtube.com/watch?v=A5zrPRusLcY >. Data de acesso: 23-06-2013

39. Disponível em: < portomaravilha.com.br/upload/monografia-porto-maravilha.pdf >. Data de acesso: 23-06-2013

40. Disponível em: < youtube.com/watch?v=U1jO9j6sR8w >. Data de acesso: 23-06-2013. Grifos meus

ainda que gerido por empresas de capital privado, o investimento em obras de urbanização advém inteiramente dos cofres públicos. A concessão de uma porção considerável da cidade (5 milhões de metros quadrados) à iniciativa privada, “janela de oportunidade” levada a efeito na Zona Portuária, é a primeira do gênero em terras cariocas, inaugurando oficialmente um horizonte de novas alianças entre os setores público e privado.

Como vem sendo observado desde seu lançamento, a parceria público-privada em questão depende também do alinhamento inédito entre as três esferas de governo federal, estadual e municipal. Considerando a estimativa de que 70% dos terrenos da área são de propriedade da União<sup>41</sup> (inclusive aqui o terreno do Gasômetro), o diálogo entre as partes interessadas torna-se imprescindível, dentre outros motivos, para que a Cdurp (municipal) tenha acesso à terra, ou seja, possa comercializar o solo urbano. Dessa forma, o projeto é viabilizado por meio da venda de CEPACS – Certificados de Potencial Adicional de Construção. De acordo com informações disponibilizadas no site do Porto Maravilha:

*“A Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de Janeiro (Cdurp), (...) é a gestora da prefeitura na Operação Urbana Consorciada Porto Maravilha. Cabe à Cdurp a articulação entre os demais órgãos públicos e privados e a Concessionária Porto Novo - que executa obras e serviços nos 5 milhões de metros quadrados da Área de Especial Interesse Urbanístico (Aeiu) da Região do Porto do Rio. (...) Também é o órgão que tem a responsabilidade de disponibilizar parte dos terrenos em sua área para o mercado.”<sup>42</sup>*

No olho do furacão, o terreno do Gasômetro exerce papel determinante na tarefa assumida pela Cdurp de disponibilizar áreas do Porto para o mercado. Tal como noticiado pelo jornal O Globo em 12 de fevereiro de 2013<sup>43</sup> e confirmado em nota no caderno Economia do mesmo jornal em 11 de junho de 2013<sup>44</sup>, o Gasômetro já é o terceiro terreno da União adquirido pela Cdurp, repassado ao Fundo Imobiliário Porto Maravilha (gerido pela Caixa Econômica Federal) pelo valor de R\$226 milhões.

Da convergência de fatores que fazem da área do Gasômetro tão interessante do ponto de vista econômico, três merecem destaque. Primeiramente, o terreno encontra-se em posição privilegiada, na intercessão dos principais eixos viários de acesso ao Norte do Estado (por meio da Ponte Rio-Niterói), Zona Norte, Centro e Zona Portuária. Em segundo lugar, os expressivos 120 mil metros quadrados contínuos de solo viabilizam seu parcelamento em lotes menores e em um possível sub-bairro, mas também possibilitam a construção de empreendimentos que exijam grande área útil, como complexos hoteleiros e torres empresariais. Por último, de acordo com o novo zoneamento aprovado em 2009, o Gasômetro está inserido na Área de Especial Interesse Urbanístico

41. Disponível em: < ademi.org.br/article.php?id\_article=47143 >. Data de acesso: 23-06-2013

42. Disponível em: < portomaravilha.com.br/web/esq/mnuCDURP.aspx >. Data de acesso: 22-06-2013

44. O GLOBO. Gasômetro já está liberado para Porto Maravilha. Disponível em: < portomaravilha.com.br/web/esq/clipping/pdf/cl\_11\_06\_13\_01.pdf >. Data de acesso: 22-06-2013

43. O GLOBO. Terreno do Gasômetro, no Porto, será vendido à Prefeitura. Disponível em: < oglobo.globo.com/rio/terreno-do-gasometro-no-porto-sera-vendido-prefeitura-7563583 >. Data de acesso: 25-05-2013

(AEIU) Porto Olímpico, prevista para abrigar edifícios com o maior gabarito da região, de até 50 pavimentos (150m).

Comprovadamente, o terreno constitui enorme aposta na receita e na consolidação do modelo de negócios desejado pelo Porto Maravilha, cujo investimento estimado gira em torno de R\$ 8 bilhões.<sup>45</sup> Segundo o presidente da Companhia de Desenvolvimento Urbano do Porto, Alberto Silva:

*"(...) somente o Gasômetro tem potencial de comercialização de 27,5% dos Cepacs que serão colocados à venda em toda a Zona Portuária. Em valores atuais, os certificados dariam um retorno de R\$ 1 bilhão para a Caixa somente com esse terreno (...)."*<sup>46</sup>

Em entrevista ao jornal O Globo, em matéria de 2012, a posição da Cdurp é reforçada pelo atual prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes:

*"O Gasômetro é fundamental para garantir o retorno do dinheiro empregado pela Caixa. Hoje, já temos transformações urbanísticas acontecendo no entorno da Praça Mauá. Em breve isso começará a acontecer perto da Rodoviária Novo Rio. (...)"*<sup>47</sup>

---

Os fatos apresentados até aqui nos levam a crer que, na conjuntura atual, para ser viável na esteira de intervenções do Porto Maravilha, qualquer projeto para a área do Gasômetro deverá impreterivelmente se alinhar aos desejos e forças do mercado. Contrariando uma possível utilização do terreno (público) para projetos que de fato colaborem na efetivação do direito à cidade, como equipamentos de uso coletivo ou habitações de interesse social, o destino da área tem se resumido apenas a propostas "economicamente viáveis". Com exceção de apenas um empreendimento residencial<sup>48</sup> lançado até o momento, as propostas para o Porto Maravilha tem se limitado a edifícios comerciais de alto padrão. Da original promessa de "uso misto" e "vitalidade", ao invés, a área parece caminhar para se tornar mais um vetor de expansão do já saturado e monofuncional Centro empresarial da cidade, gerando preocupação inclusive no próprio poder público.<sup>49</sup>

Seguindo este fenômeno geral, ao que tudo indica, a fábrica do Gasômetro será substituída pela sede da grande empresa, que vê no Rio de Janeiro e no Porto Maravilha signos de empreendedorismo e inovação, tão preciosos à sua própria imagem corporativa. Gilles Deleuze assinala que a fábrica da sociedade disciplinar, da qual Foucault nos adverte, cede lugar à empresa na sociedade de controle. Nas palavras do autor:

45. Disponível em: < [www.cidadeolimpica.com.br/wp-content/themes/cidadeolimpica\\_v3/projetos/EOM/pt/projeto-portomaravilha.php](http://www.cidadeolimpica.com.br/wp-content/themes/cidadeolimpica_v3/projetos/EOM/pt/projeto-portomaravilha.php) >. Data de acesso: 20-07-2013

46. O GLOBO. Terreno do Gasômetro, no Porto, será vendido à prefeitura. Disponível em: < [oglobo.globo.com/rio/terreno-do-gasometro-no-porto-sera-vendido-prefeitura-7563583](http://oglobo.globo.com/rio/terreno-do-gasometro-no-porto-sera-vendido-prefeitura-7563583) >. Data de acesso: 20-07-2013

47. O GLOBO. Terreno do Gasômetro é vendido por R\$ 180 milhões. Disponível em: < <http://globo.globo.com/rio/terreno-do-gasometro-no-porto-sera-vendido-prefeitura-7563583> >. Data de acesso: 19-08-2013

48. O empreendimento residencial se chama "Porto Vida", possuirá 1.333 apartamentos e terá "vendas exclusivas para o funcionalismo municipal", servindo também para hospedar árbitros e jornalistas durante as Olimpíadas de 2016. Mais informações em: < [www.portovidaservidor.com.br](http://www.portovidaservidor.com.br) >. Data de acesso: 17-07-2013

49. O GLOBO. Falta de prédios residenciais gera preocupação na Zona Portuária. Disponível em: < [oglobo.globo.com/rio/falta-de-predios-residenciais-gera-preocupacao-na-zona-portuaria-9006959](http://oglobo.globo.com/rio/falta-de-predios-residenciais-gera-preocupacao-na-zona-portuaria-9006959) >. Data de acesso: 16-07-2013



*“(...) numa sociedade de controle a empresa substituiu a fábrica, e a empresa é uma alma, um gás. (...) A fábrica constituía os indivíduos em um só corpo, para a dupla vantagem do patronato que vigiava cada elemento na massa, e dos sindicatos que mobilizavam uma massa de resistência; mas a empresa introduz o tempo todo uma rivalidade inexpiável como a emulação, excelente motivação que contrapõe os indivíduos entre si e atravessa cada um, dividindo-o em si mesmo. (...)”<sup>50</sup>*

50. DELEUZE, 1992, p. 221

Para Deleuze, a sociedade de controle seria constituída por um novo regime de dominação onde o dinheiro, os produtos e os homens já não passam pela antiga forma-fábrica.<sup>51</sup> Se na atualidade a fábrica se desmancha e abre espaço ao capitalismo de sobre-produção da empresa, a substituição das grandes fábricas por empresas ainda maiores parece nos indicar, ainda que metaforicamente, uma nova forma de se produzir a cidade. Deslocando a metáfora para o campo do planejamento urbano, como essa cidade do início do século XXI pode ser caracterizada?

51. idem, p. 225

Da rivalidade presente na lógica da empresa que se reproduz na cidade-empresa, “posicionamento competitivo” e “produtividade” são palavras de ordem. Em *“Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano”*, Carlos Vainer relaciona os postulados da empresa capitalista à prática do planejamento estratégico urbano, que trata de reproduzir na gestão urbana os mesmos desafios impostos à empresa no mundo dos negócios. Vainer afirma que:

*“(...) ver a cidade como empresa significa, essencialmente, concebê-la e instaurá-la como agente econômico que atua no contexto de um mercado e que encontra neste mercado a regra e o modelo do planejamento e execução de suas ações.”<sup>52</sup>*

52. VAINER, 2000

No contexto local, Fabrício Oliveira e Fernanda Sánchez defendem que a construção da metáfora cidade-empresa no Rio de Janeiro não é novidade. A partir da década de 1990, o modelo de planejamento urbano adotado pela cidade de Barcelona foi aquele que teve maior difusão entre os governos da América do Sul e do Rio de Janeiro. Para Oliveira, o Plano Estratégico de Barcelona constitui a “grande alegoria da cidade-empresa na América Latina”.<sup>53</sup> Assim, em 1995, a elaboração do primeiro Plano Estratégico da cidade do Rio de Janeiro já contemplava a expertise de consultores catalães, que ainda hoje, vinte anos depois, importam o “modelo de sucesso” dos Jogos Olímpicos de Barcelona de 1992. As especificidades locais, bem como o espaço de duas décadas que separa estes dois momentos, gera dúvidas no que diz respeito às possíveis consequências da reprodução deste mesmo modelo em terras cariocas.

53. OLIVEIRA, 1999, p. 156

O autor afirma ainda que, se a democracia está nas origens da polis grega, o mesmo não pode ser dito para a cidade-empresa. A demanda por agilidade e eficiência na gestão urbana faz com que o debate público desapareça, uma vez que, em nome de um inalcançável consenso em torno da formulação de metas e objetivos “estratégicos”, o comum acordo entre governo local e sociedade civil só pode se viabilizar por vias antidemocráticas. Assim, planeja-se a cidade por meio de decisões centralizadas na figura de um chefe carismático (prefeito) que, com o auxílio de uma equipe capaz de fornecer o domínio técnico da questão, dá a última palavra e abre constantes exceções em favorecimento às demandas do mercado.

Se segundo Oliveira, “na cidade gerida como uma empresa, o direito à cidade é proporcional à capacidade de investimento do cidadão”<sup>54</sup>, que papel é relegado aos atores locais, face às transformações em curso na Zona Portuária? Se considerarmos que os valores médios de rendimento dos moradores da região constam entre os mais baixos do município<sup>55</sup>, a relação “direito à cidade versus capacidade de investimento” parece se confirmar, uma vez que o projeto tem sido duramente criticado pela ausência de canais de participação popular na decisão dos rumos do Porto.

Ademais, a gravidade da situação atinge não apenas a falta de participação, mas também o direito da população em permanecer ali. Mesmo sem quantificar o fenômeno de gentrificação decorrente do aumento do custo de vida na área, o Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro estima que, até o momento, de um total de 1.747 famílias que vivem ou viviam em ocupações e favelas da Zona Portuária, 605 delas já foram removidas e 1.142 ainda estão ameaçadas de remoção.<sup>56</sup> Em meio a despejos truculentos e compensações irrisórias que nem sempre são oferecidas às vítimas, como alegar participação no processo, se o próprio direito à moradia tem sido violado pelo Estado?

---

Se por um lado os gritos da população passam ao largo de megafones, seus cantos pacificados têm sido tolerados, seguindo o ritmo determinado pelos novos programas culturais em andamento na área. Pois na cidade-empresa, a matriz cultural e social presente no território não passa despercebida aos olhos do governo local: passa-se a valorizar os “ativos” singulares da cidade, da arquitetura e de seus habitantes, que tornam aquele ambiente único diante da concorrência imposta pelo mercado de cidades, a nível regional e global. No entanto, a valorização cultural observada se revela autoritária em sua concepção, sedando os conflitos e enunciando a imagem de uma cidade em paz, criando “teatros da memória” que avançam sobre os enclaves resistentes.<sup>57</sup> A respeito do multiculturalismo, Sánchez afirma:

54. idem, p. 153

55. CENSO 2010

56. COMITÊ POPULAR COPA E OLIMPÍADAS RIO, 2013

57. SÁNCHEZ, 2010, p. 505

*“A marcada incorporação do tema do multiculturalismo nas cidades constitui uma estratégia a mais na elaboração de uma imagem de cidade atenta aos valores sociais contemporâneos, inserida e internacional. As imagens enfatizam a importância da diversidade cultural e das diferenças étnicas, mas recuperam essa diversidade como um valor a mais da cidade-espetáculo, como um recurso mercadológico. Na apropriação simbólica do multiculturalismo, (...) há uma invenção da etnicidade, com uma correlata transformação do patrimônio cultural e da própria tradição em mercadorias. Nessa simplificação, as diferenças ressurgem domesticadas, pasteurizadas dentro da lógica da cidade-espetáculo.”*<sup>58</sup>

58. *ibidem*

À luz do tema, é possível afirmar que os planos culturais do Porto Maravilha são, antes de iniciativas que visam valorizar a cultura popular e os movimentos de resistência ainda vivos no local,<sup>59</sup> estratégias que têm como principal objetivo capitalizar essas manifestações, dotá-las de valor de troca passível de ser comercializado. Sob o lema “o Rio mais integrado e competitivo”, o Plano Estratégico da cidade do Rio de Janeiro para o período de 2013-2016 pontua como diretriz de cultura: *“Fortalecer a Região Portuária da cidade como polo cultural, valorizando seu forte conteúdo simbólico – histórico, social e cultural – com iniciativas públicas ou privadas.”*<sup>60</sup>

59. Em sua dissertação de mestrado, Flora Passos (PASSOS, 2011) dá luz ao papel dos coletivos culturais atuantes na Zona Portuária, face aos projetos de renovação urbana de matriz cultural do projeto Porto Maravilha.

60. PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, p. 197. Grifo meu

No contexto de cidade-mercadoria imbricado no Projeto Porto Maravilha, pensar na valorização do “*forte conteúdo simbólico*” da Região Portuária, implica, por parte do Poder Público e do novo empresariado, em apreender a cultura enquanto acumulação de capital simbólico. Para Ana Clara Torres Ribeiro, a ação estratégica dirigida à acumulação primitiva de capital simbólico depende:

61. RIBEIRO, 2006, p. 41

62. É preciso considerar que há outras formas de integrar a herança industrial ao projeto, sem deixar-se guiar pelo viés estritamente preservacionista.

63. Concurso de arquitetura promovido em 2010 pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil/RJ (IAB) e Prefeitura do Rio de Janeiro, prevendo a urbanização de parte da Zona Portuária para receber instalações para as Olimpíadas, hotel padrão cinco estrelas, centro de convenções, escritórios e moradias. Vale ressaltar a influência do modelo olímpico de Barcelona na proposta do projeto vencedor, elaborado com a consultoria de arquitetos catalães.

*“(...) de práticas promocionais que, ao serem altamente seletivas, permitem a mercadorização da cultura e o domínio, ainda que circunstancial, de práticas sociais e memórias coletivas. As ações que visam a acumulação primitiva de capital simbólico interferem na leitura do espaço herdado e no imaginário urbano, impedindo a presença popular em áreas escolhidas para abrigo da frente transescalar de atividades que alimentam o mercado globalizado.”*<sup>61</sup>

Embora a valorização cultural esteja no cerne da retórica apresentada incessantemente pelo projeto Porto Maravilha, ao que tudo indica, nada tem sido feito no sentido de integrar a herança industrial do Complexo do Gasômetro aos planos de transformação da área.<sup>62</sup> Em *renders* elaborados pela equipe vencedora do Concurso Porto Olímpico<sup>63</sup>, o entorno do Gasômetro cede lugar a imensas torres espelhadas, contíguas ao Canal do Mangue, afastadas das vias e rodeadas por indecifráveis “tapetes” de tons de verde.

Em referência ao terreno objeto de estudo, o projeto vencedor consagra poucas definições. A partir do material disponibilizado ao público, entende-se que a intervenção no terreno do Gasômetro se limita ao seu parcelamento em quatro partes, por meio de duas novas vias, alocando quatro “elementos” circulares em uma destas quatro quadras, descrita como “área residencial e áreas livres”. A ausência de maiores detalhes, contudo, é precisa ao adiantar o teor da intervenção desejada pelo Poder Público para aquela área.

À guisa dessa reflexão, a acumulação primitiva de capital simbólico, engendrada pelo projeto Porto Maravilha (com reflexos no Programa Porto Maravilha Cultural e nos escassos projetos urbanísticos de fato divulgados até o momento para a região), busca instaurar uma história seletiva, através de um recorte físico e temporal que desconsidera desde o início a importância do Complexo do Gasômetro e de suas estruturas industriais, enquanto testemunhas dos processos de acumulação capitalista que definiram os usos e desusos da área. Nas palavras de Polise Marchi:

*“A identidade de uma cidade não está somente atrelada ao passado a ser preservado, mas, acima de tudo, às características específicas locais, geradas pela auto-organização ou autonomia modelizante de seus espaços, decorrentes de novas situações sociais, econômicas e culturais. Apagar os índices industriais é desaparecer com o sentido histórico que singulariza e explica a cidade enquanto passado, presente e possibilidade futura. Por isso, tratar como algo esvaziado e sem vida os espaços herdados pela ocupação industrial é fechar os olhos para as novas possibilidades de vivência, experiência e uso da cidade.”<sup>64</sup>*

64. MARCHI, 2009, p. 334

Dessa forma, valoriza-se o samba “para turista ver”, os novos museus-ícone da região e os fragmentos de arquitetura mais remotos (do período colonial e dos tempos do Império, a exemplo dos achados arqueológicos do Cais da Imperatriz<sup>65</sup>), ao mesmo tempo apagando as estruturas industriais que contam o movimento recente de “estagnação” da Zona Portuária. Afinal de contas, em um projeto de cidade dominado pelo consenso, é também consensual conceber a história da cidade como todo unitário, limpo e atraente como nunca de fato um dia ela chegou a ser.

65. Disponível em <  
rio.rj.gov.br/web/  
portaldoservidor/  
exibeconteudo?article-  
-id=3644272 >. Data de  
acesso: 07-06-2013



FIG.10: Aérea do Gasômetro, s/d.





FIG.11: Em 2009, representantes maiores das três esferas de poder estiveram presentes na solenidade de lançamento do Projeto Porto Maravilha.



FIG.12: Divulgação do "Porto Vida", primeiro empreendimento residencial do Porto Maravilha.



**FIG.13:** Imagens da proposta vencedora do concurso "Porto Olímpico".



**FIG.14:** Localização das instalações da proposta vencedora do concurso "Porto Olímpico". No canto superior, à esquerda, o terreno do Gasômetro.

## A localização das instalações



- 1 Vila de Mídia e Vila de Árbitros
- 2 Centro de Convenções
- 3 Hotel
- 4 Centro empresarial
- 5 Área residencial e áreas livres
- 6 Escritórios, comércio, lazer e estacionamento
- 7 Passarelas
- 8 Praça e parque elevado
- 9 Praças urbanas e conexões
- 10 Tratamento do limite do canal do mangue

## 1968: A SOCIEDADE DISCIPLINAR E O CASO PARA-SAR



*“É fácil fazer corresponder a cada sociedade certos tipos de máquina, não porque as máquinas sejam determinantes, mas porque elas exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las. As antigas sociedades de soberania manejavam máquinas simples, alavancas, roldanas, relógios; mas as sociedades disciplinares recentes tinham por equipamento máquinas energéticas, **com o perigo passivo da entropia e o perigo ativo da sabotagem**; as sociedades de controle operam por máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e o ativo a pirataria e a introdução de vírus. Não é uma evolução tecnológica sem ser, mais profundamente, uma mutação do capitalismo.” (DELEUZE, 1992, p. 233, grifos meus)*

Em 1968, o perigo ativo da sabotagem por pouco não se concretizou. A poucos meses do Ato Institucional 5 (AI-5), o capitão da Aeronáutica Ribeiro Miranda de Carvalho denuncia os planos do então brigadeiro da Força Aérea, João Paulo Burnier, que consistiam em uma série de ataques na capital, culminando na explosão do Complexo do Gasômetro. O *Caso Para-Sar*, também conhecido como *Atentado ao Gasômetro*, colocaria em risco a vida de cerca de 100 mil pessoas e, posteriormente, a tragédia seria atribuída a militantes da esquerda. (GASPARI, 2002)

## 1901-2011: MEMÓRIA REINVENTADA

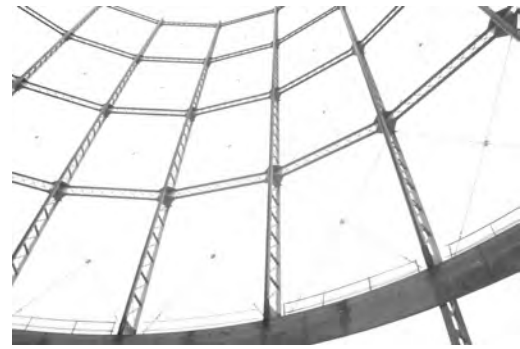
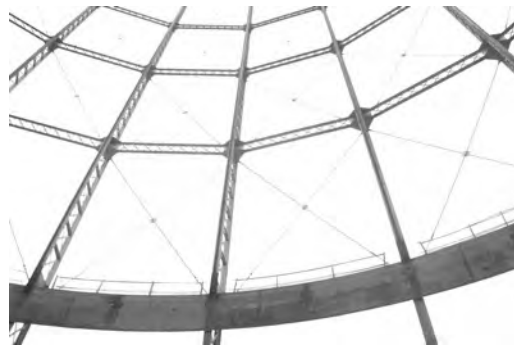
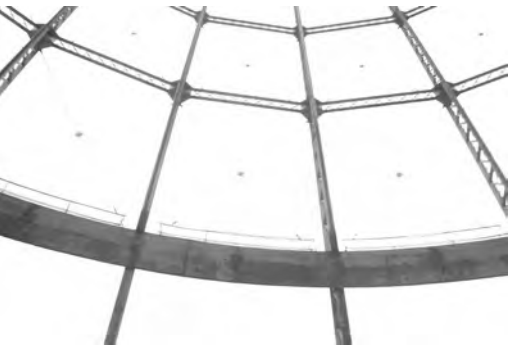
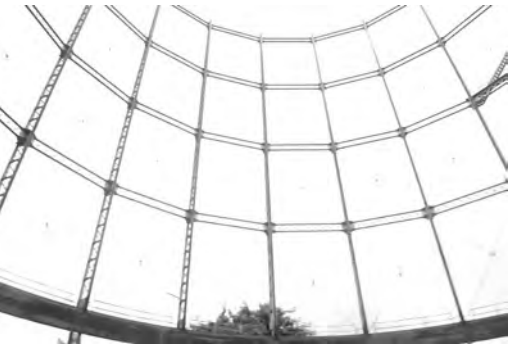
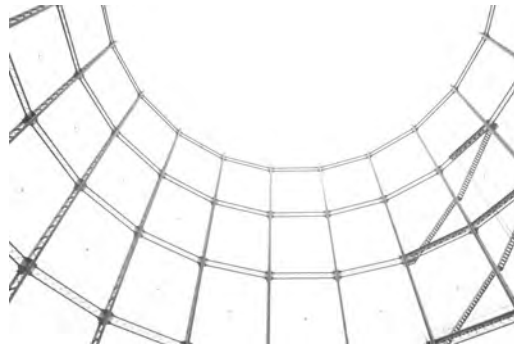
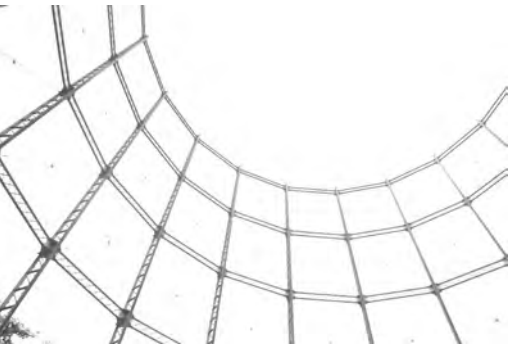
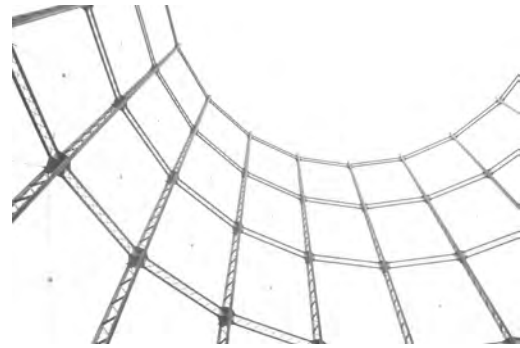
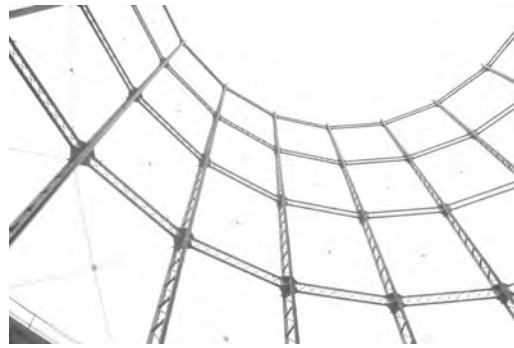
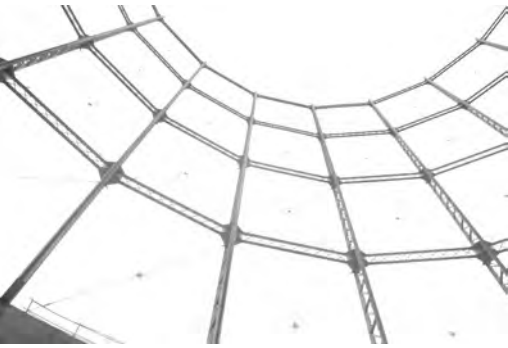
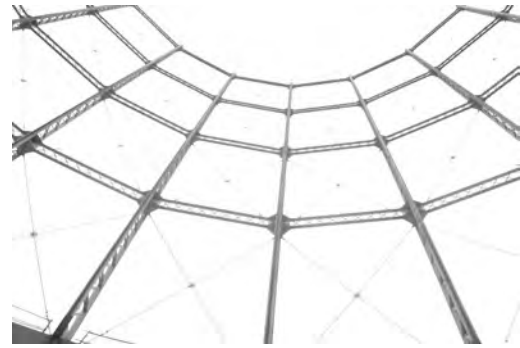
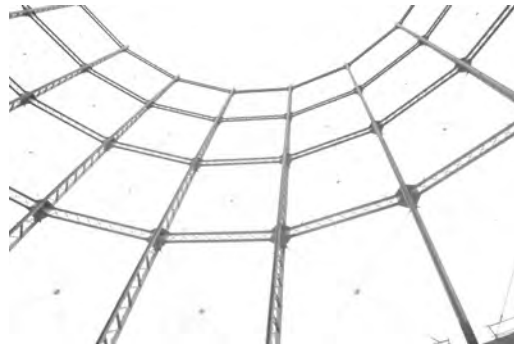
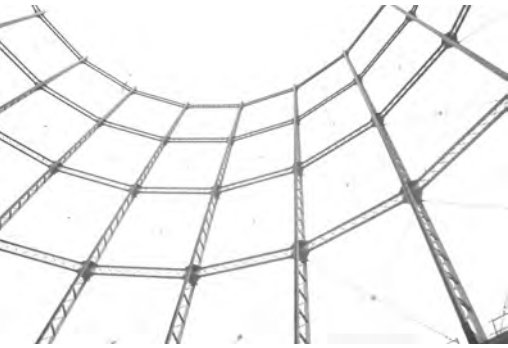
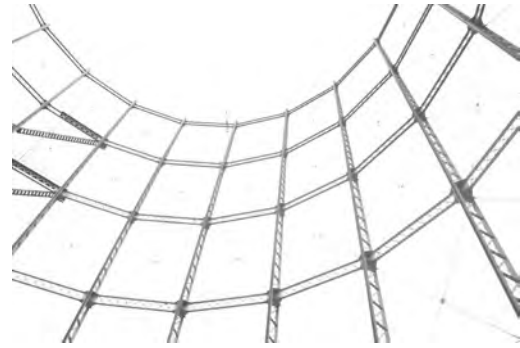
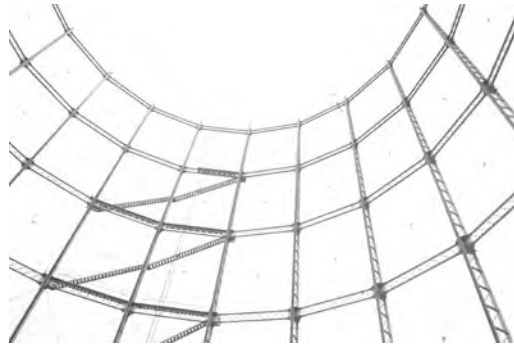
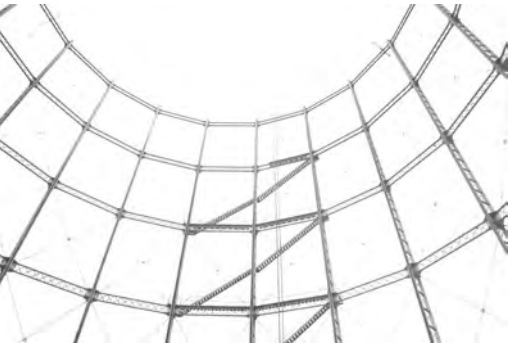


FIG.15

A imagem acima foi extraída da divulgação do programa Morar Carioca no Morro da Providência, situado na Zona Portuária e considerado a primeira favela da cidade. No projeto de 2011, as casas no entorno do Oratório (1901) da favela são substituídas por novas construções em estilo colonial, com telhas de barro, vãos na cor azul claro e pavimento de seixo, remetendo a um passado que nunca existiu ali.

*“As práticas de conservação e restauro desses acervos [históricos] como objetos de desejo, promovem um permanente desejo de autenticidade. Desejo insaciável de resgatar um passado histórico, mítico, em função de um futuro de redenção, em decorrência do sentimento de perda, de ameaça de destruição da memória de valores patrimoniais e das instituições que os produziram como, por exemplo, valores familiares, religiosos, científicos, artísticos, entre outros. Esses desejos (...) promovem alegorias no pensamento que se orienta, obsessivamente, para a reconstrução do passado, num plano imaginário, fantasioso.” (MAGNAVITA, 2008, p. 72)*





## 5.1

### DEVIR, HISTÓRIA, EXPERIMENTAÇÃO

*“O gás é alma; é energia. Quando o consumidor, seja no lar, seja na indústria, se utiliza do gás ele está dispondo de uma porção de energia que se transformará em trabalho, fator de produção e progresso.”<sup>66</sup>*

66. PONDÉ, 1971, p. 75

A citação anterior foi extraída do discurso proferido pelo então diretor da Companhia Estadual de Gás, Coronel Paulo Leitão de Almeida, em virtude da inauguração das primeiras usinas de nafta no Gasômetro, no ano de 1970. Como vimos anteriormente, a matéria-prima utilizada para produzir o gás sofreu alteração, implicando no rearranjo das instalações industriais em, pelo menos, quatro momentos distintos, de 1911 a 2006.

Ao longo destes cem anos de funcionamento, elementos construídos foram subtraídos das camadas do Gasômetro, ao passo que o que se tem hoje são segmentos que nos informam de maneira descontínua a “energia” desprendida naquele local. Aquilo que existe é a combinação disjuntiva de tempos e estruturas que não contam uma história cronológica da matéria-prima e dos

equipamentos empregados na produção do gás. A metáfora do gás utilizada pelo coronel, por sua vez, acompanhou o discurso que alicerçava todas essas transformações. Mais recentemente, a mesma metáfora desenvolvimentista se desloca para outros territórios da Região Metropolitana, enquanto o Gasômetro se vê em vias de substituição por outros símbolos do progresso.

Deleuze e Guattari afirmam que todo movimento de desterritorialização implica em um processo concomitante de reterritorialização. Inegavelmente, o abandono do território industrial sugere novas demarcações, concretas e subjetivas, transformações que abrem espaço para a atribuição de novos significados ao Complexo do Gasômetro. A pergunta que se coloca é: quais significados, quais possibilidades estão em jogo?

No artigo “O Lugar da Diferença”, o arquiteto Pasqualino Magnavita discute o papel hegemônico do conceito de identidade nos discursos entorno da arquitetura e do patrimônio. Magnavita cita a distinção que Gilles Deleuze efetua entre passado e presente, recuperando a filosofia Bergsoniana:

*“Como um presente qualquer passaria, se ele não fosse passado ao mesmo tempo que presente? O passado jamais se constituiria, se ele não tivesse se constituído, inicialmente, ao mesmo tempo em que foi presente. Há aí como que uma posição fundamental do tempo, e também o mais profundo paradoxo da memória: o passado é ‘contemporâneo’ do presente que ele foi. (...) O passado jamais se constituiria se ele não coexistisse com o presente do qual ele é o passado. O passado e o presente não designa dois momentos sucessivos, mas dois elementos que coexistem: um, que é o presente e que não pára de passar; o outro, que é o passado e que não pára de ser, mas pelo qual todos os presentes passam”<sup>67</sup>*

67. DELEUZE apud MAGNAVITA, 2008, p. 70

No contexto do Porto Maravilha, as intervenções atuais parecem se situar unicamente em dois polos antagônicos, que não se contaminam, resultando na gradual simplificação da história do local e de sua potência criadora: por uma frente, assistimos ao engessamento “oficial” de uma categoria específica de patrimônio, a exemplo da proposta urbanística para o Oratório do Morro da Providência tratada anteriormente; por outra frente, o esquecimento premeditado da essência industrial da Zona Portuária é colocado como única possibilidade para as áreas com maior potencial econômico, como o entorno do Canal do Mangue e Gasômetro.

Buscando uma outra aproximação da identidade e do patrimônio industrial, a proposta deste trabalho é tratar o passado do Gasômetro enquanto “possibilidade do presente”, de um passado que não cessa de ser. Nesta ótica,



o conceito de “devir” defendido por Deleuze e Guattari se revela rico em possibilidades:

*“Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos.”<sup>68</sup>*

68. DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 64

Em sua relação com o passado, segundo os autores, o devir não é história, mas é determinado por ela:

*“O “devir” não é história; hoje ainda a história designa somente o conjunto das condições, por mais recentes que sejam, das quais nos desviamos para um devir, isto é, para criarmos algo de novo. (...) Como algo viria da história? Sem a história, o devir permaneceria indeterminado, incondicionado, mas o devir não é histórico. (...) O próprio acontecimento tem necessidade do devir como de um elemento não-histórico.”<sup>69</sup>*

69. DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 125-126

Assim, o Gasômetro atualiza e é atualizado pela história: me avizinho da potência do passado do Gasômetro para que ele devesse outra coisa. A partir das disjunções de tempos que não sucedem, mas coexistem, é possível promover novos agenciamentos, novas possibilidades para a área. Sob a luz de uma interpretação própria, a proposta é escapar da história para desejar, talvez, um “Devir-gasômetro”, exercício-projeto que, ancorado no passado da área e na experimentação, gere algo “em vias de transformação”, em movimento. A respeito da experimentação, Deleuze e Guattari afirmam:

*“Pensar é experimentar, mas a experimentação é sempre o que se está fazendo - o novo, o notável, o interessante, que substituem a aparência de verdade e que são mais exigentes que ela. (...) A história não é experimentação, ela é somente o conjunto de condições quase negativas que tornam possível a experimentação de algo que escapa à história.”<sup>70</sup>*

70. idem, p. 143

Trata-se, de certa forma, de não inserir o projeto em um passado preservacionista, ou em um presente dominante de Porto Maravilha. Ao invés, o afirmamos como um eterno vir-a-ser minoritário, eterna possibilidade de experimentação. Não se trata de “juntar os fragmentos” que ainda restam no terreno do Gasômetro, reconstruindo unicamente uma memória atrelada ao seu passado fabril. Ao invés, alimentar um passado vivo no presente:

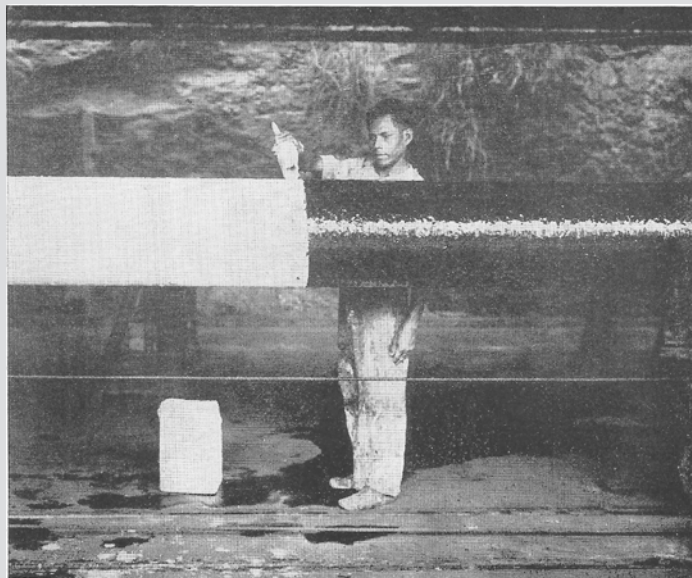
*“Devir é nunca imitar, nem fazer como, nem se conformar a um modelo, seja de justiça ou de verdade. Não há um termo do qual se*

*parta, nem um ao qual se chegue ou ao qual se deva chegar. Tampouco dois termos intercambiantes. (...) à medida que alguém se transforma, aquilo em que ele se transforma muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, de núpcias entre dois reinos.”<sup>71</sup>*

71. DELEUZE apud  
ZOURABICHVILI, 2004,  
p. 24

## 1911-1971: TRABALHO E MODERNIDADE

FIG.16



*“As novas instalações para o fabrico do gaz representam um empreendimento gigantesco. (...) Tudo ali é feito como que **pela mão do invisível**, facilitando sobretudo a missão do operário. Todas as machinas são movidas por força electrica e os diversos departamentos têm as suas coberturas altas e ventiladas, de maneira a não se observar mais o inconveniente da fumaça envolver os trabalhadores a ponto delles não se aperceberem do que se passava em torno.”*

O trecho acima foi extraído da notícia publicada no jornal Correio do Amanhã, em 24 de Junho de 1911, às vésperas da inauguração do novo Gasômetro. Em um discurso que "ilumina" o progresso e a modernidade, exalta-se o automatismo propiciado pela nova tecnologia, que parece libertar o trabalhador do esforço braçal. Ironicamente, a foto aqui escolhida por mim para ilustrar esta notícia foi tirada 60 anos depois, em 1971. Nela, observamos a *mão visível* e os pés descalços do operário, que caía a tubulação a ser empregada na expansão do "moderno" sistema de distribuição de gás da cidade.



- **Liso e estriado**, experimentados no contexto do Gasômetro em uma alusão ao tecido e ao feltro.





## 5.2

### O LISO E O ESTRIADO

Em Mil Platôs, Deleuze e Guattari aprofundam o conceito de “*liso e estriado*”, recorrendo a certos modelos para explicá-lo: tecnológico, musical, marítimo, matemático, físico e estético. A reflexão que se segue é baseada, sobretudo, nos modelos tecnológico e marítimo.

No modelo tecnológico, o liso e o estriado se caracterizam pelo espaço do feltro e do tecido, respectivamente. O tecido é composto por fios paralelos, verticais e horizontais, fixos e móveis (ou seja, desempenham papéis diferentes em sua organização), que se entrecruzam perpendicularmente. Sua trama é sempre finita, ao menos na largura, por conta da limitação imposta pela dimensão da máquina de tear. Procedendo de maneira diferente, Deleuze e Guattari definem o feltro como um “anti-tecido”:

*“O feltro não implica distinção alguma entre os fios, nenhum entrecruzamento, mas apenas um emaranhado das fibras, obtido por prensagem (...). São os micro-filamentos das fibras que se emaranham.*”



*Um tal conjunto de enredamento não é de modo algum homogêneo: contudo, ele é liso, e se opõe ponto por ponto ao espaço do tecido (é infinito de direito, aberto ou ilimitado em todas as direções; não tem direito nem avesso, nem centro; não estabelece fixos e móveis, mas antes distribui uma variação contínua).”<sup>72</sup>*

72. DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 181

Já no modelo tecnológico, a comparação do liso e estriado com a forma e organização da cidade parece inevitável. Com suas quadras ortogonais, *cardus* e *decumanos*, composta por distâncias medidas em intervalos métricos, os autores afirmam que a cidade é um legítimo espaço estriado; conservando, porém, complexidades que fogem da simples oposição, a serem tratadas mais adiante.

No modelo marítimo, Deleuze e Guattari trazem como referência o mar, espaço “liso por excelência”<sup>73</sup> que é estriado em função das conquistas astronômicas e geográficas. Pois a identificação do céu, bem como as coordenadas geográficas, acabam por introduzir “pontos” no infinito do mar e produzem mapas a partir dele.

73. idem, p. 185

A análise de Deleuze e Guattari não se coloca nas proximidades da terra; ao invés, é pensada no alto mar. No entanto, transportando a reflexão para o litoral da Baía de Guanabara, é possível estabelecer uma analogia com a área trabalhada. Na Zona Portuária, por séculos, o mar é dominado, calculado, estriado por linhas retas. As inúmeras praias e áreas de mangue que constituíam aquela região, inclusive no local onde hoje está situado o Gasômetro, desaparecem através de sucessivos aterros que, paulatinamente, traçaram uma nova fronteira industrial. Assim, a fronteira entre o estriado da cidade e o liso do mar é também a fronteira por onde o estriado avança sobre o liso, a interseção onde o primeiro se mostrou com maior intensidade.



FIG.17: Em fotografia de obras de aterramento da baía no Caju, o Gasômetro aparece no canto superior direito. (s/d)

No contexto atual, a dominação do mar já não se dá por novos movimentos topográficos, mas por outras operações que fogem à terra e sua representação. Como exemplo, na divulgação do primeiro empreendimento comercial lançado no Porto Maravilha, declara-se que agora “o mundo dos negócios tem seu porto seguro”<sup>74</sup>. A figura do mar escapa à filosofia da imanência de Deleuze e Guattari para ganhar novos significados ancorados em uma “filosofia” do mercado:

74. Disponível em: < [www.portoatlantico.org](http://www.portoatlantico.org) >. Data de acesso: 27-06-2013

*“O mar é o meio: nenhuma outra cidade cantou, filmou, viveu e eternizou tanto o mar quanto o Rio. O mar é o futuro: bem ali, ao lado de onde tudo começou, irá aportar um dos mais relevantes complexos empresariais que a cidade já viu.”*<sup>75</sup>

75. Disponível em: < [www.investanoportomaravilha.com.br](http://www.investanoportomaravilha.com.br) >. Data de acesso: 27-06-2013

Ora, de que estamos tratando, senão de novos mecanismos de estriagem, novas apropriações perpetradas pelo aparelho de Estado na organização do capital imobiliário “bem ali, ao lado de onde tudo começou”?

**FIG.18: Divulgação do Porto Atlântico,** primeiro empreendimento comercial lançado no Porto Maravilha.



76. “Do rio que tudo arrasta, diz-se que é violento. Mas ninguém chama violentas às margens que o comprimem.” Bertolt Brecht

77. DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 180

Por outro lado, vale lembrar que o projeto hegemônico de cidade não avança sem antes se deparar com movimentos de resistência, que escapam à lógica da estriagem.<sup>76</sup> Pois como os autores alertam, não há somente uma oposição simples entre os dois espaços; há também, para citar apenas duas, diferenças complexas e passagens de um ao outro.<sup>77</sup> Central na reflexão é o entendimento de que o estriado, incluso o estriado da cidade, está em constante alisamento e vice-versa:

*“Ao contrário do mar, ela [cidade] é o espaço estriado por excelência; porém, assim como o mar é o espaço liso que se deixa fundamentalmente estriar, a cidade seria a força de estriagem que restituiria, que novamente praticaria espaço liso por toda parte, na*

*terra e em outros elementos — fora da própria cidade, mas também nela mesma.*<sup>78</sup>

78. idem, p. 188

Aproximando-nos ainda mais do objeto em estudo, até onde seria possível alisar o estriado da cidade, do Gasômetro? Pensar na cidade que é concebida por meio de um *projeto* permite que consideremos também a criação do liso, ou apenas o estriado? A questão é tentadora, ao mesmo tempo que nos parece perigosa: talvez, a cada nova tentativa de objetivar (e espacializar) as diferenças, tentando alisar em projeto o espaço estriado, corremos o risco de estriá-lo ainda mais.

Por outro lado, em oposição ao homogêneo<sup>79</sup> do projeto de mercado posto como possibilidade única para a Zona Portuária, o tecido heterogêneo do Gasômetro no presente, com seus fragmentos e disjunções de estruturas industriais construídas, é uma primeira possibilidade de diálogo com os atributos do espaço liso:

*“(…) se o liso e o homogêneo aparentemente se comunicam, é somente porque o estriado não chega a seu ideal de homogeneidade perfeita sem que esteja prestes a produzir novamente o liso, seguindo um movimento que se superpõe àquele do homogêneo, mas permanece inteiramente diferente dele. Em cada modelo, com efeito, o liso nos pareceu pertencer a uma heterogeneidade de base.”*<sup>80</sup>

79. “Quanto mais regular é o entrecruzamento, tanto mais cerrada é a estriagem, mais o espaço tende a tornar-se homogêneo: é nesse sentido que a homogeneidade nos pareceu ser, desde o início, não o caráter do espaço liso, mas exatamente o contrário, o resultado final da estriagem, ou a forma-limite de um espaço estriado por toda parte, em todas as direções.” (idem, p. 197)

80. idem, p. 197-198

Estriado de Porto Maravilha que produz novamente o liso, da resistência observada nos territórios populares dos Morros ao exercício de Devir-Gasômetro; como afirmam os autores, “*todo progresso se faz por e no espaço estriado, mas é no espaço liso que se produz todo devir.*”<sup>81</sup> Assim, a possibilidade talvez resida nos novos acontecimentos do Gasômetro e, novamente, nos devires engendrados no seu interior, devires que se oponham à hegemonia do Porto Maravilha, este sim, signo do progresso e estriado por excelência. Pontos que passem por linhas, práticas e ambiências que se desvelem a partir do menor<sup>82</sup>, promovendo um constante embate que resista ao estriamento. Finalmente, nem liso nem estriado, o interesse está nas superposições, na transição entre ambos, pois como sublinham Deleuze e Guattari:

*“Viajar de modo liso é todo um devir, e ainda um devir difícil, incerto. Não se trata de voltar à navegação pré-astronômica, nem aos antigos nômades. É hoje, e nos sentidos os mais diversos, que prossegue o confronto entre o liso e estriado, as **passagens, alternâncias, e superposições.**”*<sup>83</sup>

81. idem, p. 195

82. Em “Toward a Minor Architecture”, Jill Stoner pega emprestado o conceito de “literatura menor” de Deleuze e Guattari, para defender uma “arquitetura menor”: “A minor literature doesn’t come from a minor language; it is rather that which a minority constructs within a major language.” (DELEUZE e GUATTARI apud STONER, 2012)

83. DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 195. Grifos meus



**FIG.19: Aérea do Gasômetro, 2007.**

## **2001-2012: DO GÁS À PROMESSA HABITACIONAL**

Em vistas à conversão do sistema de gás e conseqüente renúncia à sua função industrial, alternativas começam a ser desenhadas para o Gasômetro a partir do ano 2000. A primeira imagem divulga os resultados de um concurso de arquitetura internacional elaborado para a área, que nas palavras do jornal se converteria em "área chique". Onze anos depois, mais uma vez, a promessa discursiva de transformação para o uso habitacional faz com que o terreno volte às manchetes, agora no contexto de Porto Maravilha.



FIG.20: Notícia extraída do "Jornal do Brasil", 20/10/2001. Caderno "Cidade" p. 18.



Pelos projetos selecionados, os três reservatórios do gasômetro serão transformados em boates, cinemas e bibliotecas

## De zona fabril a área chique

### Projeto prevê criação de complexo de habitação e lazer no Gasômetro

A diretoria de Urbanismo do Instituto Pereira Passos (IPP) tem em mãos três projetos de revitalização da área do Gasômetro, em São Cristóvão, selecionados em um concurso de arquitetura e urbanismo coordenado pela União Europeia. O IPP, na verdade, está aguardando que se desenrole o *embroglio* da reforma da área portuária para definir, com o Estado e a CEG, o que será feito do local após a desativação da fábrica de gás manufacturado.

O concurso, realizado em duas fases, uma no Rio e outra em Santiago de Compostela, na Espanha, no ano passado, reuniu arquitetos de vários países, que desenvolveram projetos para nove locais em diferentes pontos do mundo. No Rio, o lugar escolhido foi o Gasômetro. O cartista Washington Fajardo e a baiana Naia Alban foram selecionados na primeira fase. Dos 21 selecionados, Fajardo ficou entre os seis vencedores do concurso. Segundo Cristina Michaleo, técnica do IPP e coordenadora do concurso no Rio, o projeto do carioca é o preferido. "O objetivo proposto foi atendido por ele. Washington mesclou habitação, comércio, serviços e lazer", explica Cristina.

A ideia do arquiteto começa no Gasômetro e se expande para a Avenida Brasil. Com prédios habitacionais, vista para o gramado verde, onde será a área de lazer - o que permitiria que os moradores não fossem incomodados pelo barulho dos carros - e zona de serviços, o projeto transformaria a região numa pequena cidade. "O projeto dá liberdade de execução e cuida da questão viária. E os reservatórios de gás transformam-se em pontos de encontro e entretenimento. Podem virar casa noturna, cinema ou até mesmo biblioteca", explica o arquiteto do IPP, Antônio Correia.

Uma mudança e tanto para o local, conhecido não apenas pela fumaça incessante dos reservatórios, mas pela triste memória dos tempos em que o Gasômetro virou alvo de um plano terrorista, em 1968, quando a linha dura do regime militar pretendia explodir a fábrica e atribuir o atentado aos comunistas. Mais de 30 anos depois, o único porém para a aprovação do novo uso do lugar é a possibilidade de contaminação do solo. "Como a desativação do Gasômetro está prevista para 2006, ainda existe muito tempo para os estudos e análises que envolvem o projeto", observa Correia. A área administrativa da CEG deve continuar funcionando normalmente no Gasômetro.

FIG.21: Notícia extraída do jornal "O Globo", 08/04/2012. Caderno "Morar Bem", p. 1.

O GLOBO

Cadernos classificados: O melhor entre as ofertas de imóveis

**MORAR BEM**

Cartas dos leitores: Advogados tiram suas dúvidas • 3

DOMINGO, 8 DE ABRIL DE 2012

URBANISMO

# No Porto... à espreita



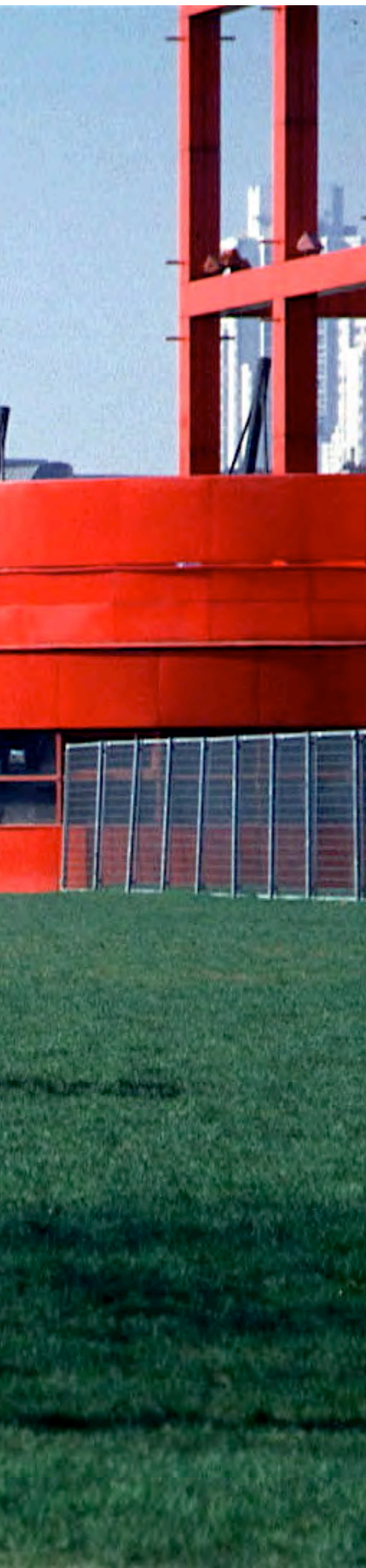
O ENTORNO da Rodoviária Novo Rio é uma das áreas edificadas, da região do Porto, que poderão receber empreendimentos residenciais. Porto dali, será demolido ainda este mês o terminal Henrique Ottoni



**FIG.22: Parc de La Villette,**  
concebido pelo arquiteto  
Bernard Tschumi.







## 6.1

### **BERNARD TSCHUMI E O PARC DE LA VILLETTE. LIMITE, INSTABILIDADE E DISJUNÇÃO**

Bernard Tschumi nasceu em 1944, na Suíça, tendo estudado arquitetura no Instituto Federal de Tecnologia de Zurique (ETH Zürich). Em paralelo ao exercício profissional, Tschumi leciona desde a década de 1970 em universidades americanas e europeias. Atualmente, é professor no curso de arquitetura da Columbia University, em Nova York.

Na década de 1970, direciona seus esforços no campo teórico ao lançar uma série de escritos, expostos em exposições de arte e publicados nos livros *Screenplays* (1976), *Manifestoes* (1979) e *The Manhattan Transcripts* (1976-1981). Desde 1983, lidera o escritório Bernard Tschumi Architects, criado no momento da comissão do projeto do Parc de La Villette, em Paris.

Em seu discurso teórico, Tschumi se contrapõe ao neo-modernismo e ao historicismo, duas correntes arquitetônicas pós-modernas que ganham força na década de 1970. Ao invés, o arquiteto se aproxima, a partir da década de 1980, da teoria da desconstrução, defendida pelo filósofo e crítico literário Jacques Derrida.

Em linhas gerais, a teoria da desconstrução questiona os significados tradicionais, a relação fixa entre binômios naturalizados na experiência textual e na tradição humana, tais como causa e efeito, significado e significante, que se colocam como interpretações do verbo “ser” passíveis de serem desconstruídas. Para a teórica da arquitetura Kate Nesbitt:

*“A desconstrução (...) analisa e questiona os pares conceituais que normalmente são aceitos como autoevidentes e naturais, como se não tivessem sido institucionalizados em um momento preciso, como se não tivessem história.”<sup>84</sup>*

84. NESBITT, 2008, p. 168

Se para muitos autores a teoria da desconstrução resiste à síntese explicativa<sup>85</sup>, a exposição do conceito não objetiva aqui discutir seus pormenores. Ao invés, a intenção é relacionar a influência dos questionamentos trazidos pela teoria da desconstrução na produção de Bernard Tschumi. Assim, na disciplina em questão, a desconstrução “acontece” e avança no sentido de formular uma arquitetura que não se limite à categoria de representação, pois como afirma Marília Solfa:

*“Vários estudos feitos por Jacques Lacan, Roland Barthes ou Jacques Derrida, por exemplo, colocavam em xeque a relação fixa de causa e efeito entre significado e significante, ou entre uma palavra e o conceito a ela atribuído. Ao levar essa constatação para o campo da arquitetura, Tschumi passou a afirmar que também não havia nenhuma relação de causa e efeito entre um espaço ou uma forma arquitetônica e sua possível interpretação, pois eles permitiam múltiplas interpretações que dependiam do contexto, e não uma única: uma forma não sugere uma única função, e a atribuição de significado ao significante é algo que foge do controle do arquiteto, algo que pode ser subjetivo e pessoal.”<sup>86</sup>*

85. Em apresentação ocorrida no ano de 1993, Derrida explica a desconstrução da seguinte forma: “Needless to say, one more time, deconstruction, if there is such a thing, takes place as the experience of the impossible.” Disponível em: < [www.nytimes.com/2004/10/10/obituaries/10derrida.html](http://www.nytimes.com/2004/10/10/obituaries/10derrida.html) >. Data de acesso: 18-08-2013

86. SOLFA, 2010, p. 130

Na visão de Kate Nesbitt, o pós-estruturalismo tem influência mais ampla no pensamento de Bernard Tschumi, não se resumindo apenas à teoria da desconstrução. Essas noções, contudo, concorrem para um ponto comum em sua obra: a rejeição de uma leitura totalitária da arquitetura, de um conjunto unificado de signos. Segundo a autora,

*“O pós-estruturalismo de Tschumi é influenciado por Michel Foucault (ao adotar a ideia de “corte epistemológico”, uma ruptura entre*

87. NESBITT, 2008, p. 184

*períodos descontínuos na história do saber) e pela desconstrução propugnada por Jacques Derrida. O que o atrai no pós-estruturalismo e na desconstrução é que “[...] põem em xeque a ideia de um conjunto unificado de imagens, a ideia de certeza e, é claro, a ideia de uma linguagem identificável.”<sup>87</sup>*

Com relação à “*linguagem identificável*”, Tschumi parte do pressuposto de que as mudanças da linguagem trazidas pela contemporaneidade exigem uma outra resposta por parte da arquitetura. A questão que se coloca, bem como a possibilidade de desconstruir seus limites, é sintetizada na fala do arquiteto:

*“Há uma evidente mudança no status da arquitetura, em sua relação com a sua linguagem, os materiais que a compõem, e com os indivíduos ou sociedades. A pergunta é como os três termos se articulam, e como se relacionam uns com os outros no âmbito contemporâneo da prática arquitetônica. Como o modo de produção da arquitetura alcançou um estágio avançado de desenvolvimento, também é evidente que já não é mais preciso aderir estritamente às normas linguísticas, funcionais ou materiais; podendo-se distorcê-las à vontade.”<sup>88</sup>*

88. TSCHUMI in NESBITT, 2008, p. 181

89. idem, p. 175

Tschumi nega o reducionismo modernista que, condicionado pelas *ideologias do formalismo, funcionalismo e racionalismo*<sup>89</sup>, elimina as diferenças e ignora os limites que se desenham, operando uma leitura linear entre as relações de causa e efeito, forma e função. Na visão do autor, se a arquitetura é, simultaneamente e de forma não hierárquica, *conceito e experiência, espaço e uso, estrutura e imagem superficial*, um esforço deve ser feito no sentido de interromper a separação entre as categorias. Ao invés, estas devem se embaralhar, em combinações de programas e espaços sem precedentes.

É possível observar o desenvolvimento de uma teoria própria ao longo da carreira do arquiteto, que se inicia em escritos da década de 1970 inspirada pelo contexto revolucionário de maio de 1968, amadurece e toma forma no início da década de 1980 com um foco mais interiorizado à prática arquitetônica, culminando na realização do Parc de La Villette. Dos escritos de Tschumi, gostaria de dar ênfase a certas noções-chave para a leitura de sua arquitetura e de sua teoria da disjunção arquitetônica: os limites e a instabilidade. É interessante notar que, em sua obra, estas noções se sobrepõem em inúmeras passagens, ora se referenciando, ora se complementando.

90. TSCHUMI, 1994

A noção de *limite* se manifesta em variados contextos, como por exemplo, na atenção às fronteiras disciplinares que se desenham entre arquitetura, arte, literatura e cinema. Em “The Manhattan Transcripts”<sup>90</sup>, Tschumi dilui esses limites entre as disciplinas, fazendo uso de técnicas narrativas que aproximam



o projeto de um romance investigativo. Já no projeto do Parc de La Villette, o autor explora a potência do evento através do uso de técnicas de cinema<sup>91</sup> na arquitetura, como a montagem e a sequência de quadros, culminando na concepção, dentre outras estratégias, da "*promenade cinématique*", discutida mais adiante.

Para Tschumi, os limites são a *área estratégica da arquitetura*<sup>92</sup>. O limite se revela fundamental para o entendimento da sua produção, surgindo, inclusive, como parte do questionamento das "certezas" da modernidade e do modernismo.<sup>93</sup> Ao fazer referência à instabilidade e à crise das grandes narrativas, o autor evoca o limite, que de certa forma adianta outra reflexão importantíssima na condição pós-moderna e em sua obra, a *fragmentação*:

*"When the philosopher Jean-François Lyotard speaks about the crisis of the grand narratives of modernity (...), it only prefigures the crisis of any narrative, any discourse, any mode of representation. The crisis of these grand narratives, their coherent totality, is also the crisis of limits. As with the contemporary city, there are no more boundaries delineating a coherent and homogenous whole. On the contrary, we inhabit a fractured space, made of accidents, where figures are disintegrated, dis-integrated. From a sensibility developed during centuries around the "appearance of a stable image" ("balance," "equilibrium," "harmony"), today we favor a sensibility of the disappearance of unstable images: first movies (twenty-four images per second), then television, then computer-generated images, and recently (among a few architects) disjunctions, dislocations, deconstructions."*<sup>94</sup>

A fala do arquiteto é clara: um ataque à estabilidade e à permanência, um ataque à trilogia vitruviana *venustas, firmitas, utilitas*. Da confrontação entre espaço e uso, surge inevitavelmente a disjunção; assim, a arquitetura revela-se "*constantemente instável, constantemente à beira da mudança*". Para Tschumi, ao tentar torná-la eterna, a arquitetura é posta contra si mesma pela humanidade:

*"It is paradoxical that three thousand years of architectural ideology have tried to assert the very opposite: that architecture is about stability, solidity, foundation. I would claim that architecture was used "à contre-emploi", against and despite itself, as society tried to employ it as a means to stabilize, to institutionalize, to establish permanence."*<sup>95</sup>

Os limites e a instabilidade aqui apresentados convergem para uma noção central defendida por Tschumi, a disjunção. A disjunção não é entendida por ele como um conceito puramente arquitetônico, mas como uma ferramenta operacional, uma estratégia que pode ser empregada para se produzir

91. O autor afirma que o cinema foi o primeiro a introduzir a descontinuidade, "um mundo segmentado no qual cada fragmento mantém sua independência própria, assim permitindo uma multiplicidade de combinações." (TSCHUMI, 1996, p. 197)

92. TSCHUMI in NESBITT, 2008, p. 176

93. É preciso ressaltar que o autor de certa forma acompanha o movimento da sua época, de ruptura com a disciplina do modernismo. Contudo, a leitura do deconstrutivismo que Tschumi propõe vai além de uma proposta formal, apresentando características bastante particulares em comparação à obra de outros *star-architects* que na época também estavam em ascensão, tais como Frank Gehry, Daniel Libeskind, Rem Koolhaas e Zaha Hadid.

94. TSCHUMI, 1996, p. 217. grifos meus

95. TSCHUMI, 1996, p. 19

arquitetura. A despeito de uma suposta síntese ou totalidade, a estratégia disjuntiva preserva as relações de conflito onde “cada parte leva à outra e toda construção é desestabilizada pelos vestígios, nela, de uma outra construção.”<sup>96</sup>

96. TSCHUMI in NESBITT, 2008, p. 191

Na disjunção entre o espaço arquitetônico e os eventos que nele ocorrem, Tschumi define como “denominadores comuns” do método disjuntivo: a rejeição da noção de síntese; a rejeição da oposição entre forma e uso (função); a ênfase metodológica dada à dissociação, superimposição e combinação.<sup>97</sup> Os processos operatórios com origem neste método são amplamente postos em prática no Parc de La Villette, que será exposto a seguir.

97. ibidem

## O PARC DE LA VILLETTE

Em 1983, o projeto de Tschumi é escolhido como vencedor no concurso internacional de arquitetura para o Parc de la Villette, naquilo que viria a ser seu primeiro projeto construído e, até hoje, mais emblemático em sua carreira, essencial por ter desempenhado o papel de “fechar o elo” entre teoria e prática.

O concurso foi organizado no contexto dos *grands projets* empreendidos pelo governo de François Mitterrand. Com foco na cultura e pensado para ser o maior parque de Paris, o projeto se estende por 55 ha do terreno de um antigo abatedouro da capital. O programa abrange uma série de equipamentos culturais, tais como museu de ciência, sala de concertos e teatro, prevendo também a intervenção posterior de outros arquitetos no projeto.

Ao apostar no método disjuntivo por meio da sobreposição e repetição, Tschumi afirma que “o projeto [do Parc de La Villette] nunca se realiza, assim como as fronteiras nunca são definidas.”<sup>98</sup> O Parc de la Villette surge com o objetivo de confirmar a possibilidade de se construir uma estrutura complexa sem cair nas regras de composição, hierarquia e ordem. Para ele, o projeto consiste na desintegração da arquitetura:

98. idem, p. 190

*“In fact, if historically architecture has always been defined as the “harmonious synthesis” of cost, structure, use, and formal constraints (venustas, firmitas, utilitas), the Parc became architecture against itself: a dis-integration.”*<sup>99</sup>

99. TSCHUMI, 1996, p. 199

Nesbitt afirma que, para Tschumi, “o problema não é propriamente o espaço, mas a sua programação em termos de função e não como evento.” A atenção ao evento surge ainda nos escritos teóricos da década de 1970, sob influência assumida do discurso Situacionista e de Maio de 1968. No artigo “Six Concepts” publicado

em 1991, Tschumi cita uma definição interessante desenvolvida por Foucault, que parece corroborar para sua noção de evento:

*“For Foucault, an event is not simply a logical sequence of words or actions but rather “the moment of erosion, collapse, questioning, or problematization of the very assumptions of the setting within which a drama may take place – occasioning the chance or possibility or another, different setting.”*<sup>100</sup>

100. idem, p. 256

Tschumi acredita que a arquitetura, definida pela articulação entre espaço, ação e movimento, gera o evento – o lugar do choque. De fato, o esforço do arquiteto em conceber uma arquitetura que resulte no evento, no choque, parece se reafirmar neste projeto.

La Villette foi pensado no âmbito de um quadro (*framework*) consistente, capaz de gerar uma estrutura forte o suficiente para existir independente do uso conferido ao local, que pudesse atravessar futuras alterações programáticas sem prejuízo à identidade originalmente concebida. O parque é espacialmente estruturado por pontos, linhas e superfícies; três sistemas autônomos seguindo cada um sua lógica própria, se sobrepondo sem a preocupação de evitar o choque gerado pela operação.

O sistema de pontos está expresso nas *Folies*, 35 objetos arquitetônicos vermelhos, “vazios de significado”<sup>101</sup>, dispostos a cada 120 metros de distância em uma grelha retangular imaginária que cobre toda a extensão do parque. Tschumi vê na repetição serial e no aparente anonimato da estrutura em grelha paradigmas da forma do século XX. Além disso, a grelha define um campo infinito de pontos de intensidade, sempre incompleta, sem centro ou hierarquia.<sup>102</sup> Conceitualmente, as *Folies* têm origem em um objeto único, que ao ser explodido se divide em  $n$  partes de 10x10x10m, desconstruídas e reorganizadas em uma grelha<sup>103</sup>. As *Folies* introduzem certa ordem ao esquema ao se constituírem em pontos de referência visual e, além disso, ferramenta estratégica na articulação dos espaços desconexos gerados pela sobreposição de sistemas.

101. “objetos autônomos que, no futuro, estarão aptos a receber novos significados” (idem, p. 174). As *Folies* são referência direta às questões deconstrutivistas abordadas anteriormente.

102. idem, p. 194

103. “Uma vez desconstruída, a realidade nunca pode ser reconstruída como antes” (idem, p. 179)

O sistema de linhas, por sua vez, toma forma na estrutura de percursos do parque. A solução adotada é composta por dois eixos principais, que se desenvolvem em paralelo à grelha de pontos; mas também por um caminho curvo, mais “orgânico”, se expandindo por todo o terreno e intersectando por diversas vezes os dois eixos principais. Em oposição aos pontos, os caminhos não seguem lógica rígida. Ao invés, a ênfase está no caráter exploratório conferido à experiência espacial, em especial nos caminhos sinuosos apelidados de *promenade cinemática*, que através do movimento do usuário desvelam em

sequência distintos ambientes (fragmentos) do parque, entre jardins temáticos e equipamentos culturais.

Em terceiro lugar, as superfícies. Este sistema delimita os equipamentos culturais e abriga as áreas verdes, essas correspondendo a 35 dos 54 hectares do parque. As áreas verdes comportam também os diversos *eventos* que um parque desta escala deve possibilitar, como momentos de lazer para famílias nos fins de semana e sessões de cinema a céu aberto durante o verão. O pavimento é intercalado por amplos espaços gramados, pedrisco e terra compactada.

Finalmente, o autor ressalta que uma camada extra poderia ser futuramente inserida sobre as três camadas concebidas por ele, abrindo espaço para a intervenção de outros arquitetos. A justaposição de novos elementos é sustentada pelo princípio da heterogeneidade – “*de elementos múltiplos, dissociados e inerentemente confrontacionais*”<sup>104</sup> – adotado no projeto, assim induzindo o sistema à instabilidade, ao programa que nunca se fecha.

104. idem, p. 196

## LISO E ESTRIADO NO PARC DE LA VILLETTE

Ao desenvolverem o modelo marítimo na conceituação dos espaços liso e estriado, Deleuze e Guattari fazem referência aos pontos, linhas e superfícies, mesmo conjunto que se desdobra em camadas no projeto para o Parc de La Villette. O aparecimento de palavras iguais em contextos tão diferentes nos estimula a atravessar os conceitos criados pelos autores na estrutura concebida por Tschumi.

Iniciamos pelos caminhos do parque, pela camada de **linhas**:

*“Certamente, tanto no espaço estriado como no espaço liso existem pontos, linhas e superfícies (...). Ora, no espaço estriado, as linhas, os trajetos têm tendência a ficar subordinados aos pontos: vai-se de um ponto a outro. No liso, é o inverso: os pontos estão subordinados ao trajeto.”*<sup>105</sup>

105. DELEUZE e GUATTARI,  
1997, p. 184

De antemão, a análise mais atenta nos faz pontuar uma questão importante: os trajetos do Parc de la Villette já estão demarcados, o percurso não é feito pelo usuário ao acaso, eles já foram previamente concebidos. Ainda assim, a maioria dos caminhos não nos levam necessariamente a um ponto específico. Ao invés, pode-se considerar a estrutura como “um ponto entre duas linhas”, pois é o trajeto em si que conforma a experiência da “promenade cinemática” da qual Tschumi nos fala, e não necessariamente os pontos (Follies) ou equipamentos culturais. D&G ressaltam que: “dirigido ou não, e sobretudo no segundo caso,

o espaço liso é direcional, e não dimensional ou métrico.”<sup>106</sup> Embora dirigidos, os caminhos do parque nos parecem ser muito mais direcionais, de intervalos abertos, do que dimensionais, métricos.

106. idem, p. 185

Ainda assim, os trajetos comportam o liso e o estriado: a estrutura é formada pela combinação de dois eixos rígidos a inúmeros percursos sinuosos, que se encontram e se distanciam como se “ao acaso”. Desta forma, a camada de linhas por si só é um estriado que se alisa, um liso que se estria constantemente.

Deleuze e Guattari pontuam algo relevante que nos serve para avançar a reflexão sobre a camada de **pontos**, representada no projeto pelas Follies:

*“No espaço estriado, fecha-se uma superfície, a ser “repartida” segundo intervalos determinados, conforme cortes assinalados; no liso, “distribui-se” num espaço aberto, conforme frequências ao longo dos percursos.”*<sup>107</sup>

107. idem, p. 188

Assim, a camada de pontos é a condição *sine qua non* que estria o parque. Não apenas devido a sua distribuição através de linhas paralelas e perpendiculares em intervalos iguais, a referência visual dos pontos consiste também em uma medida, um posicionamento no horizonte que assumidamente conserva poucos referenciais senão as próprias Follies:

*“O que cobre o espaço estriado, ao contrário, é o céu como medida, e as qualidades visuais mensuráveis que derivam dele.”*<sup>108</sup>

108. idem, p. 1vw

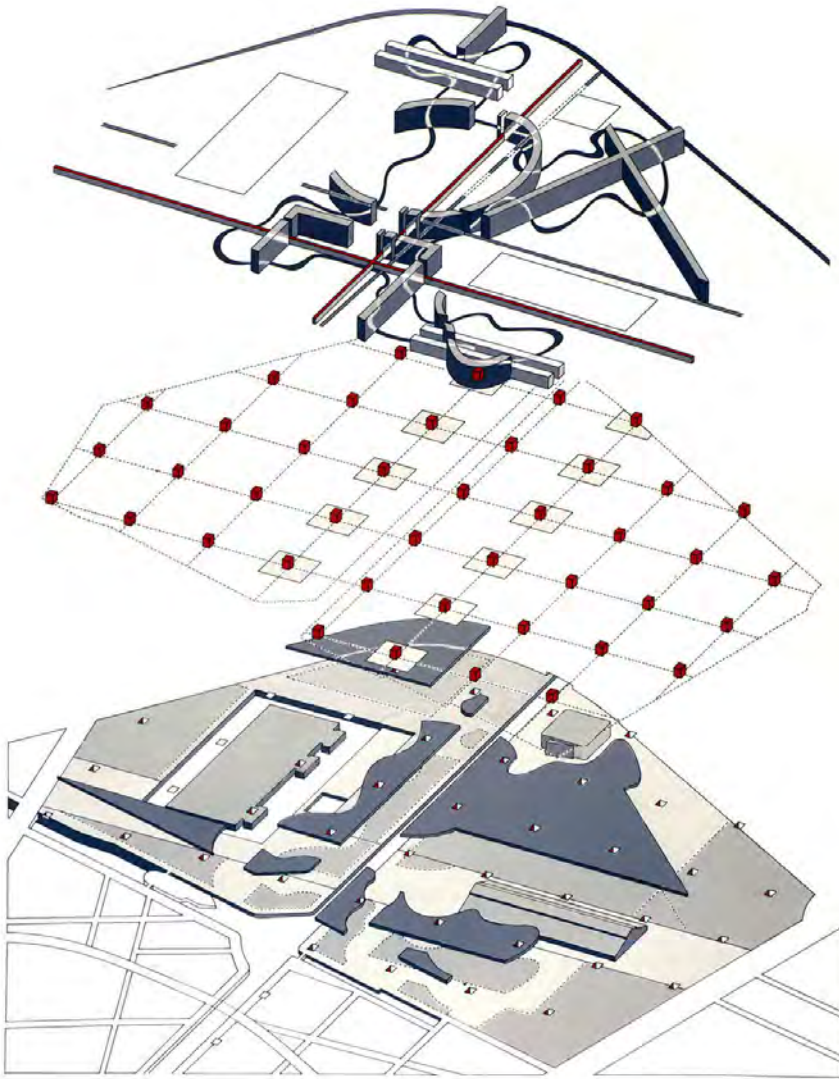
Com efeito, é possível supor que a qualidade do parque se dá justamente no choque entre ambos os espaços. São as passagens e disjunções, no estriamento do liso e no alisamento do estriado, nas três camadas, que enriquecem a diversidade programada pelo arquiteto.





**FIG.23: Parc de La Villette,**  
concebido pelo arquiteto  
Bernard Tschumi.

**FIG.24:** Esquema explodido das camadas do parque de La Villette. Partindo do topo, camada de linhas, pontos e superfícies.



**FIG.25:** Ilustração do Parc de La Villette.

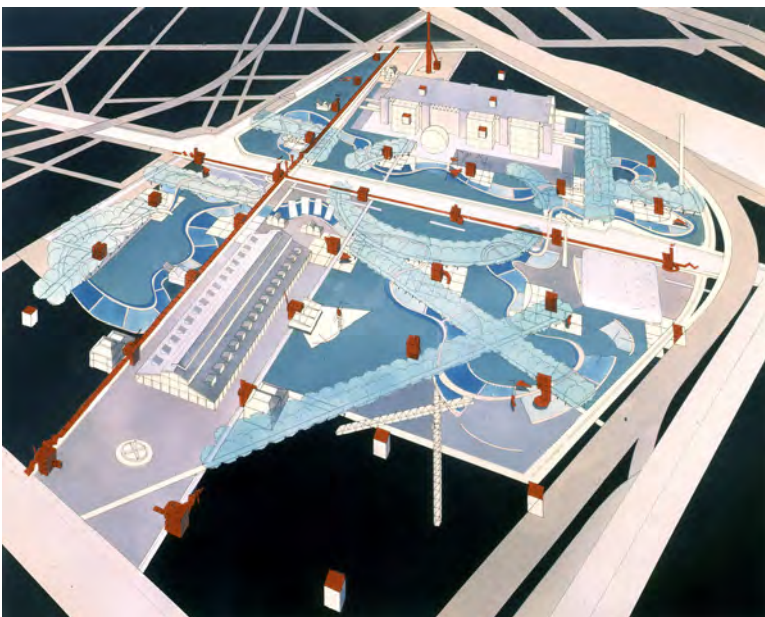
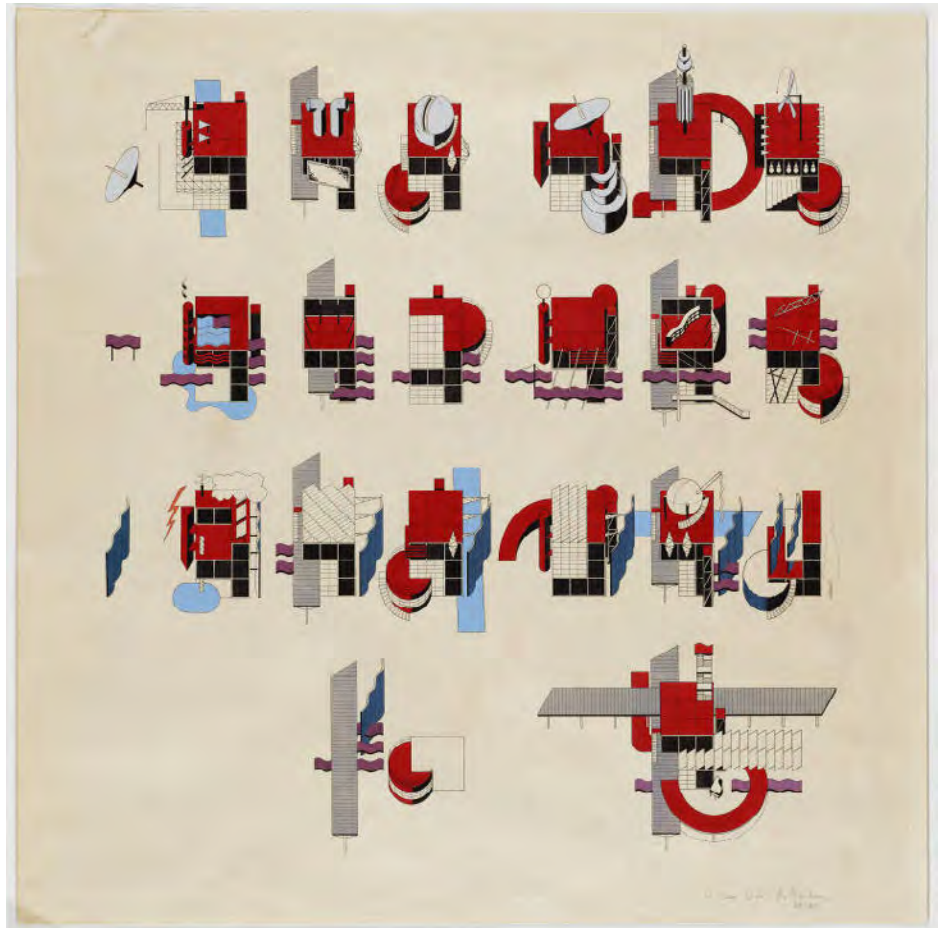




FIG.26: Sistema de pontos, *Follies*.



FIG.27: Estudo das *Follies*.





**FIG.28:** Caminho do Parc de La Villette.



**FIG.29: Camada de linhas,** detalhe da cobertura.





**FIG.30: Estrutura transformada em muro de escalada.** Landschaftspark Duisburg-Nord, Alemanha.





## 6.2

### REFERÊNCIAS DE INTERVENÇÕES EM PAISAGENS PÓS-INDUSTRIAIS

*"Every city has its deep ecology, its geometries of vacancy, inventories of waste, politics of space and consequent lines of flight. (...) Like a book no one is reading, a vacant building vibrates with unseen intensities, ready to shed its excess, its burden of overwrought grammars, its syntax of profitability: its enclosed interior and its brittle shell. If we can, let us imagine emptiness recalibrated, space unfolded toward smooth and slippery and nonconforming use." (STONER, 2012, p. 107)*

FIG.31



### **GAS WORKS PARK, SEATTLE, EUA**

O Parque Gas Works está instalado no terreno de uma antiga fábrica de gás em Seattle, Estados Unidos. Richard Haag, arquiteto responsável pelo projeto, afirma que seu trabalho foi feito no sentido de “afinar a floresta”, em referência a maneira como “editou” e manteve parte do conglomerado de torres, chaminés e galpões da antiga fábrica. Inaugurado em 1975, o parque foi celebrado por sua habilidade em mudar a percepção pública de paisagens industriais e, ainda hoje, é considerado referência pela recuperação de solos contaminados que foi feita no local, através de processos naturais de biorremediação.

FIG.32



### **CULTUURPARK WESTERGASFABRIEK , AMSTERDAM, HOLANDA**

Situado a Oeste da cidade de Amsterdam e tendo sido uma das maiores fábricas de gás da Holanda, o complexo perdeu importância a partir da descoberta de reservas de gás natural no país, na década de 1960. Foi definitivamente abandonado pela Companhia de Gás em 1992 e reabriu como “parque cultural” em 2003, após um longo processo de despoluição da área. Seus 13 hectares e edifícios históricos hoje abrigam jardins aquáticos, mercados, campo para grandes eventos e atividades temporárias menores.



FIG.33



FIG.34



## LANDSCHAFTSPARK DUISBURG-NORD, DUISBURG, ALEMANHA

O parque foi projetado em 1991 pelo escritório Latz + Partner, no terreno de uma antiga fábrica de aço e carvão, desativada em 1985. Além de preservar as estruturas industriais, solos que apresentavam alta toxicidade foram movidos para bunkers existentes, enquanto que a maior parte foi mantida e tratada por técnicas de fitorremediação.

*“A idéia era integrar, moldar, desenvolver e encadear os exemplares industriais [construídos] anteriormente concebidos, buscando uma nova interpretação com uma nova sintaxe. Os fragmentos existentes deviam ser entrelaçados em uma nova “paisagem”. Na paisagem do parque Duisburg Nord, sistemas individuais operam de maneira independente. Eles conectam certos pontos através de elementos visuais, funcionais ou meramente imaginários. Essas camadas consistem no parque aquático no subsolo, nos campos e porções de vegetação, nas promenades no nível da rua (...) e no parque ferroviário com seus caminhos aéreos.”*

LATZ+PARTNER (FONTE: <http://www.latzundpartner.de>)

*“As estruturas industriais [...] se tornaram palco e pano de fundo para, entre outras coisas, concertos, filmes e instalações artísticas. A materialidade industrial compõe uma fonte de inspiração, enquanto os novos pontos de referência artísticos são vistos como importantes nós servindo a orientação geográfica. A nova valorização da estética industrial contém uma busca por autenticidade na ruína, assim como uma mercantilização turística do lugar industrial. Em Landschaftspark Duisburg-Nord, o ponto de vista deliberadamente estético, juntamente com a valorização da natureza industrial, revelam uma forma bastante atípica de combinar clareza com ambiguidade e controle com decadência.”*

(STORM, 2008, p. 139)



**SESC POMPÉIA, SÃO PAULO**

Desenvolvido a partir de 1977, o projeto de Lina Bo Bardi reabilita uma fábrica de tambores desativada que viria a se tornar um “centro de lazer”, como a própria arquiteta sugere chamar. No local, duas novas torres e uma série de galpões preexistentes abrigam em seu interior diversas atividades, de oficinas de arte, salas de espetáculos, quadras poliesportivas a espaços de leitura.

*"Na segunda vez que lá estive, um sábado, o ambiente era outro: não mais a elegante e solitária estrutura Hennebiqueana mas um público alegre de crianças, mães, pais, anciãos passava de um pavilhão a outro. Crianças corriam, jovens jogavam futebol debaixo da chuva que caía dos telhados rachados, rindo com os chutes da bola na água. As mães preparavam o churrasquinhos e sanduíches na entrada da rua Clélia: um teatrinho de bonecos funcionava perto da massa, cheio de crianças. Pensei: isto tudo deve continuar assim, com toda esta alegria."*

Lina Bo Bardi (apud ALMEIDA, 2012)



FIG.35

**USINA DO GASÔMETRO, PORTO ALEGRE**

Construída em 1928, a edificação em concreto armado foi projetada para gerar energia elétrica a partir do carvão mineral. Embora nunca tenha desempenhado papel da manufatura do gás, o edifício recebe o nome de “gasômetro” devido a uma Usina de Gás localizada nas suas proximidades, porém já demolida. A chaminé de 117 foi erguida posteriormente, em 1937.

A usina é fechada em 1974. Em 1982 e 1983, a chaminé e o edifício são tombados a nível estadual e municipal, respectivamente. A partir de 1989, é destinada a fins culturais.

(FONTE: <http://www.jornaldomercadopoa.com.br>)



FIG.36



**GASÔMETRO DE OBERHAUSEN, ALEMANHA**

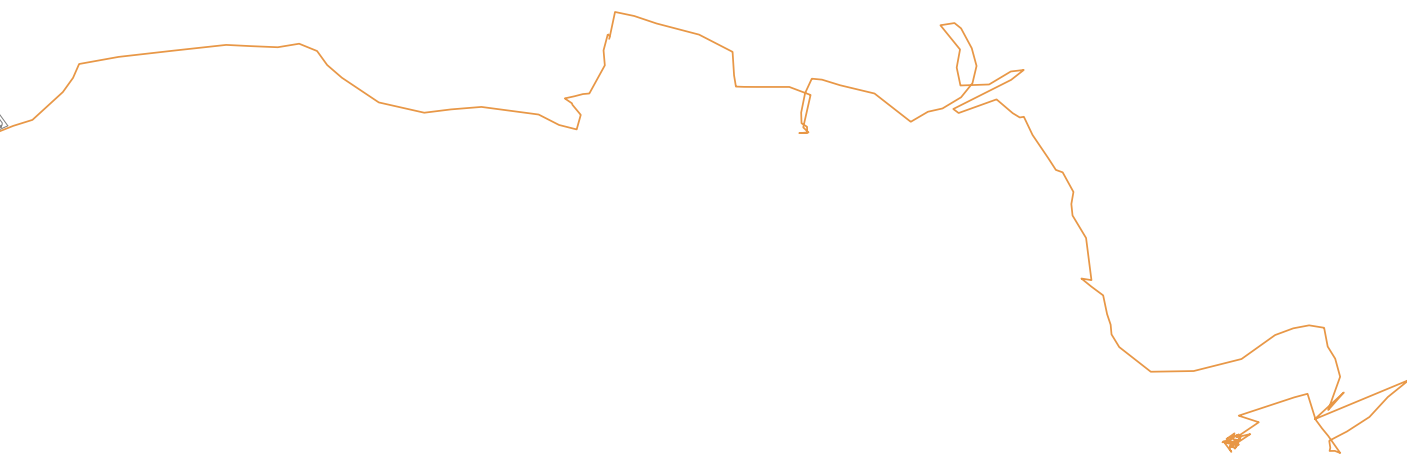
FIG.37



O Gasômetro de Oberhausen foi construído na década de 1920 para armazenar gás de coqueria, funcionando até 1988. Desde 1994, é utilizado para exposições e espetáculos, em um total de sete mil metros quadrados. Escadas e elevadores foram incorporados, oferecendo aos visitantes acesso ao topo da estrutura. Assim como Landschaftspark Duisburg-Nord, o Gasômetro de Oberhausen também está inserido na Rota Européia do Patrimônio Industrial. Em 2013, o local exibe a instalação “Big Air Package”, do artista Christo, considerada atualmente a maior escultura indoor do mundo.

- **Registro parcial (via GPS)** de caminhos percorridos, em dois momentos distintos, pelo interior do Complexo do Gasômetro e atravessando a Zona Portuária. Março e abril de 2013.



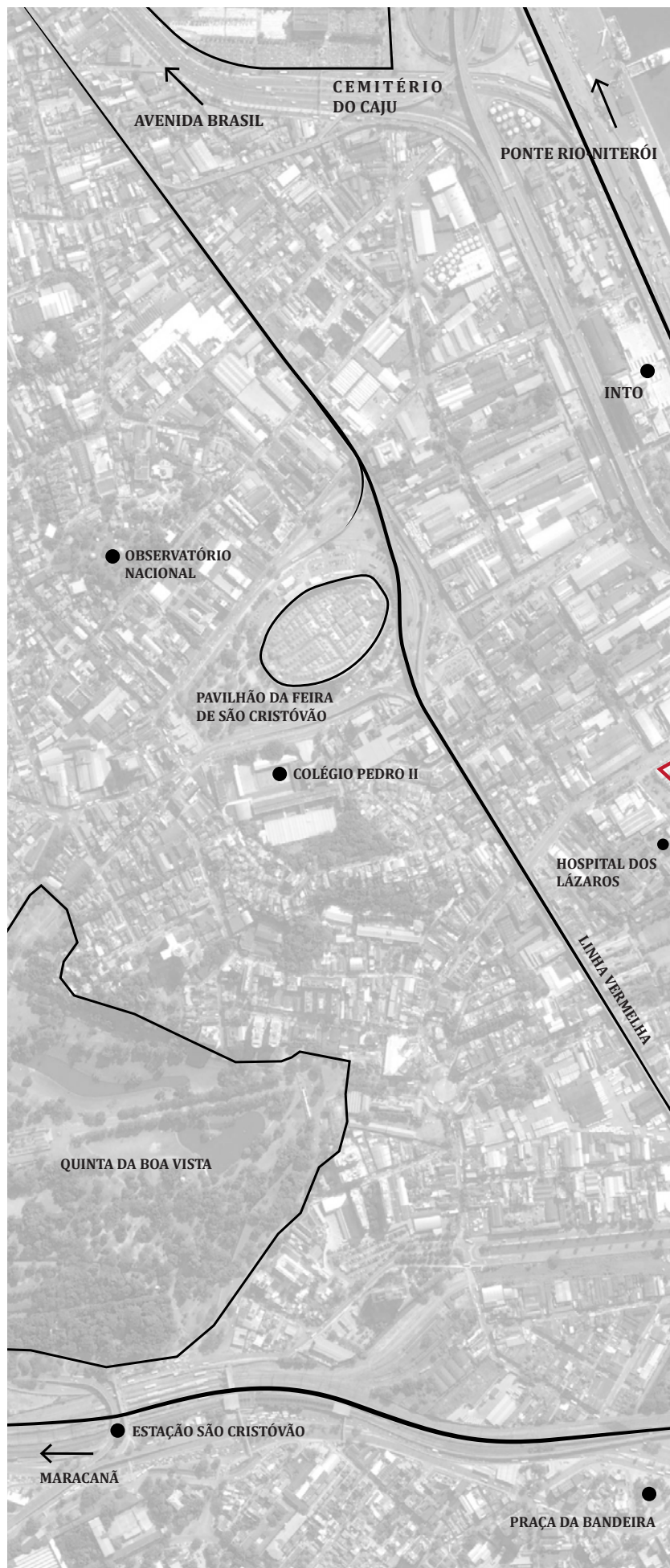


# 7

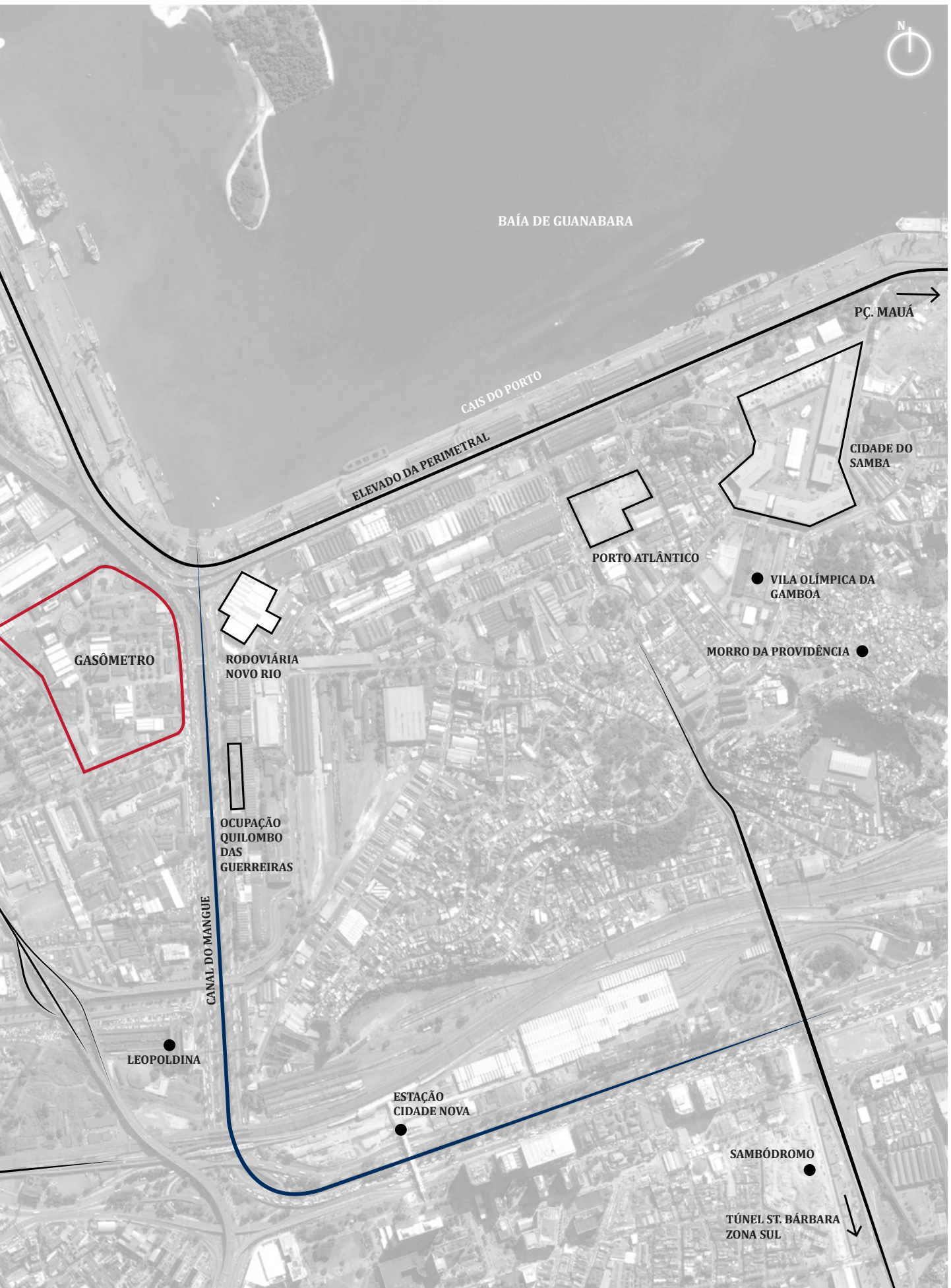
**APROXIMAÇÃO DA ÁREA**



## LOCALIZAÇÃO







BAÍA DE GUANABARA



PÇ. MAUÁ

CAIS DO PORTO  
ELEVADO DA PERIMETRAL

CIDADE DO SAMBA

PORTO ATLÂNTICO

● VILA OLÍMPICA DA GAMBOA

MORRO DA PROVIDÊNCIA ●

GASÔMETRO

RODOVIÁRIA NOVO RIO

OCUPAÇÃO QUILOMBO DAS GUERREIRAS

● LEOPOLDINA

● ESTAÇÃO CIDADE NOVA

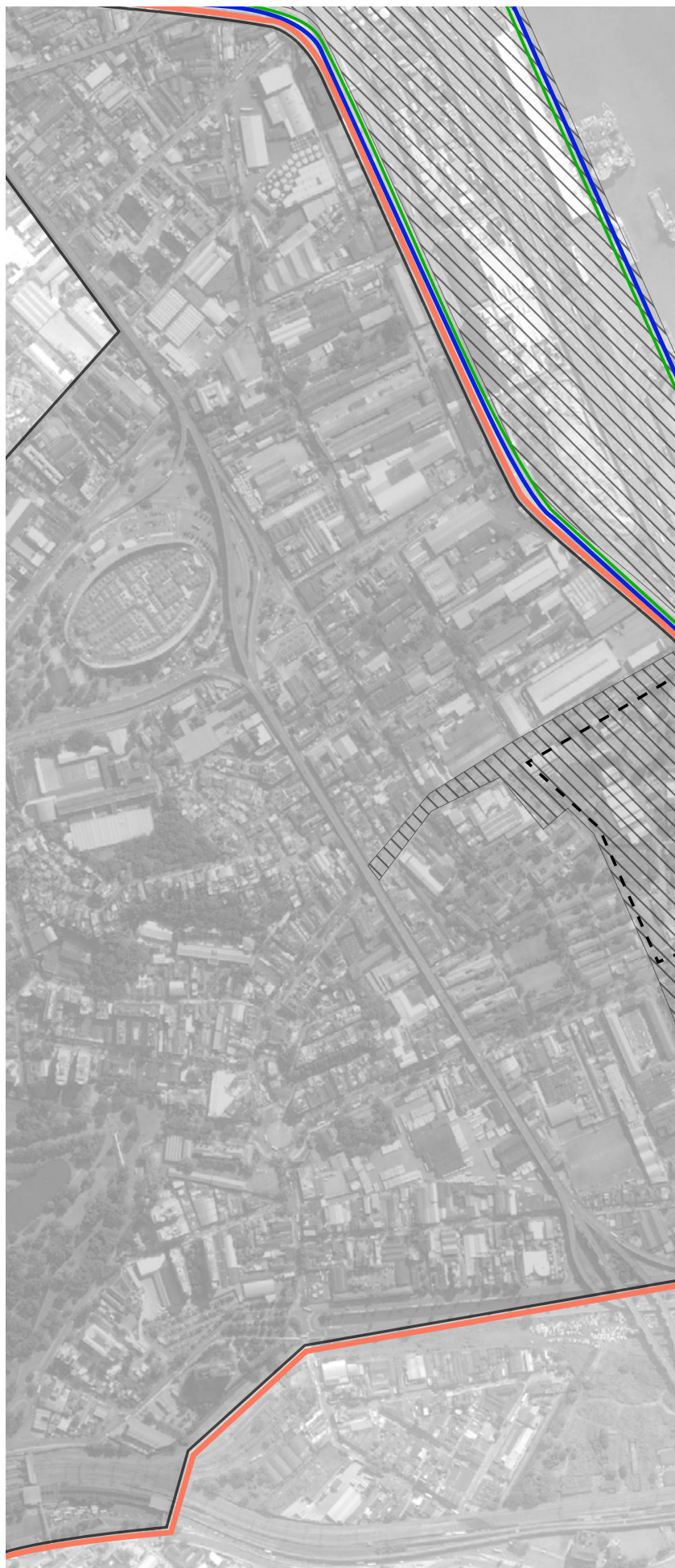
● SAMBÓDROMO

TÚNEL ST. BÁRBARA ZONA SUL

CANAL DO MANGUE

## GASÔMETRO E LIMITES

SOBREPOSIÇÃO DE LEGISLAÇÕES NO  
GASÔMETRO E EM SEU ENTORNO



- - - TERRENO DO GASÔMETRO

### LIMÍTROFES AO TERRENO DO GASÔMETRO

- BAIRRO CAJU
- BAIRRO SANTO CRISTO
- REGIÃO ADMINISTRATIVA PORTO (RA I)

### QUE ENGOBAM O TERRENO DO GASÔMETRO

- ▨ ÁREA DE ESPECIAL INTERESSE URBANÍSTICO (AEIU) DA REGIÃO DO PORTO
- ▬ BAIRRO SÃO CRISTÓVÃO
- REGIÃO ADMINISTRATIVA SÃO CRISTÓVÃO (RA VII)







## MOVIMENTOS DO PORTO MARAVILHA



Experimentação em técnica de cronofotografia digital, onde uma sequência de fotografias tiradas a partir do mesmo ponto é combinada em uma única imagem. Por detrás dos tapumes metálicos, o movimento incessante das máquinas. Zona Portuária, março de 2013.





**MOVIMENTOS DO PORTO MARAVILHA**







## MOVIMENTOS DO PORTO MARAVILHA



Segunda experimentação em cronofotografia digital. Ao fundo, chaminé e esqueleto do tanque de gás, elementos essenciais no Complexo do Gasômetro que excedem os limites do lote e marcam a paisagem em diferentes pontos. Sua presença estática se opõe aos movimentos do viaduto, sobre automóveis e sob pedestres.





## GASÔMETRO E LIMITES

*"Ao meu ver, para atravessar esse muro, já que de nada adianta bater-lhe com força, é preciso miná-lo lentamente e com paciência."*

Van Gogh (apud DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 184)



Dos limites físicos do lote do Gasômetro, exemplo de seteira que se repete em ritmo ao longo do muro do complexo, de aproximados 5 metros de altura.



Dos limites físicos do seu entorno, um passeio acompanhando o rasgo que a Linha Vermelha (construída em 1992) faz no tecido do bairro de São Cristóvão.



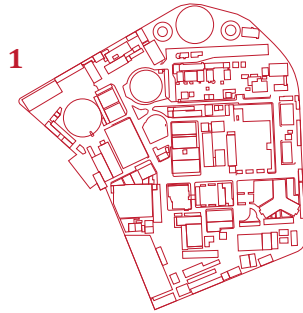
Das novas fronteiras que estão sendo desenhadas para a região, registro fotográfico das obras de demolição e abertura de vias do projeto Porto Maravilha.



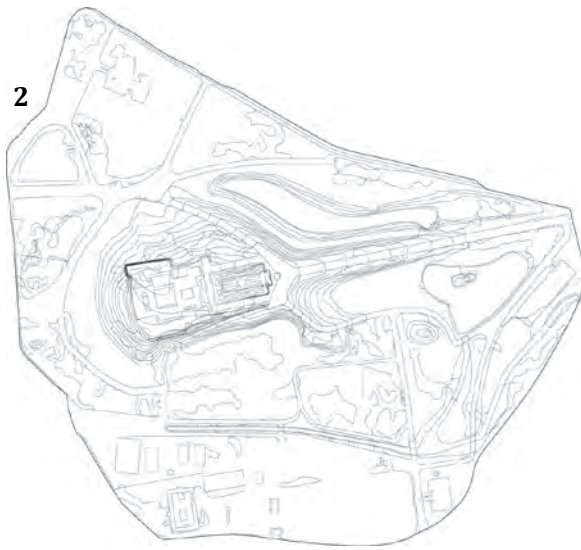
**COMPARATIVO DA ÁREA DE ALGUNS DOS PRINCIPAIS ESPAÇOS DE LAZER E EQUIPAMENTOS PÚBLICOS DO ENTORNO DO GASÔMETRO**







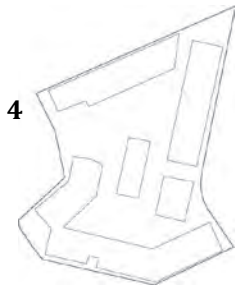
**GASÔMETRO**  
11,6 ha



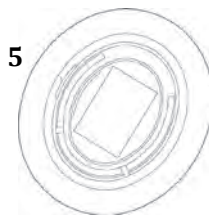
**QUINTA DA BOA VISTA**  
43,5 ha



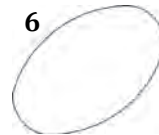
**CAMPO DE SANTANA**  
12,9 ha



**CIDADE DO SAMBA**  
7,26 ha



**ESTÁDIO DO  
MARACANÃ**  
6,53 ha



**PAVILHÃO DA FEIRA  
DE SÃO CRISTÓVÃO**  
2,84 ha

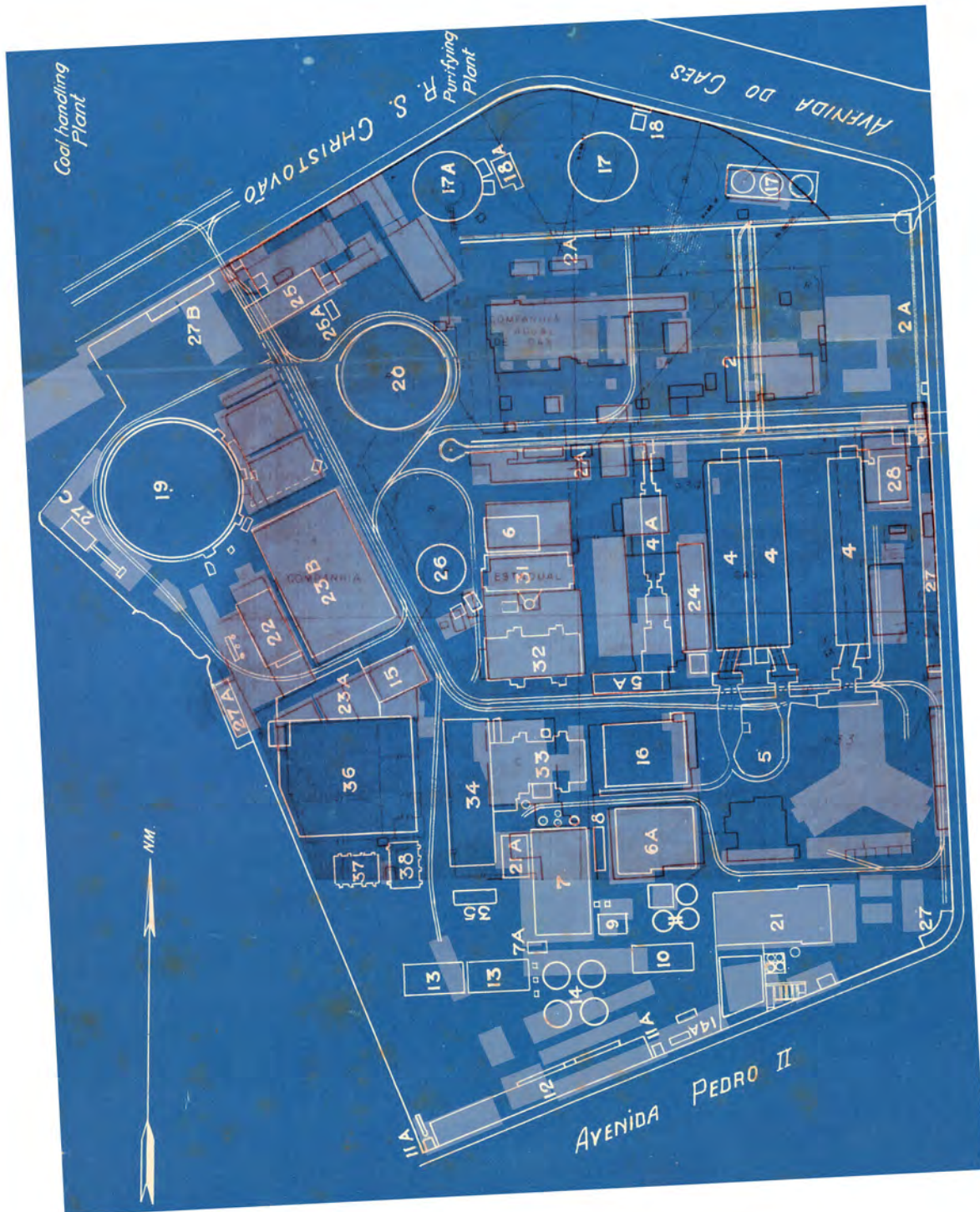


**PRAÇA XV**  
1,55 ha

## RECONHECIMENTO DOS FRAGMENTOS INDUSTRIAIS

*"Fragments of architecture (...) are all one actually sees. These fragments are like beginnings without ends. There is always a split between fragments that are real and fragments that are virtual, between memory and fantasy. These splits have no existence other than being the passage from one fragment to another. They are relays rather than signs. They are traces, they are in-between."*

(TSCHUMI, 1996, p. 95)



◁ Nesta imagem, três momentos do terreno são sobrepostos. As estruturas preenchidas em cinza claro são aquelas que existem atualmente. Os contornos mais avermelhados representam uma parte (não cobre o limite sul do lote) do que aparece em planta datada de 1996. O contorno branco, por sua vez, é a imagem mais fiel obtida dos primórdios do Gasômetro. Embora a carta não tenha data, estimo que seja entre 1911 e 1930.

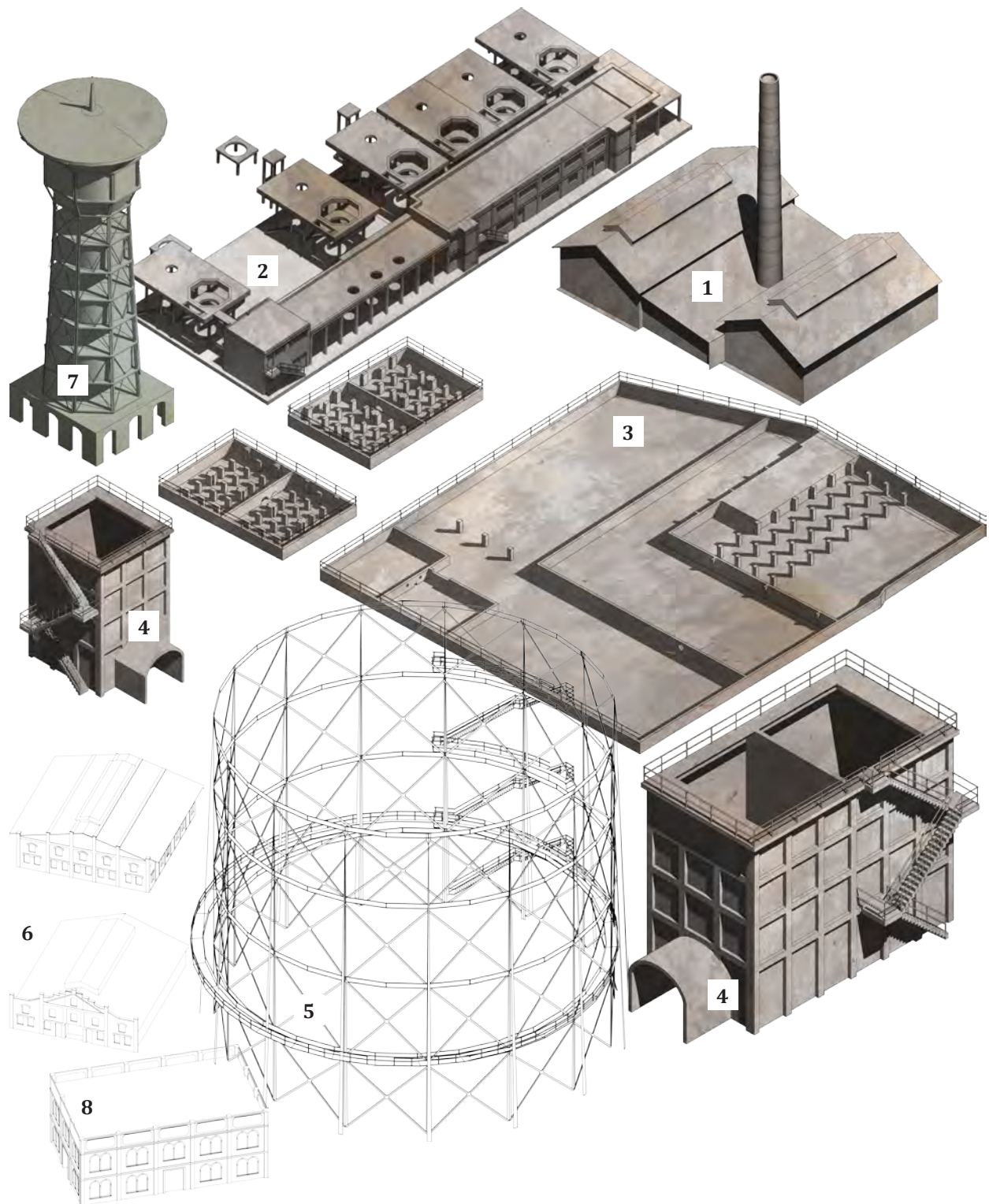
É interessante notar a quantidade de alterações na organização daquele espaço ao longo de 103 anos. Longe de uma visão totalizante, o que se nota são estruturas que desapareceram, que “engoliram” outras menores, que foram construídas no perímetro de outras que perderam a função, além de armazéns que tiveram seu uso adaptado e continuam lá. A imagem é sempre imprecisa, mas são estratos sobre estratos, cada um dando uma pista do que um dia existiu ali.



## RECONHECIMENTO DOS FRAGMENTOS INDUSTRIAIS

*"Fragmento", nome com a força de verbo e, todavia, ausente: rachadura, rastros sem restos, interrupção como palavra quando o cessar da intermitência não pára o devir, mas, ao contrário, o provoca na ruptura que a ele pertence."*

(Maurice Blanchot apud JACQUES, 2001, p. 46)





1



2



3



4



4



5



5



6



7



8



## RECONHECIMENTO DOS FRAGMENTOS INDUSTRIAIS



Sequência documentando as transformações recentes no complexo do Gasômetro, a partir de fotografias aéreas do Google Earth do período de 2002-2012. Nelas é possível acompanhar, por exemplo, o processo de desmontagem das estruturas industriais que se acelera a partir de 2006, o crescimento da vegetação e o rearranjo de espaços destinados ao estacionamento de veículos.





Registro da tubulação que percorre a caixa d'água do Gasômetro, março de 2013.

**1** Em foto aérea de 2008, **sombra do esqueleto de um dos tanques** que hoje já não se encontra no local.

**4** As estruturas em vermelho, que aparecem em planta da área datada de 1996, **ja não existem**. A maior delas cede lugar a um estacionamento.



**2** A partir de 1970, a nafta substitui o **carvão mineral na produção de gás na cidade**. Atualmente, resta apenas uma chaminé.

**3** Tanques de resfriamento. Esvaziados.



FIG.39

1



2



3



4



*“Se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real. O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói.” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 22)*

◁ Na figura ao lado, combino camadas reais do Gasômetro com outras imaginadas. De geometrias preenchidas por estruturas existentes a rastros e sombras de construções que já não existem no local, da água e da fumaça que agora só estão presentes no *mapa*.



# 8

## O QUE PODE O GASÔMETRO?

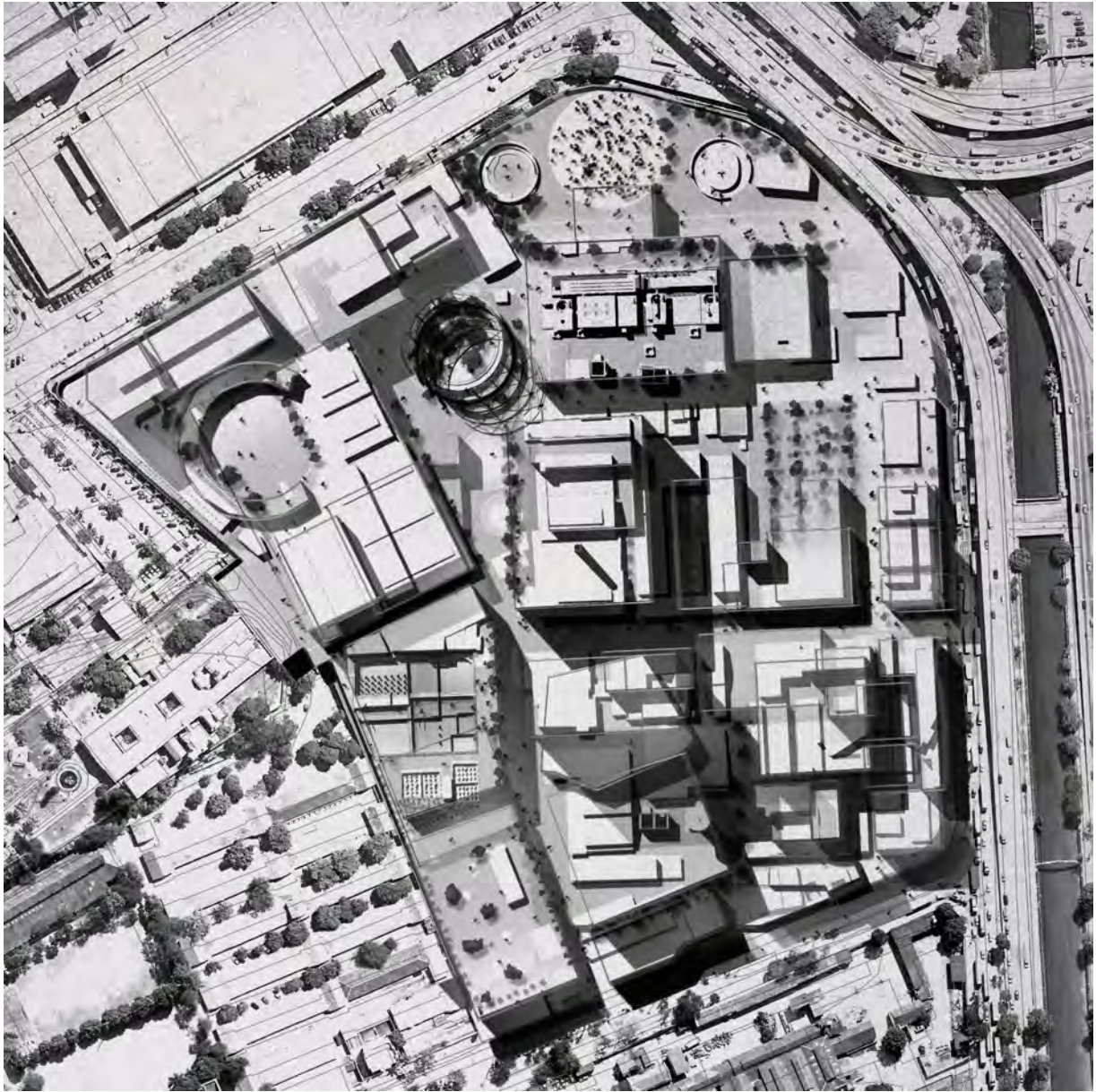
O Gasômetro pode subir ao céu, pode se embaralhar, pode dar lugar a novas construções, pode negar a história e resistir ao presente que lhe é imposto, pode ser lugar do devir, da experimentação, do cotidiano e do popular. Pode negar o espetáculo, pode não ter forma, pode ter muitas formas. Pode criar algo novo, pode preservar os limites existentes, se nutrir do constante embate entre o liso e o estriado. Nas próximas páginas, o objetivo é demonstrar que o Gasômetro pode abrigar tudo aquilo que não cabe na nova Zona Portuária.

Do desejo de não pautar as possibilidades na correspondência entre a forma e determinada função (ou vice-versa), optou-se por rejeitar o estudo de uma nova morfologia urbana para a área. Como argumento, defendo que pensar novas alternativas para o Gasômetro implica em acreditar que as possibilidades do terreno extravasam qualquer imposição formal, tipológica, de traçado e representação (ainda que a experimentação gráfica aqui o faça).

**Respondendo em termos urbanísticos à provocação feita no título deste trabalho, “o que pode o Gasômetro?”, a forma assinala que tudo é possível.**

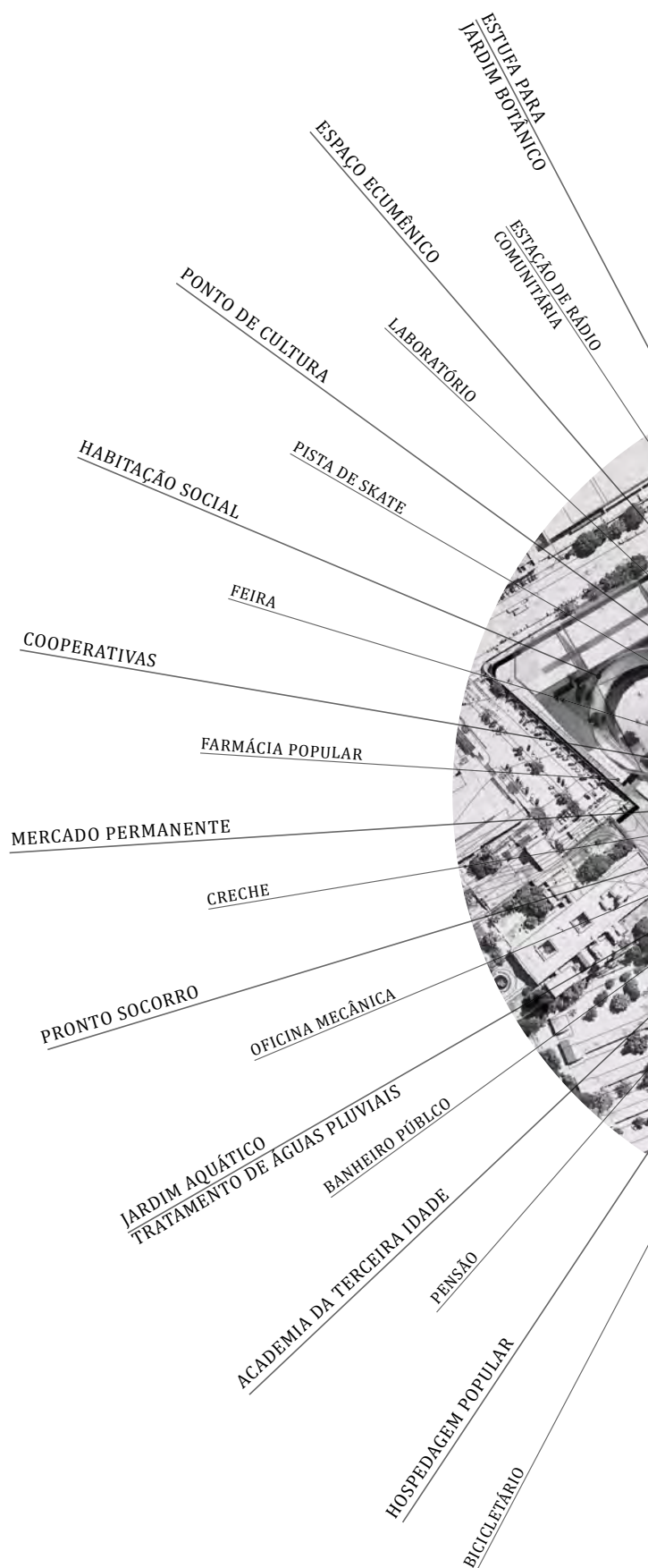
Na página ao lado, a superposição de muitos novos traçados e sombras de construções, que na realidade não conseguiriam ocupar um mesmo espaço, representa em termos gráficos uma forma geral abertamente inatingível para a área.



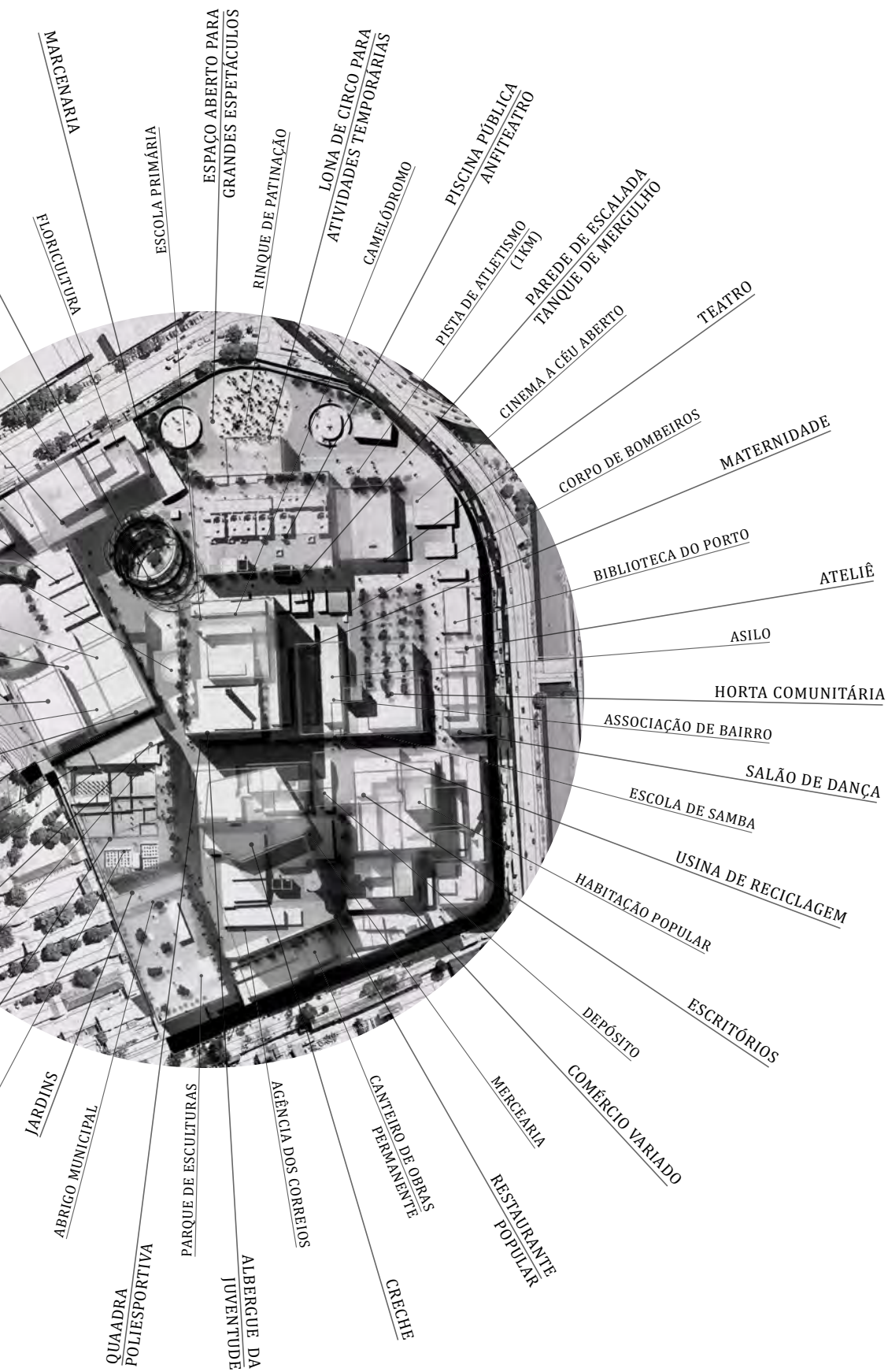


Deslocando a problemática para a função, o que instalações industriais e novas construções podem abrigar, quais significados podem ser produzidos a partir da herança fabril? Colocando novamente o questionamento “o que pode o Gasômetro?”, a resposta caminha em direção ao **menor, público, cotidiano e popular**, assumindo que um projeto para aquele local pode ser povoado pela potência de tudo que até o momento não se encaixa nos planos para o Porto Maravilha, ou seja, “**tudo que sobrou**” do lado de fora.

Partindo desta premissa, a peça ao lado propõe as mais variadas atividades para a área, ainda que “impossíveis” se analisadas sob a égide do projeto hegemônico de Porto Maravilha. Assim como em sua forma, o Gasômetro combina mais de 50 funções que não foram escolhidas seguindo critérios rígidos de viabilidade financeira e compatibilidade de usos. Ao invés, o exercício situa em um só lugar a multiplicidade de atividades que deixam de ser consideradas para os cinco milhões de metros quadrados da região central da cidade, às custas de um projeto pautado unicamente nos desejos e forças do mercado. Dentre outros, integram a proposta unidades de habitação popular, espaços para geração de trabalho e renda, áreas de lazer e espaços públicos, esboçando outras apropriações para os 12 ha de área e para o Porto Maravilha, que ultrapassam o conceito de “vitalidade” prometido pelos novos empreendimentos multiuso (flat + hotel + shopping + centro de convenções) do entorno.







## **DESAPARECE O MURO, CONTINUA O LIMITE**

Durante este trabalho, o “limite” aparece nos apontamentos iniciais e na exposição da obra de Bernard Tschumi, sendo reapresentado posteriormente na caracterização da área. O limite, condição para Tschumi e potência para Paola Jacques, no entorno do Gasômetro é apreendido através dos viadutos e muros, mas também em outros fenômenos não menos violentos, de novos planos e traçados que escapam à concretude das barreiras físicas.

Se a proposta aqui esboçada não se preocupa em disputar em sua forma e altura com o projeto hegemônico, o mesmo pode ser dito a respeito dos limites. A intenção não é vencer os limites, ou seja, conceber uma integração entre a resistência menor no interior do lote e o progresso observado no seu entorno. Ao contrário, deve haver um limite claro a atravessar. Se a disputa entre Porto Maravilha e Devir-Gasômetro se coloca em outros planos, promover a integração entre ambos os lados não se resumiria a operações físicas e arquitetônicas de apagamento destes limites.

Assim, enquanto proposta, optou-se por preservar a relação de conflito entre o Gasômetro e o novo entorno de torres e viadutos que atualmente se desenha. O muro que hoje circunda o terreno pode e deve ser removido, mas a oposição entre interior e exterior continua presente, seja na diferença de alturas, na diferença de usos ou na criação de algo de fato novo. O Gasômetro e apenas ele, o legítimo espaço liso, heterogêneo e experimental.





A unidade do muro que há mais de cem anos separa o terreno do Gasômetro do seu entorno se desintegra: desaparece o limite físico, permanecem as diferenças entre o interior e o exterior.





Em mapa da área, a imagem imprecisa proposta para o Gasômetro contrasta com a sombra dos empreendimentos imobiliários prometidos para o Porto Maravilha. A nova situação é deduzida a partir do material de divulgação dos projetos: (1) Trump Towers; (2) Porto Maravilha Corporate; (3) Torre Carioca; (4) empreendimento da WTorre; (5) Hotel do concurso Porto Olímpico; (6) novas quadras com gabarito máximo de 120m.





4

2

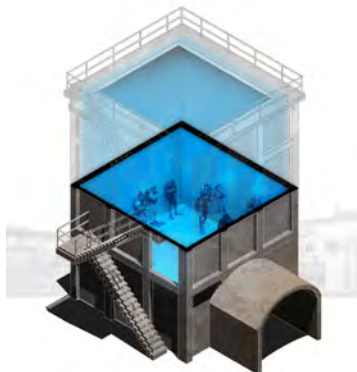
6

5

1

3





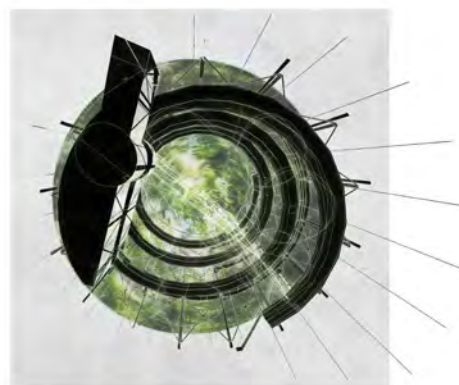
Proposta 1: tanque de mergulho



Proposta 2: aquário



Proposta 3: piscina



Proposta 4: jardim botânico

## EXPRESSÕES DO (IM)POSSÍVEL PARA O GASÔMETRO

Deste ponto em diante, proponho novos usos para algumas estruturas existentes no Complexo do Gasômetro, que por sua forma e atual estado de abandono são encaradas como exemplares ao exercício. Através de cortes e perspectivas, as sete propostas esboçadas são figuras expressivas do "tudo pode", das infinitas possibilidades de transformação a partir da herança industrial construída.





Proposta 4: jardim botânico



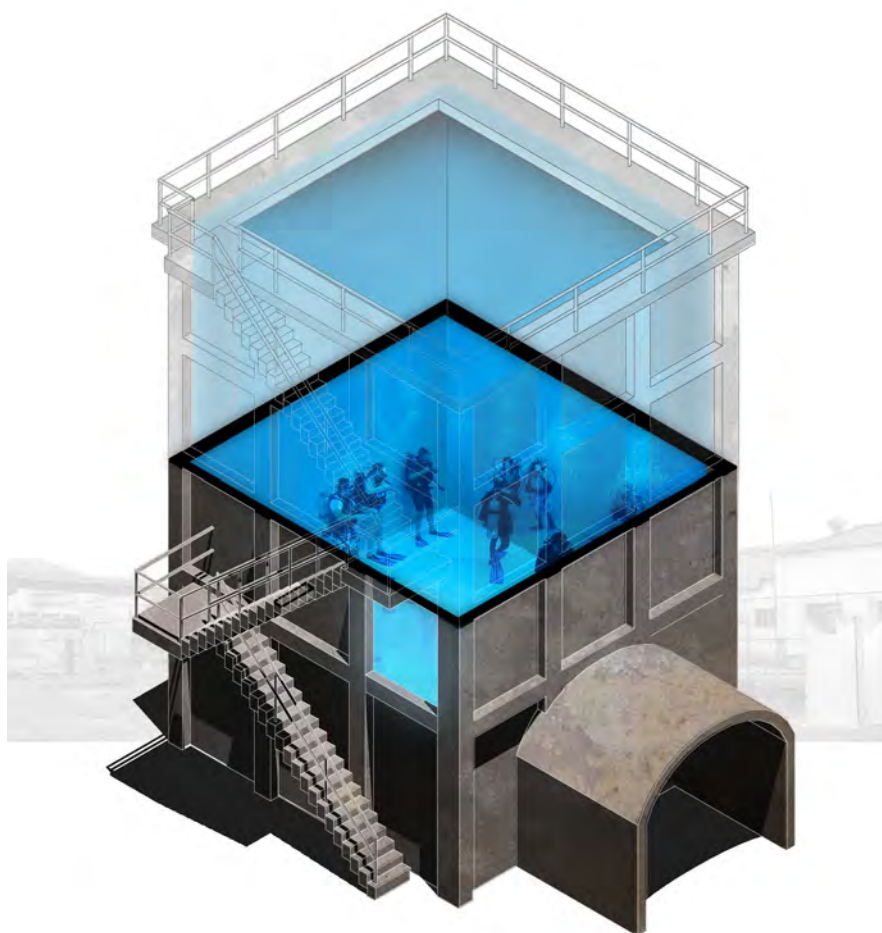
Proposta 5: habitação



Proposta 6: jardim de chuva

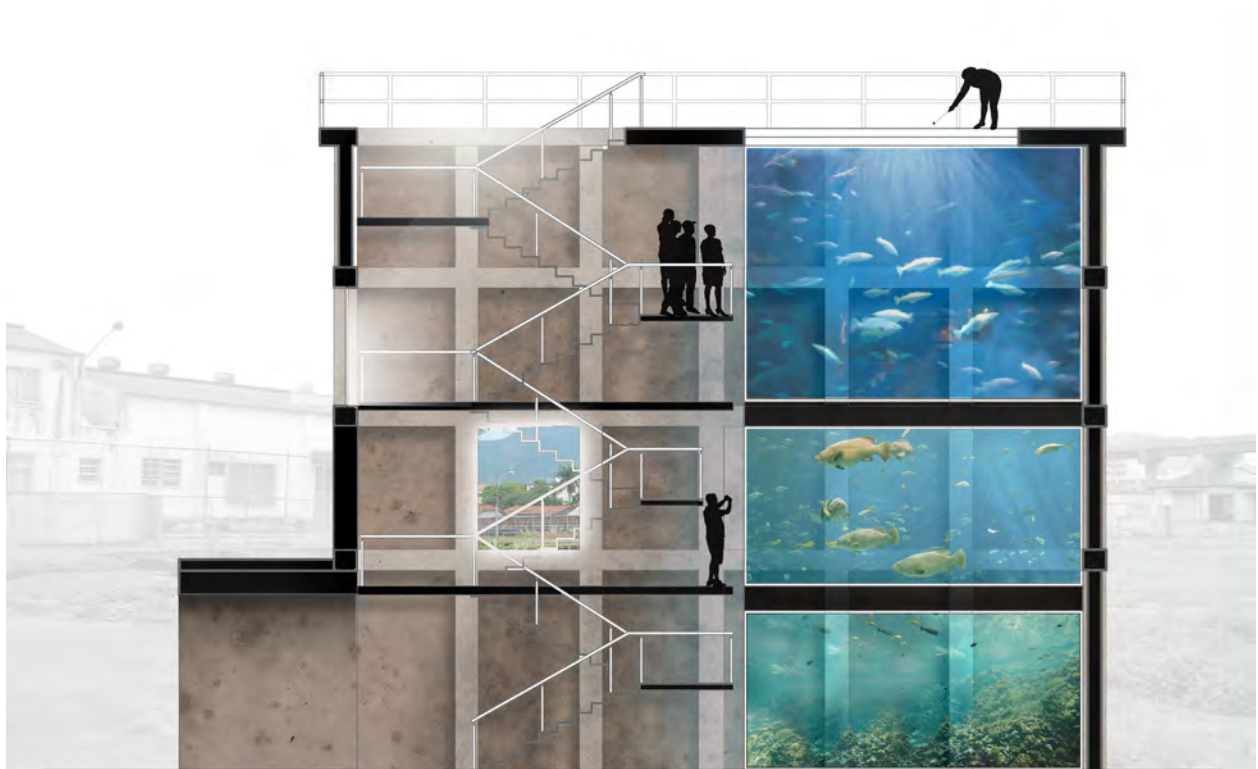


Proposta 7: escola



### **PROPOSTA 1: ~~FORNO DE COQUERIA~~ TANQUE DE MERGULHO**

Em seu interior, o forno de coqueria passa a abrigar tanques para treinamento de mergulho. O acesso ao tanque se dá pelo topo da estrutura, através da circulação vertical externa preexistente.



## PROPOSTA 2: ~~FORNO DE COQUERIA~~ AQUÁRIO

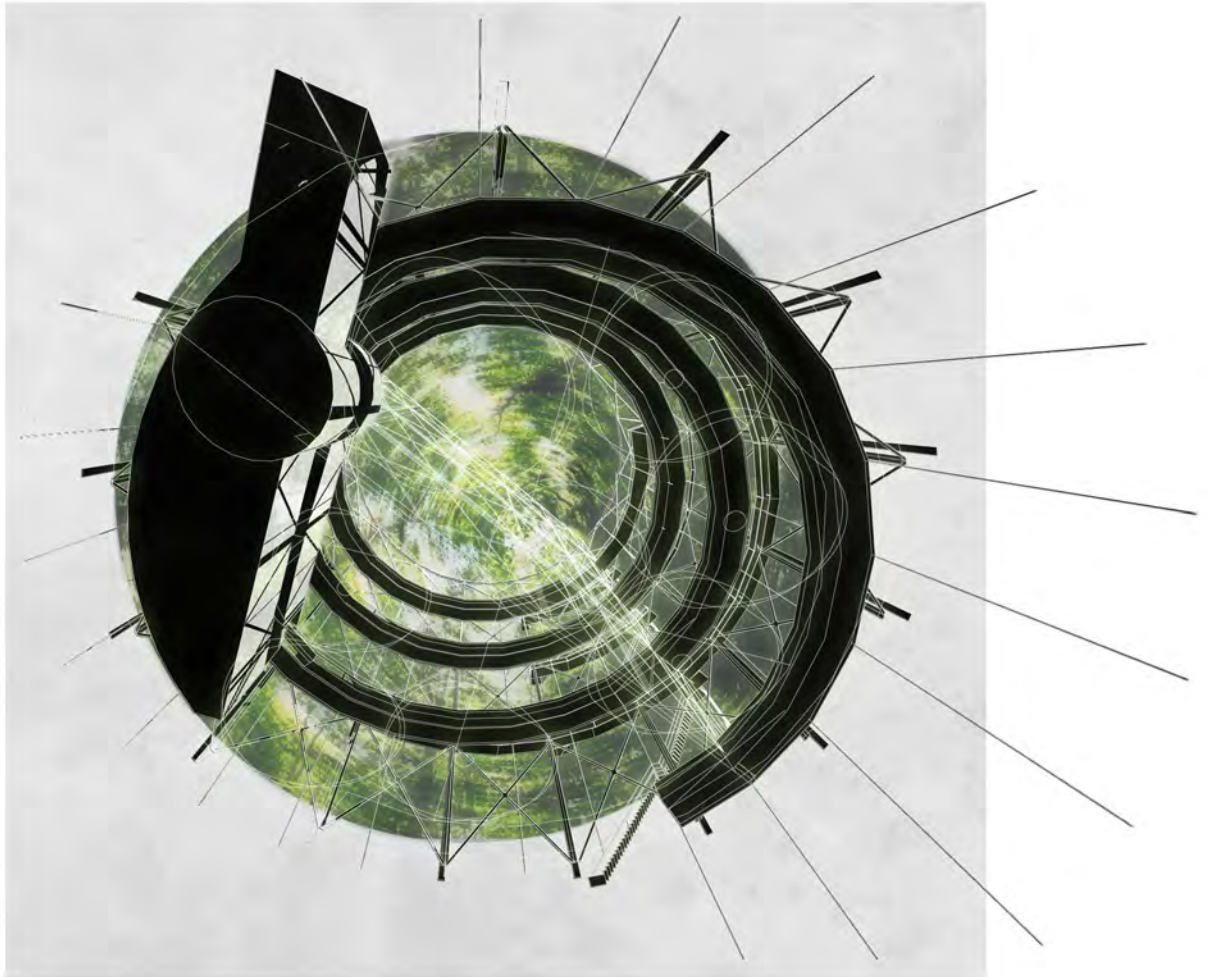
O forno de coqueria de maior dimensão funciona como aquário. Patamares e uma nova circulação dando acesso ao topo são criados no interior da construção. Um pavimento técnico é escavado no subsolo do forno.





### **PROPOSTA 3: CILINDRO DO GASÔMETRO-PISCINA PÚBLICA**

No perímetro de um antigo tanque de gás, a "pele" de concreto que ainda restou conforma uma nova piscina pública circular. Voltada para a recreação, suas bordas rasas se adaptam para a altura das crianças, enquanto o centro é destinado aos adultos.



#### **PROPOSTA 4: ~~GASÔMETRO~~ ESTUFA DE JARDIM BOTÂNICO**

O esqueleto do Gasômetro se torna uma estufa de jardim botânico. O piso de concreto é retirado e o solo contaminado é substituído. Uma nova rampa helicoidal se desenvolve por 30 metros de altura, no interior da estrutura existente, acompanhando trepadeiras e jardins suspensos.





**PROPOSTA 4: GASÔMETRO ESTUFA DE JARDIM BOTÂNICO**  
escala aprox. 1:200









### PROPOSTA 5: ~~ARMAZÉM~~ HABITAÇÃO

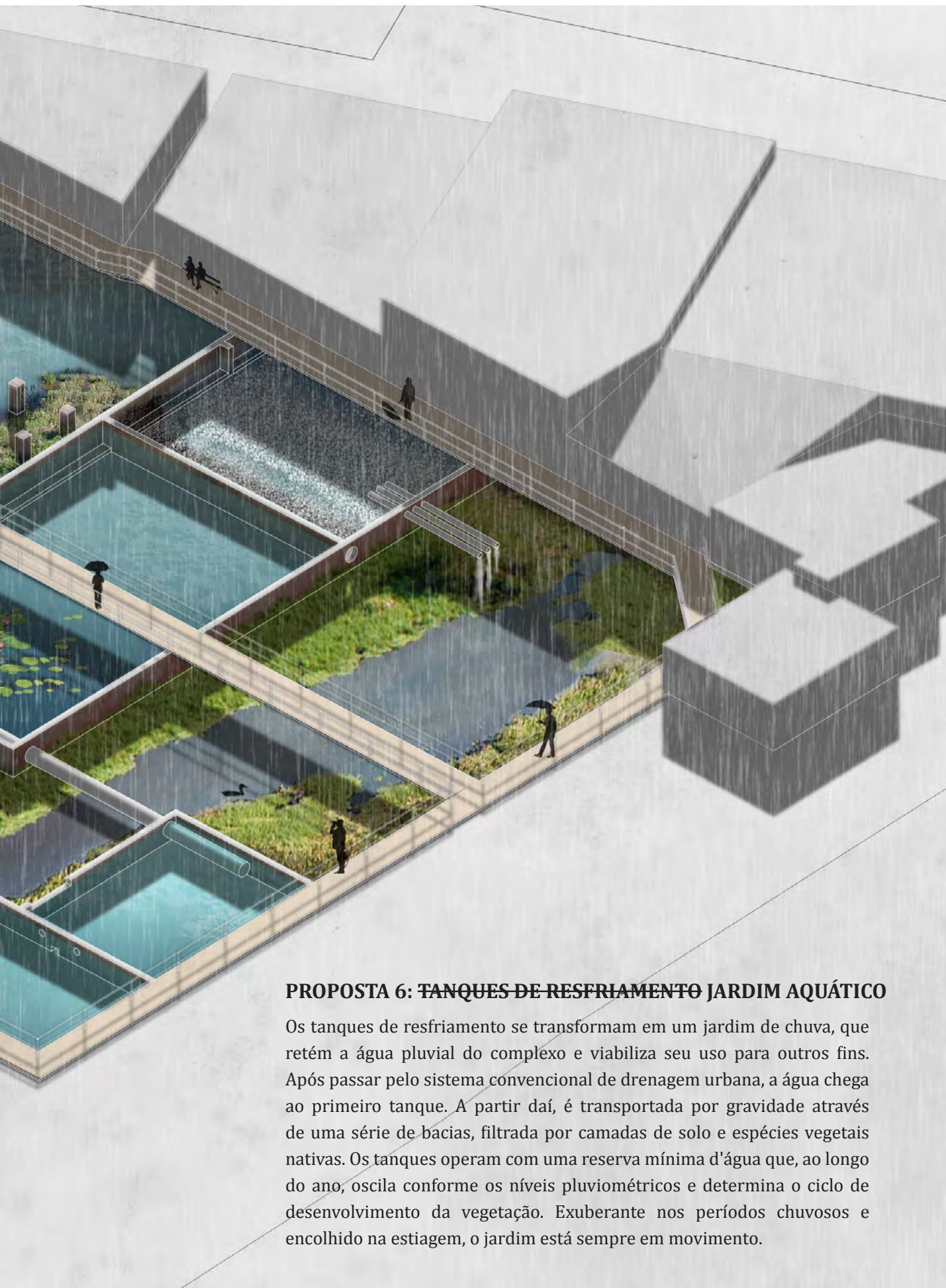
Armazéns são convertidos em espaços que passam a abrigar, por exemplo, unidades habitacionais, atividades comerciais e cooperativas de geração de trabalho e renda.











### **PROPOSTA 6: TANQUES DE RESFRIAMENTO JARDIM AQUÁTICO**

Os tanques de resfriamento se transformam em um jardim de chuva, que retém a água pluvial do complexo e viabiliza seu uso para outros fins. Após passar pelo sistema convencional de drenagem urbana, a água chega ao primeiro tanque. A partir daí, é transportada por gravidade através de uma série de bacias, filtrada por camadas de solo e espécies vegetais nativas. Os tanques operam com uma reserva mínima d'água que, ao longo do ano, oscila conforme os níveis pluviométricos e determina o ciclo de desenvolvimento da vegetação. Exuberante nos períodos chuvosos e encolhido na estiagem, o jardim está sempre em movimento.









### **PROPOSTA 7: USINA DE NAFTA ESCOLA**

Salas de aula em contêiners, playgrounds e lajes ajardinadas integram a estrutura superdimensionada da usina central de Nafta, concebida para suportar grandes cargas industriais. Criando novos níveis, cortando construções e sobrepondo camadas de função à forma existente, a adaptação permite distintas configurações e diferentes graus de conexão entre os espaços.



**PORTO MARAVILHA CORPORATE:** "as duas **torres comerciais**, uma com 31 pavimentos e outra com 36, atingem uma altura de **150 metros** que se destacam no skyline da cidade, sendo percebidas por todos os eixos visuais de chegada do empreendimento e até mesmo pelo mar. Elas se conectam do 29º ao 31º andar como uma edificação única, que, segundo os arquitetos, garante uma identidade única ao arranha-céu. Na cobertura haverá **salas de reunião, auditório e restaurante** com acesso direto pela rua, que faz deste pavimento uma praça elevada. No nível do térreo estão localizados todos os halls de acessos, bem como um conjunto de **lojas** com grande recuo da rua para garantir calçadas amplas e agradáveis. Na face posterior do terreno haverá uma passagem para pedestres com características de boulevard."

(fonte: [www.arqbacana.com.br](http://www.arqbacana.com.br))

**TRUMP TOWERS RIO** "será um conjunto de cinco **torres AAA de 150 metros de altura** com 38 andares, 322.400 metros quadrados de área computável de **escritórios corporativos** e área total construída incluindo **espaços comerciais** e subsolos cerca de 450.000 metros quadrados. Esse projeto será o primeiro com o nome do **TRUMP** no Brasil e o maior **complexo urbano de escritórios corporativos** nos países BRIC. Porto Maravilha é o novo **centro empresarial** do Rio de Janeiro que está sendo construído com investimentos em infraestrutura de mais de 8 bilhões de reais (cerca de 4 bilhões de dólares) até os Jogos Olímpicos de 2016. **TRUMP TOWERS RIO** será o núcleo desse novo centro empresarial com seu **padrão AAA nível internacional**, a sua escala e localização na zona com os **prédios mais altos do Porto Maravilha**. O plano das incorporadoras MRP International e Even é de alugar os escritórios corporativos para **grandes empresas brasileiras e multinacionais** e oferecer as torres à venda para investidores de longo prazo."

(fonte: [www.trumptowersrio.com](http://www.trumptowersrio.com))



## VISTA ESQUEMÁTICA - FACHADA NORTE

Em primeiro plano, o "novo" Gasômetro em pleno funcionamento. Na fumaça que sai da chaminé do complexo flutuam múltiplas atividades que escapam do projeto vigente para a Zona Portuária. Ao fundo, alguns dos empreendimentos prometidos para o entorno do terreno: torres comerciais de 150 metros no padrão *triple A* internacional, o maior complexo corporativo da cidade, etc.

**TORRE DO CONCURSO PORTO OLÍMPICO:**  
"o projeto estabelece um **marco referencial** forte na paisagem em sintonia com a criação de espaço público de grande interesse paisagístico e ambiental. Tem bom aproveitamento do potencial construtivo proposto para o setor. Apresenta **grande elegância e beleza plástica**, integrando os espaços públicos, à torre do **Hotel** e aos **edifícios corporativos**. Destaca-se, também, a boa articulação entre esses elementos e o **Centro de Convenções**."

(fonte: [http://www.concursoportoolimpico.com.br/\\_media/sumula\\_julgamento.pdf](http://www.concursoportoolimpico.com.br/_media/sumula_julgamento.pdf))

"O **TORRE CARIOCA** possuirá duas torres, sendo a primeira torre composta por **salas comerciais**, de 30m<sup>2</sup> a 60m<sup>2</sup>, com 19 unidades por pavimento e 6 elevadores, e a segunda torre composta por **lajes corporativas** (andares corporativos), a partir de 1.550m<sup>2</sup> por laje, com 12 elevadores. Com uma arquitetura moderna e infraestrutura com alta tecnologia, o Torre Carioca era o empreendimento que faltava para você instalar sua empresa na Zona Portuária do Rio de Janeiro. O Torre Carioca ainda terá: **heliponto**, **1.286 vagas** distribuídas nos pavimentos destinados às garagens, 6 lojas localizadas no térreo, central de serviços, restaurante e Coffee Shop, salas de reuniões e auditórios, salas de segurança, Fitness / Spa, terraço panorâmico. O Torre Carioca fica localizado na Avenida Francisco Bicalho, Porto Maravilha, Centro - RJ. Empreendimento **triple A** com excelente oportunidade para investimento em salas comerciais e andares corporativos."

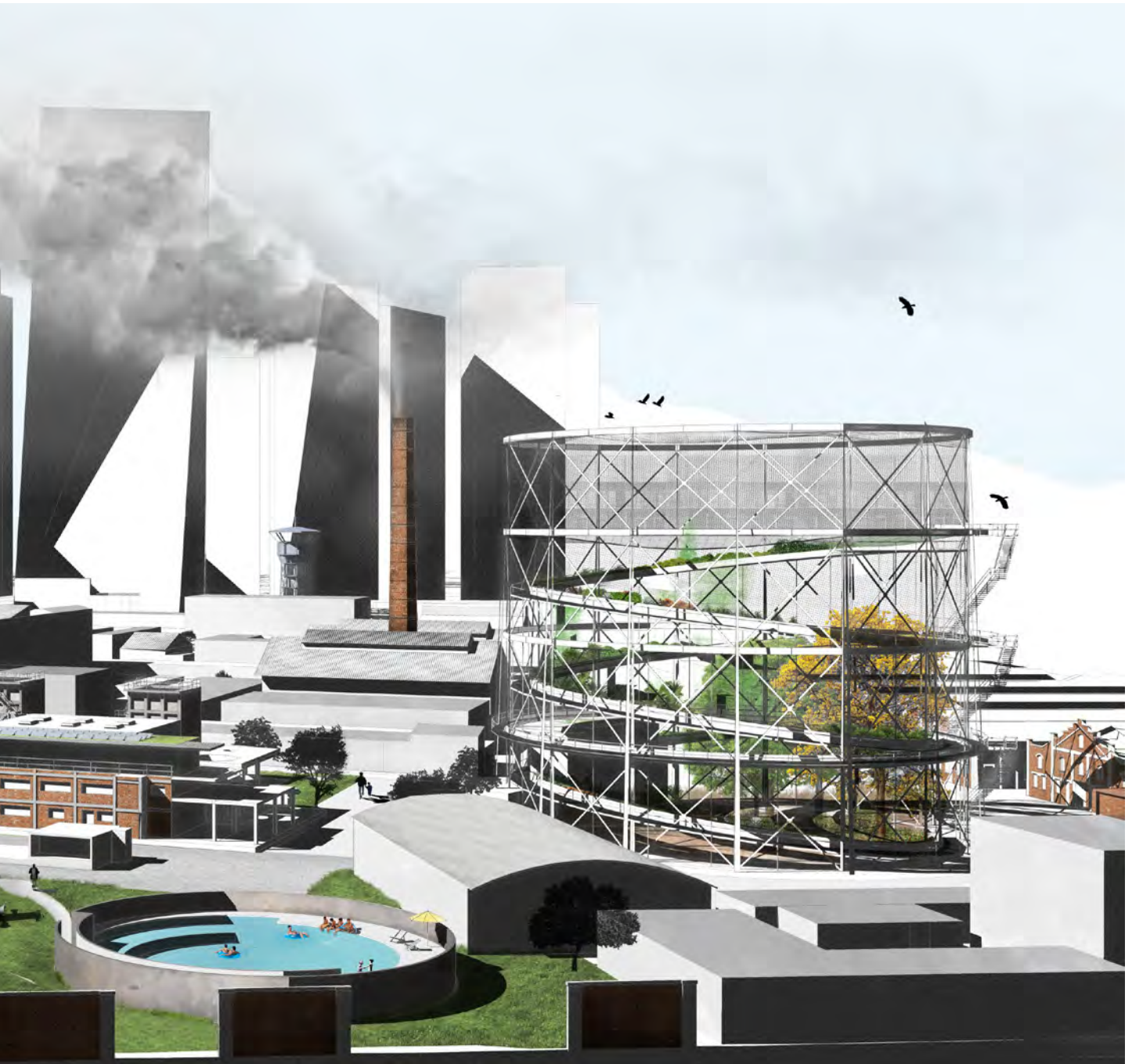
(fonte: [www.torre carioca portomaravilha.com.br](http://www.torre carioca portomaravilha.com.br))

















## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, L. P. **Dobras Deleuzianas, Desdobramentos de Lina Bo Bardi. Considerações sobre “desejo” e o “papel do arquiteto” no espaço projetado.** Arqtextos, São Paulo, 13.146, Vitruvius, jul 2013. <[www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/13.146/4422](http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/13.146/4422)>. Data de acesso: 19 Jul. 2013.
- COMITÊ POPULAR COPA E OLIMPÍADAS RIO DE JANEIRO. **Megaeventos e Violações dos Direitos Humanos no Rio de Janeiro:** Dossiê do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro. 2013.
- DELEUZE, G. **Conversações.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Rio de Janeiro: Ed. 34, v. 1, 1995.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Rio de Janeiro: Ed. 34, v. 5, 1997.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia.** 2ª. ed. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- DERRIDA, J. Uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento / Une certaine possibilité impossible de dire l'événement (Tradução de Piero Eyben). **Revista Cerrados**, Brasília, 21, n. 33, set. 2012. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/cerrados/article/view/8242/6240>>. Data de acesso: 01 Mai. 2013.
- GASPARI, E. **A ditadura envergonhada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético.** São Paulo: Ed. 34, 1992.
- JACQUES, P. B. **Estética da ginga: a arquitetura das favelas na obra de Hélio Oiticica.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.
- MAGNAVITA, P. O Lugar da Diferença. In: **Revista de Urbanismo e Arquitetura**, América do Norte, 6, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rua/article/view/3233>>. Data de acesso: 17 Mai. 2013.
- MARCHI, P. M. Fronteiras urbanas em transição. In: CARAMELLA, E. **Mídias: multiplicação e convergências.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.
- MELO FILHO, M. **A história do gás: do Rio de Janeiro para o Brasil.** Rio de Janeiro: CEG, 2005.
- MOREIRA, C. C. **Ville et devenir: un portrait philosophique du devenir-village des métropoles.** Paris: Harmattan, 2009.
- NESBITT, K (ORG.). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995).** 2ª. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

- OLIVEIRA, F. L. A metáfora cidade-empresa no planejamento estratégico das cidades. In: **Cadernos IPPUR**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 141-162, jan./jul. 1999.
- PASSOS, F. D. R. L. **Entre a espetacularização urbana e as vivências nos espaços públicos**: descortinando coletivos culturais na Zona Portuária do Rio de Janeiro. 2011. 155f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2011.
- PONDÉ, F. P. A. **O gás na iluminação e na calefação da Cidade do Rio de Janeiro**. Rio: Companhia Estadual de Gás, 1971.
- PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. **Plano Estratégico da Prefeitura do Rio de Janeiro: 2013-2016**. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?article-id=2752545>>. Data de acesso: 7 Jun 2013
- RAVEN, P. H.; EVERT, R. F.; EICHHORN, S. E. **Biologia Vegetal**. 5a. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996.
- RIBEIRO, A. C. T. Acumulação primitiva de capital simbólico: sob a inspiração do Rio de Janeiro. In: JEUDY, H. P.; JACQUES, P. B. **Corpos e cenários urbanos**: territórios urbanos e políticas culturais. Salvador: EDUFBA, 2006.
- SÁNCHEZ, F. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial**. 2a. ed. Chapecó: Argos, 2010.
- SOLFA, M. **Interlocações entre arte e arquitetura como práticas críticas**: a teoria arquitetônica de Bernard Tschumi e a cena artística dos anos 1970. 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, São Carlos. 2010.
- STONER, J. **Toward a Minor Architecture**. Cambridge: MIT Press, 2012.
- TSCHUMI, B. **Architecture and Disjunction**. Cambridge: MIT Press, 1996.
- TSCHUMI, B. **Event-Cities 3**: Concept vs. Context vs. Content. Cambridge: MIT Press, 2004.
- TSCHUMI, B. **The Manhattan Transcripts**. Londres: Academy Editions, 1994.
- VAINER, C. Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano. In: ARANTES, O.; MARICATO, E.; VAINER, C. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 75-103.
- ZOURABICHVILI, F. **O Vocabulário de Deleuze**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Sinergia, 2004.

## CITAÇÕES TRADUZIDAS

### Traduções livres.

**NOTA 7 pág. 17:** "O evento aqui é visto como um ponto de inflexão - não uma origem ou fim - em oposição a proposições como "a forma segue a função". Gostaria de propor que o futuro da arquitetura se situa na construção de tais eventos."

**NOTA 93 pág. 70:** "Quando o filósofo Jean-François Lyotard fala sobre uma crise das grandes narrativas da modernidade (...), apenas se prefigura a crise de qualquer narrativa, qualquer discurso, qualquer forma de representação. A crise dessas grandes narrativas, suas totalidades coerentes, é também a crise dos limites. Assim como na cidade contemporânea, já não há fronteiras delineando um todo coerente e homogêneo. Ao contrário, habitamos um espaço fraturado, feito de incidentes, onde figuras são desintegradas, *des-integradas*. Da atenção desenvolvida por séculos ao redor da "aparência de uma imagem estável" ("balança", "equilíbrio", "harmonia"), hoje permitimos uma sensibilidade ao desaparecimento de imagens instáveis: no início filmes (24 imagens por segundo), depois imagens digitais, e recentemente (entre alguns arquitetos) disjunções, desarticulações, desconstruções."

**NOTA 94 pág. 70:** "É paradoxal que em três mil anos de ideologia arquitetônica tentou-se afirmar o oposto: que a arquitetura diz respeito a estabilidade, solidez, fundação. Eu diria que a arquitetura foi utilizada "à contre-emploi", contra e a despeito de si mesma, a medida que a sociedade tentou empregá-la como uma forma de estabilizar, institucionalizar, estabelecer a permanência."

**NOTA 98 pág. 71:** "De fato, se historicamente a arquitetura sempre foi definida como a "síntese harmoniosa" de custo, estrutura, uso e restrições formais (*venustas, firmitas, utilitas*), o Parque se tornou a arquitetura contra si mesma: uma des-integração."

**NOTA 99 pág. 72:** "Para Foucault, um evento não é simplesmente uma sequência lógica de palavras ou ações, mas sim "o momento de erosão, colapso, questionamento, ou problematização dos próprios pressupostos da configuração na qual um drama pode acontecer - propiciando a chance ou possibilidade ou outra configuração diferente."

**PÁG. 79, STONER:** "Toda cidade tem sua ecologia profunda, suas geometrias de vazios, inventários de desperdício, políticas de espaço e consequentes linhas de fuga. (...) Como um livro que ninguém está lendo, um prédio vazio vibra com intensidades não vistas, pronto para derramar seu excesso, seu fardo de gramáticas exaustas, sua sintaxe de lucratividade: seu interior enclausurado e sua casca frágil. Se pudermos, deixemo-nos imaginar o vazio recalibrado, o espaço desdobrado em direção ao uso liso, escorregadio e inconformável."

**PÁG. 100, TSCHUMI:** "Fragmentos de arquitetura são tudo aquilo que um indivíduo atualmente vê. Estes fragmentos são como inícios sem fim. Há sempre uma separação entre fragmentos que são reais e fragmentos que são virtuais, entre memória e fantasia. Essas separações não tem existência senão como a passagem de um fragmento ao outro. Eles são retransmissões ao invés de signos. Eles são vestígios, são entres."



## CRÉDITO DAS FIGURAS

### Todas as figuras sem numeração e/ou não indicadas nesta lista são de autoria própria.

FIG.1 pág. 14: Correio da Manhã, 24-06-1911. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil.

FIG.2 pág. 15: Mortimer. Acervo Fotográfico da Light.

FIG.3 pág. 15: Mortimer. Acervo Fotográfico da Light.

FIG.4 pág. 24: s/d. Acervo Fotográfico da Light.

FIG.5 pág. 25: Mortimer. Acervo Fotográfico da Light.

FIG.6 pág. 26: <http://aprendagratis.cla08.net/2010/11/cultivo-de-bambu/>

FIG.7 pág. 33: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil.

FIG.8 pág. 35: PONDÉ, 1971.

FIG.9 pág. 37: Anúncio publicitário extraído da "Revista da Semana", 28/4/1951. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil. Fotografia atual da área de autoria própria.

FIG.11 pág. 48: [http://noticiasrio.rio.rj.gov.br/index.cfm?sqncl\\_publicacao=18889](http://noticiasrio.rio.rj.gov.br/index.cfm?sqncl_publicacao=18889)

FIG.12 pág. 48: <http://www.portovidaresidencial.com.br/>

FIG.13 pág. 49: <http://concursoportoolimpico.com.br>

FIG.14 pág. 49: <http://extra.globo.com/esporte/rio-2016/prefeitura-iab-anunciam-vencedor-do-concurso-porto-olimpico-2126059.html>

FIG.15 pág. 51: <http://www.youtube.com/watch?v=RxXwbGBnX8w>

FIG.10 pág. 47: MELO FILHO, 2005.

FIG.16 pág. 57: PONDÉ, 1971.

FIG.17 pág. 60: Holland, S. H. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

FIG.18 pág. 61: <http://www.investanoportomaravilha.com.br>

FIG.19 pág. 63: Cesar Duarte / Argosfoto: <http://argosfoto.photoshelter.com/image/I0000jYRSP2a1ink>

FIG.20 pág. 65: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil.

FIG.21 pág. 65: "O Globo", 08/04/2012. Caderno "Morar Bem", p. 1.

FIG.22 pág. 66: <http://www.flickr.com/photos/shotam/2579756737/>

FIG.23 pág. 75: <http://archleague.org/main/wp-content/uploads/2012/09/Parc-de-la-Villette-%C2%A9Sophie-Chivet.jpg>

FIG.24 pág. 76: [http://ead.nb.admin.ch/web/biennale/bi06\\_A/Bilder\\_Tschumi/Villette/02.BernardTschumiArchitects.jpg](http://ead.nb.admin.ch/web/biennale/bi06_A/Bilder_Tschumi/Villette/02.BernardTschumiArchitects.jpg)

FIG.25 pág. 76: <http://www.bram-van-loon.nl/Eemshavenpaviljoen/parcdelavillette/03BernardTschumiArchitects.jpg>

FIG.26 pág. 77: Fonte desconhecida.

FIG.27 pág. 77: <http://paulmacmahon.files.wordpress.com/2013/03/parc-de-la-villette-2.jpg>

FIG.28 pág. 78: <http://www.40forever.com.br/wp-content/uploads/2012/03/galerie2.jpg>

FIG.29 pág. 78: [http://farm7.staticflickr.com/6177/6172801060\\_35ed8481fe\\_b.jpg](http://farm7.staticflickr.com/6177/6172801060_35ed8481fe_b.jpg)

FIG.30 pág. 80: <http://www.landezine.com/index.php/2011/08/post-industrial-landscape-architecture/>

FIG.31 pág. 82: <http://osoldeseattle.wordpress.com/2013/04/27/de-usina-a-parque-o-gasworks-park/>

FIG.32 pág. 82: <http://www.flickr.com/photos/tintagel22/2284561746/>

FIG.33 pág. 83: <http://www.landezine.com/index.php/2011/08/post-industrial-landscape-architecture/>

FIG.34 pág. 83: <http://www.landezine.com/index.php/2011/08/post-industrial-landscape-architecture/>

FIG.35 pág. 84: <http://jp-viagenscaminhos.blogspot.com.br>

FIG.36 pág. 85: [http://commons.wikimedia.org/wiki/File:NRW,\\_Oberhausen,\\_Gasometer\\_02.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:NRW,_Oberhausen,_Gasometer_02.jpg)

FIG.37 pág. 85: <http://style.time.com/2013/03/21/big-air-package-christos-heavenly-installation-unveiled-in-germany/>

FIG.38 pág. 106: Google Earth.

FIG.39 pág. 109: Fonte desconhecida.

FIG.40 pág. 144: <http://oglobo.globo.com/economia/porto-maravilha-deve-ganhar-megacomplexo-imobiliario-de-35-bilhoes-9166427>.

FIG.40



*"A história do arranha-céu fechado é a de um poder que desde a plenitude de sua estrutura exige articular qualquer iniciativa que permita a reprodução de seu ritmo biológico: a autocracia recomeça sempre o sonho da autarquia, mas em cada uma dessas articulações, o poder encontra outra coisa – obstáculos, um contra-poder. Linhas heterogêneas de desenvolvimento. Forças que não querem entrar no Palácio, que o odeiam. E assim o matam? Só com este afastamento ativo? Talvez. O que é certo, em todo caso, é que lutamos no exterior e contra o Palácio. Esta luta entre a morte e uma nova vitalidade se desenvolve continuamente."*

— Toni Negri, em "Manhattan (1977-1978)"





